

Edição de texto numa redação: O caso do semanário *Sol*

Simoneta do Nascimento Vicente

Trabalho de Projecto em Edição de Texto

Abril de 2016

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

Para os meus pais, Joaquim José e Maria da Graça

Agradecimentos

Em primeiro lugar, obrigada às incansáveis Cristina e Carolina Silva por tornarem esta experiência possível.

À Ana Paula Azevedo, minha orientadora no Sol, por ter puxado por mim e por me ensinar tudo o que sei sobre esta profissão. Se existir uma próxima vez, farei melhor graças a ti.

Obrigada à Filipa Moroso, pela paciência em imprimir e editar muitos dos meus artigos. Recordarei a entrevista que fizemos juntas como um dos momentos mais felizes que tive no Sol. Obrigada a todos os ex-colegas por me acolherem na equipa e pelos (imensos!) cafés que me ofereceram.

Ao Professor Doutor João Luís Lisboa por ter aceitado orientar este projeto. Obrigada por estar sempre disponível. Sem a sua ajuda e paciência este trabalho não teria sido possível.

À Patrícia por confiar em mim e no meu trabalho e, sobretudo, por me ter oferecido a sua amizade tão ternamente.

Aos meus pais, sempre presentes quando as circunstâncias não foram as melhores. Obrigada por não me deixarem desistir e por acreditarem em mim, mesmo quando eu não acreditei.

E para ti João, sempre ao meu lado, obrigada por todas as razões que tu conheces.

Resumo

Este trabalho de projeto incide sobre a experiência adquirida durante um ano no semanário Sol, tendo participado com notícias e artigos de magazine para os quatro produtos impressos produzidos por este jornal, bem como para o seu Web site. A observação e a prática do que era o trabalho do jornalista e de outros profissionais na redação, sentindo o ritmo de edição do Sol, permitiu-me ganhar uma perspetiva sobre a dimensão e multiplicidade do que pode ser a *edição* numa publicação periódica. O principal objetivo deste trabalho é refletir sobre este conceito e explicar, através de diversos artigos, os processos de edição de texto numa redação. A organização temática de cada meio de comunicação do Sol, a estrutura de conteúdos jornalísticos e, acima de tudo, o público-alvo para que cada um é pensado e produzido são alguns dos aspetos a ter em conta.

Palavras-chave: Sol, edição de texto, público-alvo, leitor, ritmo de edição, *hard-news*, *feature article*, Web site, retextualização

Abstract

This project is about the practical experience acquired in a year at the weekly newspaper Sol, where I wrote hard-news stories and feature articles for all four of the print publications published by this newspaper, as well as, for its Web site. By practicing the profession of journalism, adding to what I learned from other professionals of the newsroom, allowed me to gain a new perspective about the dimension and multiplicity of editing and publishing a periodical publication. The main goal of this project is to reflect about these concepts and to explain, through several examples, the processes of *editing* a text in a newsroom. The thematic organization of each issue produced by Sol, the structure of the journalistic articles and, above all, the audience of each are some relevant aspects to be considered.

Key words: Sol, editing, audience, reader, editing rythm, hard-news, feature article, Web site, retextualization

Índice

Introdução	2
1. O semanário <i>Sol</i> : história, identidade e conceito jornalístico	5
1.1. O estatuto editorial	6
1.2. A edição portuguesa	8
O primeiro caderno	8
<i>A Tabu</i>	15
1.3. A edição angolana	20
O primeiro caderno	20
<i>A Caju</i>	25
1.4. O ritmo de edição do <i>Sol</i>	28
1.5. A edição digital	29
2. A Notícia vs. Magazine: regras, estrutura e criatividade	36
2.1. A estrutura do artigo de magazine	40
2.1.1. Editores: o que procuram no texto?	42
2.2. Títulos, entradas e legendas: a limitação de espaço	46
Títulos	46
Entradas	49
Legendas	50
Destaques	51
2.3. O antes e depois da entrevista de vida: preparação, postura do jornalista e os processos de retextualização do texto oral para o escrito	53
Fase primária da entrevista: o guião e as perguntas espontâneas	55
Operações de regularização e idealização	57
Operações de transformação	59
3. As voltas que o texto dá: quem faz o quê?	61
Layout da página	62
Infografia	64
Revisão de texto	65
Conclusão	68
Bibliografia	70
a) Obras consultadas em formato físico e/ou digital	70
b) Artigos utilizados como exemplos no trabalho e presentes nos anexos	71
c) Notícias e artigos de opinião consultados e citados de jornais <i>online</i>	76
Anexos	78

Introdução

O presente trabalho de projeto foi realizado no âmbito da componente não-letiva do mestrado de Edição de Texto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, nascendo de um estágio no semanário *Sol* entre novembro de 2014 e dezembro de 2015. A oportunidade de trabalhar na redação junto de jornalistas com anos de carreira, bem como com coordenadores de edição, editores, paginadores e infográficos permitiu-me perceber a dimensão da disciplina de edição.

Esta minha primeira experiência profissional que se prolongou durante um ano permitiu-me, através de muitos erros e alguns sucessos, aprender sobre jornalismo e sobre como esta função está de mãos dadas com a edição. Na língua portuguesa este termo, *edição*, tem duas aceções: edição pode referir-se à tarefa de editar, rever e transformar o texto, e também à impressão e publicação de uma obra ou de uma publicação periódica. A ambiguidade prolonga-se em definições de atividade. O editor enquanto categoria profissional de jornalista não se confunde com o editor enquanto categoria profissional nas editoras comerciais. Uma e outra definição incluem a ideia de trabalho de alguém que toma decisões sobre as formas de apresentar textos, em função de critérios de legibilidade, rigor ou adequação das opções relativas aos objetivos que o texto se propõe. É essa dimensão de trabalho sobre textos que estará presente neste trabalho, e não tanto as questões relativas à sua relevância jornalística ou informativa.

A minha presença diária na redação possibilitou-me observar em primeira mão – e, mais relevante ainda, – participar no processo de produção do jornal e suas demais publicações e formatos (entre os quais o tradicional formato de papel e o digital). Ao corrigir textos de outros colegas e contribuidores e verificar o modo como colegas e editores alteravam os meus textos, percebi que a edição é um passo fulcral na escrita de um artigo.

Este trabalho é, por isso, assumidamente carregado de um tom prático e pessoal. Teve como principal metodologia a descrição do trabalho de jornalista na redação do *Sol*, utilizando vários artigos escritos por mim e por antigos colegas como exemplos para sustentar as minhas reflexões.

É importante referir que esta abordagem se refere às publicações que a equipa do *Sol* produziu apenas até ao fim do 2015. O ano de 2016 marcou um verdadeiro ponto de viragem para este jornal, depois de a empresa *Newshold* ter despedido cerca de dois terços dos trabalhadores de ambos os jornais, *Sol* e *i*. Este despedimento coletivo veio a juntar parte das antigas redações do semanário *Sol* e do diário *i*, agregadas agora a uma nova empresa, a *Newsplex*, formando hoje uma só equipa que escreve para todos os seus meios de comunicação, sendo eles os já referidos jornal *Sol*, *i* e respetivas edições *online*, e *B.I.*.

A estas alterações de equipas de jornalistas e de diretores vieram juntar-se as profundas alterações das publicações produzidas. Em vez de o *Sol* sair às sextas-feiras com a revista *Tabu* no seu interior, hoje este jornal está nas bancas ao sábado juntamente com o suplemento *B.I.*, edição que anteriormente era vendida com o jornal *i*, também no fim de semana.

A começar com uma contextualização, é no primeiro capítulo que se encontra uma breve história do jornal *Sol* e algumas delineações do seu conceito, tendo como base o seu estatuto editorial, bem como sobre as suas particularidades enquanto jornal de expansão nacional com seis meios de comunicação (o primeiro caderno e revista *Tabu*, ambos marcando presença todas as sextas-feiras nas bancas até dezembro de 2015¹, e a edição “irmã” publicada em Angola, contando até sensivelmente à mesma data com um primeiro caderno e com a revista *Caju*). A estas quatro publicações somam-se os dois jornais *online*, acessíveis em qualquer lugar do mundo de forma gratuita. Também será discutida esta edição, que em tanto difere da que o leitor encontra nas bancas pela sua multiplicidade de apresentação dos textos.

O segundo capítulo, por sua vez, explora elementos textuais de relevância jornalística e editorial. São eles o título, a entrada, a legenda e o destaque, que, por

¹ No dia 30 de novembro foi anunciada a falência da empresa *Newshold*, a qual provocou um despedimento coletivo em ambos os jornais *Sol* e *i*. Todos os meios de comunicação nacionais noticiaram a desistência do grupo acionista. Os seguintes *links* contêm mais informação sobre o despedimento coletivo:

<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-11-30-Newshold-despede-dois-tercos-dos-trabalhadores-do-Sol-e-do-i>

<http://www.ionline.pt/482803>

<http://sol.pt/noticia/483025/Newshold-fecha-portas-Plenario-30-de-Novembro>

estarem mais salientes no artigo de jornal ou revista, captam e conduzem o olhar do leitor, pelo que o jornalista e editor se servem desse aspeto para transmitir informação relevante e que terá mais probabilidade de atrair a atenção de quem está a ler. E como a edição resulta da soma entre o público-alvo e a própria identidade do artigo que se escreveu, estão patentes também algumas distinções sobre o que é uma notícia e um artigo de magazine, explicando com exemplos de excertos de vários artigos qual a estrutura, tom e ritmo mais apropriados a cada um deles, e consequentemente, que olhar especial exerce o editor numa *hard-news* e *feature article*.

Um género jornalístico que terá destaque neste capítulo será a entrevista, pois a informação recolhida é integralmente um texto oral, que terá de ser transformado em texto escrito. Para isso, procedo a uma análise e aplicação das operações propostas por Luiz Antônio Marcuschi na obra *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização* a uma entrevista à modelo e atriz Ana Sofia Martins, como meio de expor todo o processo integral das fases da mesma, desde a pesquisa, à criação de um guião com as perguntas que queremos colocar ao entrevistado, até à publicação da mesma.

Os processos de tratamento destes dois textos, que diferem tanto entre si, é bastante intuitivo, mas tendo estudado as teorias de Marcuschi depois de a entrevista ser publicada, muito revi nelas o trabalho que realizei com a jornalista Filipa Moroso. A sua utilidade é inegável não só na elaboração de uma entrevista, mas no tratamento de informações transmitidas oralmente – o que é frequente neste trabalho sempre que se abordam as fontes.

Um dos principais objetivos é explicar a “viagem” que os mais variados textos fazem na redação até estarem completamente prontos, sendo este o objeto do terceiro capítulo. Quantas mãos são necessárias para transformar um texto em artigo digno de ser publicado no jornal ou nas revistas? Neste capítulo defino de que forma o efetivo de uma redação contribui para a edição do artigo, e por consequência, dos vários meios de comunicação produzidos no seu total.

1. O semanário *Sol*: história, identidade e conceito jornalístico

Fundado pelos ex-jornalistas do *Expresso* José António Saraiva, José António Lima, Mário Ramires e Vítor Rainho, o primeiro número do *Sol* saiu a 16 de setembro de 2006. O “novo jornal dos sábados”², pretendia afirmar-se como um semanário inovador, virado para um novo mercado, cujo conteúdo fosse apresentado num jornal “mais leve, mais agressivo e com menos papel”³ por comparação com o *Expresso*, semanário com o qual compete diretamente nas bancas. Esta característica foi fortemente expressa no manifesto publicado na primeira edição: “O *Sol* será, ainda, um jornal claro mas não superficial, direto mas não simplista, conciso mas não compacto, completo mas não exaustivo, profundo mas não aborrecido”⁴ (ver anexo 1).

A sugestão já tinha sido feita por José António Saraiva, na altura diretor do *Expresso*, a Francisco Balsemão em 2004. A ideia acabou por ser rejeitada e foi no início do ano de 2006 que se realizaram as primeiras reuniões do grupo fundador. “Seguiu-se o ‘sim’ do primeiro acionista (o BCP), os encontros e reuniões de trabalho numa loja do rés-do-chão do edifício-sede. No Chiado, a apresentação aos anunciantes (a 3 de maio) e as contratações (cerca de 100 pessoas), que estavam completadas no início de agosto”⁵.

Segundo João Lemes Esteves, jurista e colaborador do *Sol*, o novo semanário “pretendia cobrir diversas matérias (não se limitando à política e/ou à economia), desde o cinema, ao sexo (contava então com a contribuição de Margarida Rebelo Pinto), passando pelo *lifestyle*. Era um projeto de semanário conjugando as características típicas de *broadsheet*, com algumas características associadas aos tablóides”⁶.

Nos primeiros três anos de existência, revelou informação sobre o “caso da OTA, da localização em Alcochete, dos submarinos, da Bragaparkes, da Casa Pia e do

² Um dos slogans do *Sol*.

³ Citação de um texto de Ana Paula Azevedo, hoje subdiretora do *Sol*, incluído na edição especial da *Tabu* (n.º 473, 18 de setembro de 2015), da comemoração dos nove anos de existência do jornal. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/412478/nove-anos-a-girar-%C3%A0-volta-do-mundo>

⁴ Retirado da capa da edição especial referida na nota anterior.

⁵ Citação do mesmo texto de Ana Paula Azevedo referenciado na nota 3.

⁶ Retirado de: <http://www.sol.pt/noticia/412459/feliz-anivers%C3%A1rio,-sol-9-anos,-9-factos-marcantes!>

Freeport”⁷. Divulgou também em primeira mão, maioritariamente pela caneta de Felícia Cabrita, notícias sobre José Sócrates e a Operação Marquês, tendo lançado uma edição especial⁸ quando o ex-primeiro ministro foi preso ao regressar para Portugal que esgotou em várias regiões. De acordo com o jornal *Público*, no primeiro semestre do ano 2009, “a circulação paga do *Sol* rondou os 47 mil exemplares, ao passo que a do *Expresso* andou pelos 112 mil”. De acordo com as últimas notícias sobre o *Sol* que divulgam os dados da Associação para o Controlo de Tiragem e Circulação, “nos primeiros oito meses do ano [2015] o semanário *Sol* apresentou uma média de circulação paga de 20 mil exemplares por edição, o que representou uma quebra homóloga de 7,7%”⁹.

No seu quinto aniversário, o *Sol* divulga as suas intenções de se tornar um jornal da lusofonia, tendo tido uma edição em Moçambique e Cabo Verde, apesar de ter sido a edição angolana a mais duradoura. O jornal *Sol* Angola deixou de ser publicado em dezembro de 2015, quando a empresa acionista *Newshold*, detentora do *Sol* e do jornal *i* até dia 15 de dezembro, fechou portas. A partir de dia 16 de dezembro passaram a ser propriedade da empresa *Newsplex*, que conta com 67 funcionários¹⁰.

1.1. O estatuto editorial

A melhor forma de analisar o conceito de um jornal é perceber em que consiste o seu estatuto editorial. Este documento é tão importante para o funcionamento do jornal e tão refletor da sua identidade que o jornal *Sol* publicou-o na sua primeira edição para conhecimento dos seus leitores. Na verdade, todos os jornais portugueses têm este documento acessível na respetiva página *online*. O jornal *Correio da Manhã*, por exemplo, define o estatuto editorial e a sua importância com uma metáfora que considero eficaz e bem conseguida: “... é como uma Constituição da República do

⁷ José António Saraiva citado pelo *Público* em: <https://www.publico.pt/media/noticia/tres-anos-do-semanario-sol-muito-positivos-mas-sem-ultrapassar-o-expresso-1400996>

⁸ Publicada a 22 de novembro de 2014. Ver em: <http://www.sol.pt/noticia/118989/edi%C3%A7%C3%A3o-especial-opera%C3%A7%C3%A3o-s%C3%B3crates-toda-a-verdade>

⁹ Retirado de: <http://expresso.sapo.pt/economia/2015-11-25-Newshold-reavalia-investimentos-nos-jornais-Sol-e-i>

¹⁰ Informação retirada de: <http://www.ionline.pt/490696>

Correio da Manhã, que todos os dias norteia a equipa que produz o jornal”¹¹. Pois, tal como a Constituição da República Portuguesa, o estatuto editorial é um documento essencial para o funcionamento dos meios de comunicação, que contém as “leis” pelas quais os efetivos do jornal deve guiar o seu trabalho.

É no estatuto editorial que está definida a identidade da publicação, e de que forma perceciona o jornalismo, e o modo como esta profissão deve ser exercida no dia a dia da redação. São várias as regras de conduta expostas por este jornal, que se prendem por cinco características principais, sendo elas a “Identificação e acesso à informação”, a “Exatidão”, o “Respeito pela pessoa humana”, o “Direito de Resposta”, e por fim, “Fontes confidenciais, agências de comunicação e interesse público”¹².

A primeira característica patente no estatuto editorial do *Sol* é a “independência de partidos políticos, organizações económicas, igrejas ou seitas”. Apesar disso, não rejeita a tomada de “posições políticas, mas faz uma clara distinção entre opinião, análise e notícias”¹³, o que nos pode levar a recordar de novo o manifesto publicado a 16 de setembro de 2006: “O *Sol* será um jornal apartidário mas não apolítico, isento mas não indiferente...”. A distinção entre opinião e notícia é possível a vários factores internos ao artigo e à sua edição, como por exemplo, o *layout* da página onde foi colocado, onde sobressaem os títulos de opinião ou de crónicas, ou também graças aos separadores temáticos existentes no jornal *online*.

Até ao fim do ano de 2015 o semanário *Sol* produzia quatro produtos impressos, bem como duas páginas *online* correspondendo a cada uma das duas edições: a edição portuguesa e angolana. A edição portuguesa conta com o primeiro caderno, com a revista *Tabu* e a página *online*¹⁴; a angolana, também com o primeiro caderno, com a revista *Caju* e respetiva página *online* com menos conteúdos e visitas comparados com página portuguesa¹⁵.

¹¹ http://www.cmjornal.xl.pt/mais_cm/estatuto_editorial/detalhe/estatuto_editorial.html

¹² Informação retirada do sítio do *Sol*: <http://sol.pt/sol/custom?especial=estatuto-editorial>

¹³ *Idem*.

¹⁴ <http://sol.pt>

¹⁵ <http://sol.co.ao>

1.2. A edição portuguesa

O primeiro caderno

“Os mais variados tipos de conteúdos jornalístico são agrupados de diferentes maneiras. Local, Estatal, Nacional e Internacional são normalmente dispostos em páginas separadas, tal como a Sociedade, Desporto e Economia” (Bleyer, 325). Embora Bleyer tenha publicado a obra citada em 1923, a organização temática que descreve é ainda visível nos jornais de hoje, e grande parte dos jornais portugueses organiza as suas notícias de forma muito semelhante. É frequente existir uma secção onde o leitor encontra artigos e notícias que relatam acontecimentos apenas de ordem nacional ou internacional. Saúde, Cultura, Educação, Ciência, Tecnologia, Economia e Desporto são algumas divisões temáticas que um jornal diário, semanal ou até mesmo *online* utiliza para organizar os conteúdos produzidos.

Para melhor compreendermos como a organização pode variar, analisemos e comparemos a linha editorial do jornal *Público*. Este último tem uma organização temática muito interessante que se revela eficaz na leitura da notícia. Na página oito da edição de Lisboa nº 9453, publicada no dia 4 de março de 2016, a notícia “No ano passado, 29 mulheres mortas na intimidade deixaram 46 órfãos” inclui-se na temática de “violência doméstica”, palavras impressas a vermelho e que se destacam aos olhos de quem lê. Na mesma edição, na página 5, o sub-tema da notícia “Marcelo quer levar afectos, proximidade, simplicidades e estabilidade para Belém”, é “Livro”. Ora, a identificação do tema que o texto trata pode, de facto, ser um incentivo à leitura de cada peça. Esta última notícia refere-se, inevitavelmente, ao Presidente da República eleito que iria iniciar as suas funções no dia 9 de março, contudo, o título não esclarece de forma direta que noticia a apresentação do livro de fotografias “Afectos”, cuja origem é o percurso feito por Portugal durante a campanha.

Ambas as notícias referidas fazem parte da secção Portugal, onde o leitor encontra apenas informação relacionada com o país. Mundo é outra designação que difere da utilizada por outros jornais, que usualmente têm uma secção chamada Internacional. A estratégia de identificação dos sub-temas é utilizada em todas as secções do *Público*: na página 19 da mesma edição “Papa recebe cônjuges de líderes

divorciados”, “Vaticano” é o tema identificado no mesmo tom de vermelho; na página anterior, o tema do texto “‘Não venham’, diz Tusk aos que ainda sonham com uma Europa em crise”, é “Refugiados”.

Já o *Sol* não identifica nas suas páginas o assunto que os seus textos tratam, ou seja, se o leitor está a ler, por exemplo, uma notícia relacionada com a saúde, educação, religião, crimes, ou até tribunais. Existem outros elementos mais destacados graficamente, e por consequência os que são lidos (ou vistos) em primeiro lugar, na página que identificam esses temas. São eles o título, a entrada, a imagem que ilustra o texto e a legenda da mesma. No entanto, estes temas têm o seu lugar numa secção específica – a que reúne todos estes assuntos é a da Sociedade. Conhecedores do mercado e dos gostos dos leitores do *Sol*, os editores deste jornal começaram a incluir também um artigo específico sobre tendências ou comportamentos observados na sociedade portuguesa. Ou seja, existia espaço para as *hard-news* e para um novo tipo de artigo, cujo tom nem sempre era fácil de encontrar para o jornalista, estando sempre em risco de escrever um *feature article*. “Às Segundas a carne não entra” é um bom exemplo, pois espelha novos comportamentos, atitudes e realidades praticados em Portugal. Este artigo versa um movimento emergente em Portugal: “Movimento que elimina um dia por semana consumo de carne e peixe está a ganhar adeptos em Portugal. Saúde e defesa dos animais são principais razões”, lê-se na entrada¹⁶.

Nunca foi tão importante escrever sobre estes nichos, pois o público-alvo não é uma entidade simples e una no que diz respeito aos seus interesses. É, muito pelo contrário, bastante fragmentada:

Many subcultures and communities now belatedly recognized by the media were there all along. Good journalists understand that **“the audience” is really many audiences**¹⁷ and that the media must balance a sense of our shared vision as a society with a healthy respect for our differences as individuals and communities within that society (Friend, Challenger, McAdams, 41).

A edição impressa do *Sol* abre sempre, tal como todos os jornais, com o Editorial. Enquanto no *i* se trata de uma coluna localizada à esquerda da primeira

¹⁶ Notícia de Simoneta Vicente publicada no primeiro caderno da edição portuguesa nº 478, a 23 de outubro de 2015, página 25. Disponível em: <http://sol.pt/noticia/418818/-segunda-feira-a-carne-nao-entra>.

¹⁷ Sublinhado meu.

página, destacada a amarelo, o editorial do *Sol*, escrito pelo Diretor José António Saraiva ocupa a totalidade da página 2. A esta página segue-se o Foco. À semelhança das páginas de Zoom do jornal *i*, as páginas do Foco incluídas no semanário dizem respeito a um texto que noticia um tema “quente” da sociedade portuguesa, que tenha sido abordado nos *media* ao longo da semana. Por outras vezes, é aqui que o leitor encontra histórias produzidas – desde a investigação até ao texto que ali se encontra escrito – por jornalistas deste jornal. Por outras palavras, dá lugar a informação descoberta e fornecida em primeira mão pelo *Sol*. É por ambas as razões que é frequentemente a notícia manchete do jornal.

É frequente que os assuntos abordados neste plano sejam sobre personalidades como José Sócrates, normalmente fruto da investigação de Felícia Cabrita, redatora principal do *Sol*. Também é frequente estas páginas serem dedicadas a temas de Política, mesmo embora seja a secção que se segue e que mais páginas ocupa quando comparado com outras secções. Na edição nº 483, do dia 27 de novembro de 2015, a secção da Política ocupa 15 páginas, o equivalente a oito planos¹⁸.

A da Sociedade, por sua vez, engloba na mesma edição cinco páginas, formando três planos na sua totalidade, pelo que é claro que a diferença é bastante significativa. Na Cultura, a secção que se segue, também se folheiam seis páginas (três planos na sua totalidade). Nesta edição, a Internacional está composta por quatro páginas, preenchendo assim, dois planos, sucedendo o mesmo com a do Desporto. A secção que se segue é a única, que, em termos de quantidade de páginas, se assemelha à do volume que folheamos na Política. Ainda nesta edição, a Economia preenche um total de oito páginas, o mesmo que cinco planos.

Uma brevíssima conclusão que se pode retirar da organização temática do *Sol* é que as secções que mais espaço ocupam no primeiro caderno são a Política e a Economia. São estas que mais jornalistas dispõem para recolher e produzir conteúdos do que qualquer outra secção do jornal e são as que incluem mais quantidade de crónicas de diversos autores. A secção da Política conta, ainda nesta mesma edição, com cinco textos de opinião, dois deles redigidos pelo Diretor Executivo Luís Osório, a

¹⁸ Na redação chamam-se “planos” ao conjunto de duas páginas seguidas, uma ao lado da outra.

coluna “Sol & Sombra” do Diretor Adjunto José António Lima, “Aqui entre nós”, de Fernando Madrinha, e por último, “O Arco e a Flecha” de Vicente Jorge Silva. Na Economia, por sua vez, o jornalista João Madeira é o autor da coluna “Quente & Frio”, Francisco Sarsfield Cabral dá a ler a crónica “Tentar Perceber”, José Ferreira Machado escreve a crónica “Estados de Alma” e, por último, Luís Lima, assina a coluna “Encontro Imobiliário” todas as semanas.

A secção da Cultura inclui apenas dois textos de opinião. Inês Pedrosa escreve semanalmente a coluna “Fora de Órbita”, e Dinis de Abreu, a “Pátio das Cantigas”. É importante referir que, à excepção do artigo de abertura, esta secção é possivelmente a que menos espaço tem para preencher. Entre textos que divulgam espetáculos, críticas de livros, álbuns e de filmes, o espaço pode ser uma limitação à quantidade de informação que o jornalista pode necessitar de escrever.

Depois das páginas da Economia, seguem-se as secções que provavelmente mais estabelecem uma componente de diferenciação entre o *Sol* e todos os outros jornais portugueses. Português Global, secção que frequentemente ocupava duas páginas (um plano), era onde se encontravam notícias relacionadas com países africanos, vindas da redação residente em Angola. É muito frequente que neste plano tivessem lugar as notícias consideradas mais importantes pelos editores ou coordenador de secção, escritas com o intuito de serem incluídas no primeiro caderno publicado em Angola. Com o primeiro caderno de Angola a fechar¹⁹ na quarta-feira de manhã, e com o primeiro caderno de Portugal a fechar às quintas-feiras (para ambas estarem impressas e estarem à venda nas bancas às sextas-feiras) era prática comum copiar artigos do caderno angolano para outra página do caderno português.

Neste sentido, era bastante frequente que na secção do Português Global estivessem incluídas notícias que abrangessem temas e eventos organizados pela Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP), União das Cidades Capitais Luso-Afro-Américo-Asiáticas (UCCLA) ou Casa dos Estudantes do Império. Tomemos como exemplo a edição nº 444, publicada a 27 de fevereiro de 2015. Na página 51, o leitor

¹⁹ Na redação utiliza-se esta expressão referindo-se à conclusão do trabalho que o jornalista produz. É comum dizer-se “fecho de edição”, “fechar a página” e “dia de fecho”. Quando uma página, plano ou todo o jornal está finalmente completo e pronto a enviar para a gráfica.

encontra a peça “Casa dos Estudantes do Império Recordada”²⁰, texto que teve origem na cobertura do debate “A Casa dos Estudantes do Império e o Movimento Associativo Estudantil”, organizado pela União das Cidades Capitais da Língua Portuguesa (UCCLA), que teve lugar na Assembleia da República em Lisboa. Tal como referido na notícia, “o evento quis homenagear a ‘memória colectiva dos nossos povos e países’”. É de facto por ser um tema da história contemporânea portuguesa e angolana, que este artigo poderá interessar aos leitores de ambas as nacionalidades, encontrando-se, por isso, nas páginas da edição portuguesa, tendo também sido publicado na mesma edição do jornal angolano.

As últimas páginas do *Sol* são as da Semana em Revista. Nestas páginas o leitor encontra a notícia mais recente, “a mais fresca”, na abertura desta secção. Por essa razão, eram muitas vezes das últimas notícias a serem escritas no dia de fecho do jornal, sendo por isso comum citar outros órgãos de comunicação. Tomemos como exemplo concreto a notícia que abre a Semana em Revista da edição nº 431, do dia 28 de novembro de 2015: “Cante é Património”. O Cante Alentejano tornou-se Património Mundial no dia 27 de novembro, quinta-feira. Foi a notícia mais importante do dia para o país e por isso justificou-se que o *Sol* a noticiasse também na sua versão em papel.

No fim da página, encontram-se notícias breves, dispostas em colunas curtas de dois ou três parágrafos, para que a sua leitura seja rápida. O assunto que trata cada uma das notícias é identificado na barra verde, como podemos observar na Semana em Revista da edição nº 477, publicada a 16 de outubro de 2015: Economia é o separador da curta “Levantado arresto de bens”, onde se informa que “O Tribunal da Relação de Lisboa decidiu que o arresto dos bens de Amílcar Moraes Pires, ex-administrador financeiro do Banco Espírito Santo (BES) deve ser levantado”; Migração é a palavra-chave da breve “Refugiados chegam para a semana” e, por fim, Justiça é o assunto da notícia com o título “Silva Carvalho não seguiu as regras”, onde se relata que o secretário-geral do Serviço de Informações da República Portuguesa (SIRP), Júlio

²⁰ Notícia de Simoneta Vicente publicada no primeiro caderno da edição angolana nº 444, a 27 de fevereiro de 2015, página 26, e também no primeiro caderno da edição portuguesa nº 444, a 27 de fevereiro de 2015, página 51. Disponível em: <http://www.uccla.pt/casa-dos-estudantes-do-imperio-recordada>.

Pereira, considerou no dia anterior que a forma como o ex-espião Silva Carvalho pediu um relatório interno não corresponde à normalidade.

O que pretendo com o levantamento destes exemplos é uma reflexão sobre a organização dos conteúdos publicados no jornal. Claro que o separador ou assunto no topo de cada curta não poderia estar mais correto e de acordo com cada texto. Mas será que em vez de onde se lê “Migração”, não se poderia ler Internacional, uma vez que se trata de uma notícia acerca de pessoas de outra nacionalidade que não a portuguesa? Ou então, uma vez que se trata de informar que Portugal irá receber um grupo de refugiados, não poderia estar ali escrito Sociedade – sucedendo o mesmo com o exemplo onde se lê “Justiça”? Tal como referi anteriormente, artigos relacionados com a justiça portuguesa, ou que sejam sobre uma comunidade, que neste caso específico, se virá a fixar em Portugal, ocupam as páginas da secção da Sociedade.

Ora, a Semana em Revista é em si uma secção, que tem como objetivo dar informação sucinta, de leitura rápida, pelo que estas hipóteses seriam demasiado gerais e pouco diretas ao leitor, e por isso, menos eficazes no esclarecimento do assunto que aquelas colunas tratam. Todos estes pormenores prendem-se com a edição do jornal e com o conteúdo que os seus jornalistas produzem. Claro que as hipóteses que aqui questionei não estariam erradas – estariam, sim, menos corretas. *Edição* é essencialmente o acto de escolher, decidir a palavra que melhor se adequa ao contexto apresentado. Nestas colunas escrevem-se notícias que, pela sua importância, marcaram a actualidade daquela semana.

Ainda na mesma edição, a curta que se encontra no meio, a única com destaque fotográfico, tem o título “Refugiados chegam para a semana”. O “drama dos refugiados”, assim apelidado pela imprensa nacional, é um tema ainda quente aquando da escrita e publicação deste trabalho de projeto, e que viria a ter lugar em muitas páginas de próximas edições do *Sol* – nas secções da Sociedade, como do Internacional. Apesar de não ter tido lugar nas páginas do *Sol* desta edição, o leitor tem acesso a toda a informação relevante que outros meios de comunicação diários já tinham dado a conhecer: de onde vem este grupo de pessoas e que ainda não tivesse

sido revelada a dimensão do mesmo, fariam parte “do contingente de 4.500 refugiados” que Portugal já se tinha comprometido a receber (ver anexo 2).

Com estes exemplos pretendo chegar a uma conclusão relativa a ritmos de edição e periodicidade de publicação de jornais e outros meios de comunicação. É pertinente que esta informação seja publicada por jornais diários, pois estes têm mais *espaço* para seguirem todas as informações sobre os refugiados. Já o *Sol*, um semanário que saía todas as sextas-feiras, não podia, devido a este facto, dedicar páginas a um assunto que já tinha sido seguido devidamente por todos os jornais impressos e televisivos ao longo da semana. O objetivo é fornecer ao leitor informações e histórias novas que tenham sido descobertas pelos jornalistas ao longo da semana.

O tempo é outra das diferenças entre um semanário e um diário. Ser jornalista num diário pode ser sinónimo de ter de produzir os artigos com mais rapidez. Roy Nash estabelece algumas diferenças entre estes tipos de publicação, começando por afirmar que a rapidez é das mais óbvias:

The reporter on a daily paper, especially an evening paper is required to work with much greater rapidly than on a weekly. Editions of an evening paper are going to press, one after another, as the news events are unfolding. A weekly newspaper may write his copy at the end of the day, or whenever time allows between assignments, but the evening paper reporter must produce his reports as quickly as possible [...]. The young man newly arrived from the weekly paper will find that it requires a little effort to adopt a new technique of fast and succinct writing. Here, for the first time, he learns to live every hour of the day with one of journalism's great enemies: the clock (28).

Não discordo totalmente de Roy Nash, uma vez que um jornalista que escreva para um semanário não tem, de facto, de dar o seu artigo a ler ao editor e de os publicar todos os dias da semana. Contudo, as diferenças não assentam apenas no tópico de o volume de trabalho ser forçosamente maior e mais frequente num diário, até porque hoje em dia, no contexto tecnológico em que vivemos, todos os jornais têm para além da sua edição impressa a respetiva edição *online*. O *Expresso*, jornal que marca a sua presença nas bancas portuguesas todos os sábados há mais de 40 anos, não se afirma hoje apenas como um semanário, mas também como um diário, publicado apenas digitalmente. O leitor pode aceder a edições cuidadosamente

preparadas e produzidas todos os dias do *Expresso* Diário através do seu computador, *tablet* ou telemóvel.

Embora com um conceito absolutamente diferente do exemplo do *Expresso*, também o *Sol* tem disponível uma página *online*, oferecendo informação diária aos seus leitores. Embora a gestão e redação de conteúdos fosse assegurada por uma equipa específica, também competia a cada um dos jornalistas da redação do *Sol* escrever para esta página.

Outra das diferenças a considerar é o ângulo da notícia. Enquanto um diário deve publicar *hard-news*²¹, um semanário tem de pensar essa mesma notícia num ângulo diferente, para que apresente informações distintas das que os outros meios de comunicação apresentaram e actualizaram ao longo da semana. Uma desvantagem poderá ser perder as estórias nas quais o jornalista passou dias a trabalhar, uma vez que é raro que todos os factos e acontecimentos permaneçam inalteráveis todos os dias, até ao dia de sair nas bancas. O *ritmo de edição* de cada meio de comunicação dentro de um semanário é, inevitavelmente, um dos critérios na escolha de temas a tratar e a preencher as páginas.

A Tabu

A *Tabu* era um suplemento vendido juntamente com o *Sol*²². As mudanças nos efetivos de direção e trocas de jornalistas do jornal *i* para o *Sol* e vice-versa vieram a motivar algumas alterações na linha editorial e temática desta revista. Até ao dia 1 de junho de 2015, a *Tabu* tinha como editor Vítor Rainho, e como coordenador executivo o jornalista José Cabrita Saraiva²³. Porém, com a chegada de Luís Osório, que a partir daquela data se tornou diretor executivo do *Sol*, bem como da jornalista Maria Ramos Silva, que se tornou editora executiva da revista, a publicação passou a conter secções fixas, acompanhadas de um *design* diferente e inovador. Analisar-se-á apenas a linha

²¹ “All news that recounts precise, immediate happenings, as distinct from background information or commentaries on the news” (Nash, 10).

²² A última *Tabu* foi publicada a 11 de dezembro de 2015. Ver capa em:

<http://jornais.sapo.pt/search/?q=Tabu&id=6293>.

²³ A mudança nos efetivos foi anunciada no dia 26 de junho de 2015 pelo *Sol online*:

<http://www.sol.pt/noticia/393625/lu%C3%ADs-os%C3%B3rio-%C3%A9-o-novo-director-executivo-do-sol>.

editorial patente nas últimas edições da revista, produzidas sob o cuidado e atenção de Maria Ramos Silva e Luís Osório.

A revista abre com o habitual Edital, onde o texto da coordenadora executiva partilha a página com um índice em mosaico que oferece ao leitor uma visão generalizada do conteúdo da publicação. As imagens e temas identificados têm o propósito de ajudar o leitor a decidir se há algum tema que lhe desperte o interesse. Abaixo do índice, um pequeno rectângulo preto denuncia o número da página em que cada secção fixa se encontra. Estas têm os nomes: De Sol a Sol, Culto, Ícone, Frente e Verso, Fuso, Boa Vida, Destino Improvável, Comer Bem, Fim de Boca, Quatro Rodas.

A primeira secção, De Sol a Sol, é um plano de agenda que informa o leitor sobre eventos culturais que irão tomar lugar entre sexta-feira (dia em que o *Sol* saía para as bancas) e domingo. Nesta agenda de fim de semana a variedade de eventos era uma característica a incorporar e a manter para agradar ao máximo de gostos possíveis. Isto é, o propósito era anunciar e motivar o leitor a apreciar espectáculos musicais, peças de teatro, mostras de cinema, exposições de pintura, desenho, artes plásticas, ou até marcar a sua presença em performances e feiras ao ar livre. No canto superior direito, uma pequena homenagem à moda das *selfies*, à qual já aderiram pessoas de todas as idades. O jornalista responsável por esta secção teria de pedir uma *selfie* a um artista e divulgar na legenda abaixo o evento no qual iria participar (ver anexo 3).

Culto é a secção que se segue. A ocupar três páginas encontra-se um artigo que informa o leitor sobre uma nova tendência seguida por um determinado grupo – seja ele grande ou pequeno, constituído por crianças ou adultos.

“*Keep calm* e continue a colorir”²⁴, por exemplo, é um artigo que trata um fenómeno relativamente recente, que tem ganhado força no público adulto, o novo mercado para os livros de colorir. O destaque que as livrarias têm criado para este género de produtos e as coleções especiais produzidas por editores fazem com que seja inegável que se trate de uma tendência, uma nova moda, ou até uma nova forma de estar – na medida em que representa um novo passatempo que permite o

²⁴ Artigo de Simoneta Vicente, publicado na Tabu nº 466, 31 de julho de 2015 páginas 6, 7 e 8. Disponível na edição online: <http://sol.pt/noticia/405277/Keep-calm-e-continue-a-colorir>.

mindfulness e a descontração a partir da criatividade que estes livros permitem exprimir. Nem todos aderiram ao fenómeno, e não é qualquer pessoa que o aprecia – mas por ser uma tendência cada vez mais emergente justificou-se que fosse incluído no Culto (ver anexo 4).

Outro exemplo é o artigo “O Miúdo saído da casca”²⁵, que é sobre a série literária infanto-juvenil *O Diário de Um Banana* e o seu autor Jeff Kinney. Por ocasião da apresentação do 10º livro *Dantes é que Era* em Portugal (um dos 14 destinos da digressão mundial), o autor foi fotografado e entrevistado sobre a razão do fenómeno que se criou à volta de Greg Heffley (a personagem principal). Segundo a informação patente no texto da *Tabu*, esta obra chegou ao 2º lugar no *top* geral de ficção e em 1º no *top* infantil. “Já *O Diário de um Banana 9: Assim vais Longe*, lançado no ano passado (2014), foi o segundo mais vendido em Portugal na época natalícia, ficando atrás do romance de José Rodrigues dos Santos, tendo permanecido no top 10 Geral de Ficção durante várias semanas consecutivas” (Vicente, 6). Este artigo não foi incluído na secção Culto apenas devido ao elevado volume de vendas ou exemplares impressos no nosso país, mas principalmente pelo facto de ser verdadeiramente apreciado por crianças e jovens de todo o mundo e por marcar presença nas suas estantes, pelo que certamente é assunto de conversa e de brincadeiras nos intervalos da escola. Por outras palavras, é um culto, um fenómeno construído e alimentado por um grupo, neste caso alargado, constituído por crianças e jovens leitores e consumidores desta série literária (ver anexo 5).

As três páginas que se seguem correspondem à secção Ícone, que se caracteriza por uma forte componente visual: as imagens ocupam a página inteira e num dos cantos encontra-se uma pequena legenda com o nome da personalidade e com informação a ela relativa. Um dos ícones da edição nº 477 publicada a 16 de outubro de 2015 é Malala Yousafzai. Na legenda divulga-se o documentário “He named me Malala” e uma pequena informação sobre a ativista, que se preparava para “decidir entre as universidades de Oxford e Stanford”. As imagens atraem a atenção de quem

²⁵ Texto de Simoneta Vicente publicado na *Tabu* nº 483, a 27 de novembro de 2015, páginas 6, 7 e 8. Disponível na edição online: <http://www.sol.pt/noticia/483069/o-mi%C3%BAdo-sa%C3%ADdo-da-casca>.

folheia estas páginas e o texto a elas associado é extremamente rápido de ler, contendo apenas a informação essencial (ver anexo 6).

A secção que se segue é a Frente e Verso, escrita pelo diretor executivo Luís Osório. Consiste numa imagem que ocupa quase a totalidade do plano e num texto que corresponde graficamente a uma única coluna localizada no lado direito. O conceito desta secção é interessante, pois consiste resumidamente na reflexão e interessante que Osório constrói sobre uma única imagem que ele próprio escolheu.

De seguida, o Fuso, secção da jornalista Ana Cristina Câmara. Sendo esta profissional jornalista do Internacional, dá a conhecer num tom diferente informação que não encontra o seu lugar no primeiro caderno por motivos de falta de espaço ou decisão temática do editor. O conceito era recriar, tal como o nome indica, o fuso horário – a hora, ou notícia neste caso, de cada lugar do mundo. Também neste plano a imagem é a protagonista, à qual corresponde uma notícia e uma ilustração de um relógio onde está escrito o nome do país sobre o qual se está a transmitir informação (ver anexo 7).

A secção Adiante é bastante ímpar no seu conceito. Este plano é dedicado a uma personalidade conhecida em Portugal e, tem como principal objetivo revelar o seu percurso profissional, vitórias passadas, projetos em desenvolvimento e trabalhos a lançar no futuro. De semana a semana, a *Tabu* entrevistava sempre pessoas diferentes, nunca incidindo apenas sobre uma profissão. Esta secção deu a conhecer projetos de escritores, atores, cartoonistas, empreendedores, humoristas e até de *luthiers*. No fundo, faz-se numa pequena descrição da sua vida profissional e pessoal, dando-se ênfase ao passo que se segue, sonhos que ainda estejam por realizar e que planos irão ser concluídos num futuro próximo. O próprio *layout* sugere isso mesmo, com o texto em forma de setas que sugerem andamento, ou “o que se segue, o que podemos esperar?” (ver anexo 8²⁶).

As cinco secções que se seguem são sobre interesses ou *hobbies* com os quais alguns leitores se podem identificar. As páginas de Boa Vida são essencialmente

²⁶ O artigo em anexo tem o título "Regresso marcado para mudar o mundo", escrito por Simoneta Vicente, publicado na *Tabu* nº 468, 14 de agosto de 2015, páginas 40 e 41. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/407289/regresso-marcado-para-mudar-o-mundo>

publicidade a produtos de higiene, cosmética, tecnologia e acessórios. Um pequeno resumo do que consiste o produto procede a imagem a ele associada. De seguida, Destino Improvável, artigo escrito pelo contribuidor Marco C. Pereira, dá a conhecer os mais variados locais por onde passou, oferecendo ao leitor nestas páginas o registo do que encontrou, viu, sentiu e viveu num destino sempre diferente ao da semana anterior. Interessante para quem pensa viajar e ainda não escolheu o seu destino, ou simplesmente para quem o principal *hobby* é deslocar-se pelo mundo de mochila às costas. Comer Fora é, tal como o nome desta secção indica, apenas sobre comida, alimentação, restaurantes e cozinheiros. Pedro d'Anunciação, autor desta secção, apresenta o conceito do restaurante que visitou, os preços aí praticados, classificando de 0 a 20 a comida servida, a decoração do espaço e o serviço.

Com um conceito semelhante, Fim de Boca é a secção onde o leitor pode encontrar artigos escritos por José Manuel Moroso, que apresenta novos vinhos produzidos por diversas marcas. O mesmo se aplica na secção Quatro Rodas, escrita pelo mesmo autor. Neste plano o leitor encontra informação detalhada sobre carros de diversos géneros e marcas.

Já a secção Sol da Meia-Noite é pensada para os amantes da noite. É um plano onde se aposta mais na imagem: tal como se pode observar na edição nº 473, publicada a 18 de setembro de 2016, 12 fotografias ilustram a quinta edição do NOS D'Bandada, que teve lugar no Porto (ver anexo 9²⁷). O texto de um pequeno parágrafo que se encontra no centro das fotografias conta apenas o essencial. Nesta secção está também incluído o artigo de opinião de José Paulo do Carmo, um trabalhador deste ramo, que todas as semanas dá uma perspetiva sobre o ambiente que se vive na noite.

Por fim, temos as secções Ecrã e Sub-16. A primeira informa acerca de uma nova série ou aposta de um canal de televisão internacional. Nestas páginas explora-se o conceito do novo programa que se está a divulgar, em que consistem os episódios e qual o elenco. Sub-16 é a secção especialmente idealizada para os leitores mais jovens. Os conteúdos variavam desde apresentações de livros, programas para fins de semana, divulgação dos mais diversos eventos que tenham a criança como público-alvo.

²⁷ Secção Sol da Meia-Noite publicada na Tabu nº 473, a 18 de setembro de 2015, páginas 66 e 67.

Para além de todas estas secções específicas, as restantes páginas da *Tabu* eram recheadas com os conteúdos e géneros jornalísticos mais variados possíveis. As entrevistas de vida eram muitíssimo frequentes – sendo a maior parte das vezes página de capa. Artigos com os temas de tecnologia, ciência, desporto, exposições, música, literatura, teatro, cinema, entre outros, encontraram o seu espaço nas páginas da revista.

Dito isto, pode-se concluir que a *Tabu* era uma publicação generalista, focada em agradar ao maior número de leitores possível. A informação apresentava-se tanto em textos curtos de leitura rápida, como em textos que requerem uma leitura mais longa. Secções como Culto e Sub-16 são prova do conhecimento do mercado que a equipa do *Sol* tinha e do desejo de o seu conceito se alargar a novos leitores.

1.3. A edição angolana

O primeiro caderno

À redação angolana, uma equipa consideravelmente mais pequena do que a equipa localizada em Lisboa (com cerca de 11 trabalhadores, quatro deles jornalistas), competia produzir a mesma quantidade de meios de comunicação que a redação portuguesa. Contudo, era em Lisboa que os coordenadores da edição angolana exerciam as suas funções, competindo-lhes o fecho do jornal e da revista. Também os jornalistas da redação portuguesa teriam de escrever essencialmente breves para a última página do primeiro caderno da edição angolana. Aos jornalistas da secção Internacional competia-lhes o fecho da *Semana em Revista* da edição referida. Por vezes, os redatores da *Tabu* poderiam escrever um artigo para a *Caju*, dependendo da oportunidade que surgia de entrevistar personalidades africanas que se deslocassem em trabalho a Portugal, ou na ocasionalidade de acontecer um evento no nosso país relacionado de alguma forma com a cultura africana.

Embora a equipa portuguesa tivesse certas responsabilidades quanto à edição angolana, é certo que a maior parte dos artigos publicados nesta edição eram produzidos por jornalistas residentes em Luanda, que viviam embebidos na cultura daquela cidade, estando em contacto direto com os acontecimentos do dia a dia.

Observemos como é constituído o primeiro caderno da edição de Angola tomando a edição nº 479, publicada no dia 30 de outubro de 2015, como exemplo. Tal como o da edição portuguesa, o jornal angolano começa com a secção Foco. Nesta edição, a ocupar um plano, a abertura do jornal corresponde à notícia “Agricultura abaixo do esperado”. A escolha deste artigo para a abertura do jornal desta edição é compreensível: Angola é caracterizada como um país jovem, pretendendo crescer económica e financeiramente. Contudo, enfrenta agora uma crise económica e a desvalorização do kwanza – cenários que não contribuem para o crescimento, neste caso da agricultura, que o país havia previsto. “O sector agrícola vai crescer apenas 2,5% em 2015, muito abaixo das previsões que apontavam para um aumento de 12%.”, lê-se na entrada desta notícia.

De seguida, a secção da Política onde estão incluídas notícias relativas às eleições. A secção abre com o artigo “Samakuva aquece congresso” e, na página seguinte deste plano, “Casa-CE promete várias candidaturas” e “OGE 2016: PIB cresce 3,3%”. No segundo plano desta secção, um artigo de atualização da greve de fome do *rapper* luso-angolano Luaty Beirão: “Greve termina, mas não a luta” e “ Acusação destaca ‘flagrante delito’”. A diferença no número de planos que ocupam as secções da Política entre o primeiro caderno da edição portuguesa e angolana é significativa. Enquanto a primeira investe regularmente em cerca de oito planos nesta secção (utilizando a edição nº 483, do dia 27 de novembro de 2015, como exemplo), a segunda preenche três páginas²⁸, o equivalente a dois planos. A mesma diferença se observa na secção de Sociedade. Ainda na edição em análise, esta secção abre com o texto “Moradores criticam cobranças da Imogestin” e, na página seguinte, “O Livro é um ‘corpo estranho’ no mercado angolano”. No total, duas páginas preenchidas com notícias, o equivalente a dois planos.

A secção seguinte é a de Economia, com um plano dedicado à notícia “Agências de viagem vendem menos bilhetes”. No plano seguinte, o leitor encontra uma rubrica única à edição angolana – a Marcas em Angola. Esta rubrica destaca o conceito de marcas registadas e qual a sua posição no mercado angolano. Nesta edição, a notícia

²⁸ Na contagem de páginas, conto apenas as que têm artigos e não com as de publicidade. Portanto, três páginas onde se lê artigos noticiosos, quatro contando como uma de publicidade.

de abertura é sobre uma empresa portuguesa que abriu uma linha de produção em Angola em 2014: “Sika cresce apesar da crise”. O espaço restante é preenchido com curtas que informam relativamente a eventos promovidos por marcas, como por exemplo “Blue festeja em novo anúncio”; ou até mesmo produtos que serão lançados brevemente, como anuncia a curta “Inovia lança novo portátil”. Em semelhança à edição portuguesa, a secção de Economia é das que mais espaço ocupa da totalidade do jornal. Ou seja, se contarmos com a página de Imobiliário e Publireportagem (na página 16 da edição analisada) e com a rubrica Marcas em Angola, a secção da Economia conta ao todo com três planos. As secções que se seguem são as de Desporto e Cultura, ocupando cada uma delas um plano.

A partir da página 26, começa a secção Portugal. Nesta secção, encontra-se informação da edição portuguesa publicada na sexta-feira anterior. Isto é, tendo em conta que esta edição foi publicada em Angola na sexta-feira, dia 30 de outubro, os artigos incluídos na secção Portugal foram os publicados na sexta-feira passada, dia 24 do mesmo mês, no primeiro caderno da edição portuguesa.

Esta secção preenche 10 páginas do jornal em cinco planos. As notícias de Política são as que abrem e preenchem a maior parte desta secção, enquanto as de Desporto ocupam o último plano da mesma. A terminar esta edição, há ainda um plano da secção Internacional, cujo conteúdo foi sempre inteiramente redigido por jornalistas da redação portuguesa, e seguidamente, a Semana em Revista. Já aqui foi comentado a ausência da identificação de sub-temas, sendo que o *Público* é provavelmente o único jornal português que procede a esta organização dos seus artigos. Embora os temas dos artigos incluídos na edição angolana também não fossem identificados assim, não se encontram desorganizados, pelo que a sua leitura não é dificultada. Ora, cerca de metade do jornal da edição angolana apresenta ao leitor notícias inteiramente sobre o seu país, identificando secções comuns às da edição portuguesa: Foco, Política, Sociedade, Economia, Desporto, Cultura, Internacional e Semana em Revista.

A segunda metade do jornal é maioritariamente constituída por informação acerca de Portugal. Nesta edição, a nº 479, publicada no dia 30 de outubro de 2015 o leitor encontra apenas notícias sobre acontecimentos políticos e desportivos. Não faria

sentido identificar com a secção “Política” e “Desporto” cada um destes artigos, nem incluí-los nessas secções na primeira parte do jornal, pois não seriam reflexo da situação política, cultural e social vivida em Angola. Isto é, não seria prudente identificar as notícias portuguesas como uma leitura prioritária do leitor angolano, pelo que a informação portuguesa se encontra na sua secção específica (Portugal) na segunda metade do caderno.

É tarefa do editor decidir que notícias produzidas pela redação portuguesa devem ser incluídas na edição angolana e quais os artigos sobre Portugal que poderão interessar ao leitor que reside em Angola. A escolha de notícias de ordem política e desportiva é adequada, pois o leitor constrói com esta informação uma perspetiva sobre o contexto político e social português: o artigo que abre a secção Portugal da edição referida é “Governo com prazo de 15 dias”; na página seguinte lê-se “Acordo com BE e PCP sob as regras de Bruxelas”. A fechar a secção, encontram-se notícias sobre o futebol português, mais propriamente de duas personalidades portuguesas importantes na situação desportiva atual: “O cérebro da tática”, artigo que relata o conceito do futebol do treinador Jorge Jesus; na página seguinte, “Mourinho por um fio no Chelsea”. O futebol, indústria bastante exportada por Portugal, é só por si um tema de excelência, apreciado e seguido um pouco por todo o mundo, incluindo pelo povo angolano que segue a liga portuguesa através da televisão.

Por vezes, o cuidado a ter com esta secção, e na verdade com toda a edição angolana, não se resume a decidir que artigos poderão interessar ao público angolano. Como os artigos que entram na secção Portugal já foram produzidos para edições passadas do primeiro caderno português, é necessário ter atenção a determinados pormenores que poderão já não estar corretos e atuais. A notícia “Acordo Ortográfico a Várias Velocidades”, publicada na edição portuguesa nº 454, no dia 8 de maio de 2015, e posteriormente publicada na edição angolana nº 455, no dia 15 de maio de 2015, serve como um bom exemplo de como se tem de adaptar um texto à sua data de publicação, e também ao seu leitor. O objetivo desta peça foi informar se as escolas, tribunais, universidades e instituições policiais portuguesas adotaram o Acordo Ortográfico de 1990. “O período de transição, de seis anos, termina²⁹ no

²⁹ Sublinhado meu.

próximo dia 13.”, lê-se na entrada desta notícia. Na edição angolana todo o texto permaneceu igual, exceto o tempo verbal, pois saiu para as bancas dois dias depois do prazo referido sobre o acordo ortográfico: “O período de transição, de seis anos, terminou³⁰ no dia 13.” (ver anexos 10 e 11).

A coluna que se encontra do lado direito do artigo, com o título “‘É possível voltar atrás’”, também sofreu uma pequena alteração na edição angolana. No meio da coluna a editora acrescentou o subtítulo “Só Angola e Moçambique não ratificaram”, apelando à atenção do leitor. Este facto está também escrito neste texto na edição portuguesa, simplesmente não foi destacado desta forma. Este subtítulo, para além de funcionar como um organizador do texto, é uma chamada de atenção que guia o olhar do leitor, facilitando a leitura da informação relacionada diretamente com o seu país, podendo interessar-lhe mais e assumi-la como prioritária à leitura.

Bailey, na sua obra *Art and Science of Book Publishing* afirma: “O Editor deve ser sensível a este ambiente e viver nele, e poderá ter mais sucesso nessa tarefa se entender como é percecionado nesse ambiente – para os autores, leitores e outros” (21). Estas palavras estão escritas num livro sobre a produção de livros, mas se trocarmos a palavra “Editor” por jornalista, ou editor/coordenador, a restante frase continua a fazer sentido quando adaptada a esta realidade. O resultado terá sempre mais qualidade e eficácia sobre o seu público-alvo se o jornalista estiver próximo das fontes de informação sobre qualquer tema que surja no país em que o profissional está integrado.

To attract them to the product, editors have to know who they are, what they care about and what is most meaningful to them. Editors have to assume the perspective of an intended audience, to put themselves in the shoes of their audience. The result is that the audience—the readers, listeners, viewers, consumers, target publics—drive decisions about news, advertising and public relations (Collins, 9).

Recordo-me de ter feito a cobertura da inauguração da exposição “Retornar – Traços de Memória”, organizada pela Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa (EGEAC), no dia 4 de novembro de 2015. A iniciativa foi

³⁰ *Idem*

desenvolvida com o propósito de “assinalar os 40 anos do movimento que ficou conhecido por retorno das ex-colónias portuguesas e teve o seu auge na ponte aérea de 1975”³¹. Inicialmente, o objetivo seria escrever uma reportagem para a *Tabu* num ângulo diferente do que os outros jornais já haviam tido oportunidade de escrever ao longo daquela semana e meia. Tendo o evento acontecido numa quarta-feira, sugeri à coordenadora da *Caju*, a jornalista Filipa Moroso, que incluísse este artigo na edição seguinte, uma das três edições especiais comemorativas do aniversário da independência das regiões africanas, que iria fechar na segunda-feira. O artigo estava “vendido” e a responsável pela revista contava com ele no início da semana seguinte. Tratando-se de uma edição especial, reuniu e aconselhou-se com outros jornalistas da edição portuguesa que contribuíram para a produção destas edições e também com a equipa da edição angolana para delinear o plano da edição (ver anexo 12). Dias depois, a coordenadora desta revista dizia-me que afinal a minha reportagem não ia entrar na *Caju*: “Ainda é uma questão muito sensível em Angola. Todos me aconselharam a não publicar um artigo sobre os retornados, assegurando-me que 40 anos depois ainda podemos ferir suscetibilidades”, explicou-me.

Aquilo que ambas, a jornalista e coordenadora, tomavam como certo, e adequado a incluir numa edição especial comemorativa do movimento de descolonização, iria ser um grande erro. A publicação deste artigo em Angola iria ofender os seus leitores – exatamente a antítese do que um jornal pretende. Ora, se não houvesse alguém na equipa do jornal *Sol* residente em Angola, consciente de forma completa e plena da realidade que nesse país se vive e o que o seu povo pensa e sente quanto a este tema, ou qualquer outro que se quisesse publicar, a integração deste jornal nesta comunidade seria bastante difícil.

A *Caju*

A revista *Caju* era o equivalente à *Tabu* na medida em que era o suplemento vendido com o jornal *Sol* Angola. Ao contrário do observado na *Tabu*, nota-se uma ausência de secções fixas. No entanto, é perceptível ao folhear uma edição da revista

³¹ Informação retirada do sítio www.egeac.pt/evento/retornar-tracos-de-memoria

uma certa estrutura de artigos que, embora não seja fixa, é respeitada na maioria das edições.

Esta revista abre com secção Em Foco. Num modelo de texto curto e leitura rápida, apresenta-se informação sobretudo acerca de famosos do mundo da moda, música, televisão e cinema. O primeiro artigo que surge é muito frequente um perfil de uma personalidade famosa cujas raízes sejam africanas. Neste plano o objetivo era contar a história de vida de um profissional de televisão, cinema, moda, desporto, humor, dança, música, entre muitos outros, que se tenha tornado famoso em países como os Estados Unidos da América. O perfil ocupa um espaço de um plano, no máximo dois, e no decorrer dessas páginas o jornalista escreve sobre o *background* da pessoa sobre a qual investigou noutros meios de comunicação, que vitórias alcançou e, acima de tudo, que obstáculos teve de ultrapassar³². Como se tratam de pessoas com raízes africanas, como disse, um dos obstáculos mais comum é o preconceito e racismo que sofreram nos países ocidentais onde vivem e trabalham. O leitor angolano poderá identificar-se com o modo como atingiram o sucesso e o reconhecimento por parte dessa população.

Na mesma edição poderá seguir-se um perfil de uma personalidade nacional ou de outro país africano, bem como uma entrevista de vida de um artista admirado no momento, como foi o caso da entrevista realizada à modelo e atriz Ana Sofia Martins, protagonista da novela “A Única Mulher”, transmitida em Portugal e Angola³³. Tal como na *Tabu*, este artigo é muito frequentemente a página de capa da publicação.

Culturalidade era possivelmente a única secção fixa originalmente criada pela equipa da *Caju*. Os artigos escolhidos para ocuparem este plano eram frequentemente sobre exposições, espetáculos ou qualquer outro tipo de evento que refletisse a cultura e história de Angola. Um dos textos desta secção, “Arte Explosiva”³⁴, explora o conceito da exposição Ki Mona Mesu, que depois de estar patente no Camões – Centro Cultural Português, regressou a Huambo: “...enquanto José Pinto pretende destacar a crueldade da guerra e as suas consequências, para que jamais Angola seja vítima deste

³² Ver exemplos em: <http://sol.pt/noticia/408434/Uma-palavra-a-escrever-contr-a-desigualdade> e <http://sol.pt/noticia/406665/Uma-bailarina-improvavel>

³³ Esta entrevista será analisada no capítulo seguinte.

³⁴ Artigo de Paula Cardoso, publicado na *Caju* nº 213, a 10 de abril de 2015, páginas 26 e 27.

flagelo devastador, Mário Tordinha suaviza e transforma o infortúnio, desafiando-nos com outros significados e funções para esses mesmos elementos”, lê-se no artigo da jornalista Paula Cardoso. Nesta citação está presente a ideia de que se trata de uma exposição que reflete a memória e acontecimentos históricos de Angola, e como consequência, a sua cultura.

Dependendo dos conteúdos disponíveis nessa semana, cerca de metade da revista é constituída por artigos publicados na *Tabu* da edição anterior. Tendo em conta que a *Tabu* e a *Caju* são revistas generalistas, muitos dos textos publicados na revista da edição portuguesa são adequados ao público angolano. Um dos muitos artigos escritos com o propósito de publicar apenas na *Tabu* e que acabou por ser também publicado na *Caju* foi “A Arte da Prótese”³⁵, o perfil de Sophie de Oliveira Barata, uma artista luso-britânica que desenha e esculpe próteses realistas e surrealistas, consoante o gosto de cada um. Embora trabalhe e receba os seus clientes no seu estúdio em Londres, recebe pedidos de todo o mundo — o mais longínquo foi da Papua Nova-Guiné, uma prova de que este tema pode suscitar o interesse de leitores de diferentes nacionalidades.

Muitas das secções da revista da edição portuguesa, como o Destino Improvável, Fim de Boca, Quatro Rodas são também publicados na *Caju*. Contudo, a secção Comer Fora é adaptada, pois não faria sentido o leitor natural ou residente em Angola ler informação sobre restaurantes portugueses, que não estão acessíveis devido à distância entre países. “Cozinha com Sotaque”³⁶, artigo sobre um restaurante na costa angolana, é um bom exemplo de como adaptar esta secção ao seu público-alvo (ver anexo 13).

A inexistência da secção Sol da Meia-Noite é justificável pela mesma razão. No entanto, era muito frequente a *Caju* publicar um portefólio³⁷ a ocupar cerca de três planos, com fotografias de uma festa ou concerto que tivesse tido lugar numa discoteca conhecida e frequentada pelos leitores, como se pode observar nas páginas 34 a 39 da edição nº 213, publicada a 10 de abril de 2015 (ver anexo 14).

³⁵ Disponível em <http://www.sol.pt/noticia/128227/a-arte-da-pr%C3%B3tese>

³⁶ Artigo de Paula Cardoso publicado na *Caju* nº 213, a 10 de abril de 2015, página 32 e 33.

³⁷ Texto de José Maurício e Paula Cardoso. Fotografias de Leandro de Almeida e Belike.

1.4. O ritmo de edição do *Sol*

Apesar da distância que separa os dois continentes, alguns elementos da equipa portuguesa tinham de assegurar a produção da edição angolana, o que influenciava o ritmo de edição de toda a equipa do *Sol*. Apesar de este jornal ser um semanário e não um diário, a equipa sofria fechos praticamente todos os dias (ver anexo 15).

A semana começava com o fecho da *Caju* à segunda-feira; entre o dia seguinte e quarta-feira de manhã os jornalistas da *Tabu* teriam de ter todos os seus artigos prontos a serem enviados à gráfica; a meio da semana, na quarta-feira, os jornalistas Emanuel Costa e Ana Cristina Câmara teriam de receber via e-mail as últimas notícias e reportagens produzidas pela redação angolana para fechar o primeiro caderno da edição de Angola. Por último, na quinta-feira até às 14h00 as secções Sociedade, Cultura e Internacional teriam de estar prontas, pois seriam as primeiras a imprimir; até às 19h00, era a vez das secções da Política, Economia, Português Global e Semana em Revista.

A sexta-feira estaria reservada para apreciação e crítica dos meios de comunicação produzidos ao longo da semana, bem como de reuniões onde os jornalistas teriam de apresentar ideias e sugerir novos conteúdos a incluir na edição seguinte aos seus coordenadores de secção. De seguida, todos os coordenadores de secção, incluindo os responsáveis pela paginação de ambos os jornais e revistas, o responsável pela infografia e pelo tratamento de imagem teriam de reunir com os elementos da Direção do jornal para planear a semana seguinte. De forma bastante resumida e simples, o gráfico em anexo (16) esclarece o ritmo do trabalho numa redação e as fases de produção de todos os meios de comunicação impressos publicados pelo *Sol*: a semana iniciava com todos os elementos da redação a saberem o que lhes competia fazer para concretizar o plano de edição (ver anexo 12) idealizado pela Editora: os paginadores sabiam quantas páginas teriam de desenhar, os jornalistas dedicavam-se à recolha da informação dos artigos que teriam de fechar na quinta-feira. Depois de os jornais e revistas serem impressos, distribuídos pelas bancas de todo o país, outra edição teria de ser planeada para cumprir este ciclo (ver anexo 16).

1.5. A edição digital

A tecnologia e a indiscutível importância da edição *online* de um jornal é, provavelmente, das novidades mais debatidas na área da comunicação e jornalismo: de que forma tem mudado a apresentação da informação? De que forma tem mudado, e irá mudar a profissão do jornalismo? Quais as potencialidades da *World Wide Web*? Quais os desafios que representa?

Num mundo cada vez mais tecnológico, onde informação flui a um ritmo alarmante, as potencialidades múltiplas que este género representa são inegáveis: “Os leitores podem simplesmente ligar o seu *browser* ou dispositivo sem fios de leitura e desfrutar de o texto, fotografias, sons e vídeos. Por vezes, podem comentar e fazer parte desse conteúdos” (Friend, Challenger, McAdams, 174).

É um facto adquirido que o jornalista tem agora a oportunidade de usar ficheiros áudio, vídeos e mais quantidade de fotografias do que a edição impressa permite. Mas, exatamente por permitir o uso de todos estes formatos, há autores que não o consideram uma novidade em si mesmo:

The World Wide Web is not technically a *new* medium – as were television, radio, audio recording and the printing press – but rather an unprecedented *convergence* of existing media. The Web incorporates print, photography, video and audio with real-time convenience of the telephone and the depth of a Great library. These Technologies have been around for decades or centuries; what is new is their interaction, immediacy, and intimacy when they converge online” (560, contemporary editing) [...] The depth and analysis of print, the drama and impact of video and the traditional intimacy of radio converge online to create a **hybrid medium** that not only borrows from all those earlier traditions, but also transcends them to create **new possibilities**” (Friend, Challenger, McAdams, 570).

Estas novas possibilidades refletem-se ao nível da organização temática do *Web site*. No ano de 2010, ao assinalar o seu 4º aniversário, o *Sol* havia mudado o *design* do seu sítio, que se afirmava agora dono de uma “...imagem renovada – mais moderna, funcional e atractiva para os leitores”³⁸. A forma como o sítio está construído e desenhado dá grande destaque à imagem associada ao artigo: a disposição de cada texto é como um único azulejo que compõe um extenso mosaico de atualidade. No meio do mosaico, em qualquer secção, estão três colunas grandes que permitem

³⁸ Informação retirada do artigo de Maria Teresa Oliveira, editora do jornal *online*, publicado a 17/09/2010: <http://sol.pt/noticia/341/Novo-site-do-SOL>

aceder facilmente a conteúdos recém publicados, aos mais lidos e aos artigos de opinião. A renovação mais óbvia foi a leitura do *Web site* na horizontal - como “num infinito livro digital”³⁹ - em vez de na vertical, como no *site* se lia desde o seu lançamento em 2006. Esta mudança é justificada pelas alterações dos hábitos de consumo de notícias:

Cada vez mais, os leitores consomem notícias em smartphones e tablets com ecrãs de toque, em aplicações construídas para esses dispositivos ou nas versões móveis dos seus sites favoritos. E fazem-no com a ponta do dedo, numa experiência muito mais próxima do tradicional folhear de um jornal. Como todos sabemos, folheia-se na horizontal.⁴⁰

Também devido a esta realidade, o *Sol* assinalou o seu 5º aniversário com uma edição *Ipad*, cujo lançamento já tinha sido anunciado no ano anterior⁴¹. O objetivo seria proporcionar “...as vantagens de um *site online* atualizado ao minuto, com uma experiência de utilização mais próxima do papel, uma vez que estes aparelhos possuem um ecrã tátil que permite ‘folhear’ a versão especial que o *Sol* desenvolveu para o *Ipad*. Como se o leitor tivesse um jornal nas mãos” (Sol, Oliveira).

Portanto, ao observar-se da esquerda para a direita, a barra de Menu começa com a secção Multimédia. Nesta secção encontram-se notícias que contêm um vídeo ou uma fotogaleria. Nem todos os artigos que contêm uma infografia ou um ficheiro áudio se encontram nesta secção, pois por vezes o tema está bastante definido e intrínseco no texto, sendo preferível incluí-lo na secção correspondente para que seja mais fácil para o leitor encontrá-la.

Na verdade, é imperativo que neste meio de comunicação a informação esteja “organizado por tópico em secções e sub-secções para que os utilizadores consigam encontrar os temas que mais lhes interessam rápida e facilmente” (Friend, Challenger, McAdam, 584). Por exemplo, “Vamos brincar a conhecer o outro” é de um artigo sobre o trabalho de Margarida Botelho, uma autora de livros infantis que, juntamente com a sua equipa, fez um sessão de leitura numa biblioteca pública. Como a sessão foi dotada de uma componente visual muito forte e apelativa, foi possível incluir uma

³⁹ Informação retirada da “Oficina do Sol”: <http://oficina.sol.pt/?p=55>

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ Edição *Ipad* foi notícia noutros sítios: <http://www.meiosepublicidade.pt/2011/09/semanario-sol-assinala-5%C2%BA-aniversario-com-aposta-no-ipad/>

fotogaleria no artigo, que foi publicado unicamente para o jornal *online*⁴². Principalmente por se tratar de literatura infantil, o editor escolheu inseri-lo na secção da Cultura.

O mesmo aconteceu com uma das *playlists* da jornalista Alexandra Ho: “Em estágio para o Primavera Sound”⁴³. Sendo o Primavera Sound um dos festivais de verão portugueses, a *playlist* foi colocada na secção Cultura – um leitor que se interesse pelas *playlists* e pelos acontecimentos culturais cobertos por esta jornalista tem menos probabilidades de navegar na secção de Multimédia, sendo a da Cultura que está imediatamente associada.

Todas as potencialidades referidas estão mais presentes na edição *online* portuguesa do que na angolana. Enquanto a primeira tem uma barra de menus organizada tematicamente, o mesmo não se observa no *Web site* de Angola, que conta com um número muitíssimo menor de leituras: enquanto é raro que uma notícia na edição *online* portuguesa tenha menos de 100 leituras, era muito frequente que uma notícia publicada na edição *online* angolana tivesse apenas 30. Como este *Web site* não é atualizado ao minuto como o português, não contém o quadro de “últimas notícias”, nem o quadro de textos de opinião. No quadro “Artigos mais vistos” estão sobretudo as entradas “Veja a capa do sol” e “Veja a Capa da Caju”⁴⁴. Em consequência, o leitor angolano não se mostra participativo na edição *online*, como o leitor português, que expressa a sua opinião ao comentar os artigos dentro do sítio e em redes sociais como o Facebook.

De facto, todas as alterações procedidas em 2010 e todas as funcionalidades até agora referidas não têm apenas o objetivo de melhorar a experiência da navegação do leitor, que neste caso, passa a ser também um utilizador, ao “estar mais próximo da redação” (Sol, Oliveira). O leitor torna-se mais participativo de uma forma mais imediata, sendo em grande parte as redes sociais as grandes responsáveis desta interação, pois é possível “os utilizadores do Facebook fazerem comentários no site do Sol. É igualmente possível fazer *login* nesta rede social – na qual o Sol já tem um grupo muito relevante de ‘fãs’ – através do site do jornal” (Sol, Oliveira). “**Tudo isto**

⁴² <http://sol.pt/noticia/126171/Vamos-brincar-a-conhecer-o-outro->

⁴³ <http://sol.pt/noticia/393160/A-playlist-de-Alexandra-Ho-23-Em-estagio-para-o-Primavera-Sound>

⁴⁴ Ver <http://sol.co.ao/#>

faz com que seja muito fácil enviar um comentário ou proposta de correcção a um artigo, ou fornecer informação adicional” (“Oficina do Sol”).

Embora os artigos acima referidos tenham sido redigidos com o propósito de publicar no *site*, essa não é a única realidade desta edição. Todos os artigos publicados nas edições impressas do *Sol* estão também destinados a serem publicados na edição *online*. Cada notícia da edição impressa é publicado no *online* em dias diferentes, dependendo do seu conteúdo e daquilo que informa. No dia de publicação do jornal, sexta-feira, a editora do jornal *online* questionava todos os coordenadores de secção na redacção sobre o grau de urgência de cada texto a publicar neste meio de comunicação. Isto é, um artigo que divulgasse um evento cultural a acontecer no domingo seria publicado entre sexta-feira e sábado. “Acordo Ortográfico a várias velocidades”⁴⁵ foi um dos muitos artigos que foi produzido para a edição impressa portuguesa e angolana e que dias depois foi exportado para o *Web site*. Como se pode observar nos anexos 10 e 11, o artigo contém uma coluna do lado direito, com o título “É possível voltar atrás no Acordo Ortográfico”. Tal como o *layout* sugere, essa coluna, separada do texto principal, é uma informação secundária.

Ambos os textos foram publicados no *site* separadamente, pelo que a fronteira que divide uma notícia principal de uma secundária deixa de existir⁴⁶. Esta é outra das características mais importantes e óbvias dos artigos publicados neste meio:

Because users can approach the same event or issue through different formats, editors must modify the traditional notion of a single story elements of the news. Online, each story must be more self-contained, because any number of users may settle on it as their “main” story. At the same time, however, stories must retain enough individuality that they do not become overly repetitive (Friend, Challenger, McAdams, 570).

Inicialmente, as primeiras gerações de jornais a lançarem-se na Web nos anos 90 “entendiam o seu *Web site* simplesmente como versões electrónicas dos seus jornais”, exportando os artigos da edição impressa diretamente para a edição electrónica (Friend, Challenger, McAdams, 573). Hoje, a edição *online* tem de estar em constante atualização, produzindo muito conteúdo original:

⁴⁵ Artigo de Rita Carvalho, Simoneta Vicente e Sónia Graça, publicado no primeiro caderno da edição portuguesa nº 454 a 8 de maio de 2015, página 18 e 19. Foi também publicado no primeiro caderno da edição angolana nº455, no dia 15 de maio de 2015, páginas 30 e 31.

⁴⁶ <http://sol.pt/noticia/391718/Acordo-ortografico-a-varias-velocidades> e <http://sol.pt/noticia/391724/-possivel-voltar-atras-no-Acordo-Ortografico->

Many sites now rely much more heavily on original content than they did a few years ago. While important stories still appear both in print and Web versions, other kinds of coverage can appear in one medium or the other, depending on the audience. A quick trip through several Web sites demonstrates, for example, that newspapers online tend to emphasize stories about **technology, business and entertainment** more heavily than is customary in print” (Friend, Challenger, McAdams, 574).

Estes temas são precisamente os que encontram o seu espaço no *Web site*, que tem (entre outros) a Tecnologia, Vida e Lifestyle como secções na barra de Menu. Produtos de tecnologia, maquilhagem e até alimentação eram também divulgados principalmente nas páginas da *Tabu*, Boa Vida. Enquanto nesta secção da revista existe espaço apenas para uma fotografia do dispositivo eletrónico que se pretende divulgar, a edição *online* possibilita ao jornalista escrever, sem qualquer limite de espaço, sobre todas as funções e especificidades desse mesmo produto.

A infinidade de espaço e de possibilidades múltiplas de apresentar uma notícia – com fotografias, infografias, áudio ou vídeos - é uma das características mais óbvias deste meio de comunicação:

Just as the immediacy of online news creates possibilities and problems at the same time, the bottomless “pace” of a Web site is a mixed blessing. Print journalists have begged for more room, and broadcast journalists for more time, since those media were created. The Web gives it to them at last. Now reporters and editors are finding that they need to update old guidelines in order to deal with the implications of infinity (582).

De facto, a vasticidade que este meio oferece pode ser um pouco arrebatadora tanto para o jornalista, como para o leitor. Embora o *Web site* “providencie, o que é para todos os efeitos práticos, um espaço infinito para as notícias”, o jornalista sabe que é importante manter-se sucinto e objetivo para não cansar o leitor. Uma estória mais longa na edição *online* pode sempre ser subestimada pelo leitor, que poderá desistir de a ler. Contudo, existem ferramentas interativas que se mostram vantajosas para o autor e leitor, como o hipertexto⁴⁷. O leitor reconhece-o por serem normalmente palavras diferenciadas das outras pela cor, ou até por texto sublinhado, como se pode observar no artigo “Conselhos para uma dieta vegetariana saudável”,

⁴⁷ Hypertext is a coding system embedded in text that tells computer software how to get to another online site or another page within the same site. (Friend, Challenger, McAdams, 571)

cujo *link* aí presente transporta o leitor para o PDF inteiro da autoria da Direção Geral de Saúde. O hipertexto é importante para qualquer jornal *online*, pois:

not only links related news stories and images to one another to give users a variety of perspectives on an event or issue; it also enables editors to provide extensive background information, context and historical data. This capability cuts two ways, shaping both content and design. On the one hand, it means that hard-news coverage can be limited and succinct. Even major stories can be short; they no longer need to include extensive background information available through hypertext links (Friend, Challenger, McAdams, 571).

Todas estas vantagens que o hipertexto oferece podem ser observadas e sentidas na notícia “Liceu Camões lança petição contra falta de obras de requalificação”⁴⁸. No terceiro parágrafo encontra-se um *link* que permite ao leitor aceder diretamente à petição, podendo ler o documento na sua totalidade e até subscrevê-la imediatamente – algo que não seria possível se esta notícia tivesse sido publicada na edição impressa. No penúltimo parágrafo encontra-se outro *link* que permite aceder a outro texto publicado pelo *Sol*, escrito pela mesma jornalista que tinha seguido a situação em que a Escola Secundária Luís de Camões se encontra, oferecendo todo o contexto que o leitor pode tomar como necessário à compreensão da informação ali prestada.

Segundo Friend, Challenger e McAdams, autores de *Contemporary Editing*, a técnica da pirâmide invertida⁴⁹ é um “modelo pré-eletrónico para o hipertexto” (585). Para melhor explicar esta teoria utilizarei novamente a notícia “Liceu Camões lança petição contra falta de obras de requalificação” (*link* no rodapé da página anterior) como exemplo. O *lead* da notícia deve ser um resumo de toda a informação essencial (1º parágrafo); de seguida, deve-se comprovar os factos aí apresentados com um contexto, detalhes e citações (2º, 3º, 4º e 5º parágrafos); resta, então, apresentar factos secundários por ordem de significância (6º e 7º parágrafos) (584).

Todavia, o ritmo de edição de qualquer jornal *online* traduz-se pela rapidez. Mais do que nos meios de comunicação escritos, o jornalista e editor necessitam de ser imediatos na redação e edição dos conteúdos noticiosos. Na edição *online* não

⁴⁸ <http://sol.pt/noticia/413837/Liceu-Camoes-lanca-peticao-contra-falta-de-obras-de-requalificacao>

⁴⁹ Está teoria será explorada mais a fundo no segundo capítulo do trabalho.

existe um dia de fecho por semana, como sucede com as edições impressas do *Sol*. Tal como os autores de *Contemporary Editing* expressam: “As notícias de última hora mudam tão depressa como as páginas Web são publicadas [...] Nas redações, as alterações no *layout* acabam quando a publicação vai para a gráfica. Contudo, no online “ir para a gráfica” é um processo constante; páginas são criadas e revistas a toda a hora todos os dias” (Friend, Challenger e McAdams, 572).

E por ser esta a sua essência e natureza, muitas histórias que começam por ser publicadas no *Web site* encontram-se num processo de atualização durante o tempo em que os factos se desenrolam. Enquanto o jornalista tem a oportunidade de oferecer ao leitor uma história mais completa, onde consegue agregar numa só página e num só artigo todos os factos, acontecimentos e contexto, o mesmo não se observa com o *online* (580). Muitos dos textos produzidos são mais curtos: este meio de comunicação urge por informação imediata, escrita de forma simples, sucinta e eficaz para que o leitor, que poderá estar ocupado na sua viagem de metro ou um trabalhador que esteja no seu intervalo, assimile o mais rapidamente possível a informação essencial dessa notícia.

No dia em que foi anunciada a morte de Christopher Lee todos os jornais noticiavam no seu *Web site* alguns pormenores do seu falecimento, recordando algumas das participações mais notáveis e mais conhecidas em filmes. O *Sol online* transmitiu essa mesma informação na notícia “Morreu Christopher Lee”, um texto extremamente sucinto, com cinco parágrafos.⁵⁰ Sete horas depois, o *Web site* voltaria a publicar outro texto sobre a carreira de Christopher Lee, mas desta vez, um perfil – um artigo mais cuidado, detalhado e completo, contendo mais informações sobre o ator, sobre a sua personalidade e a sua carreira cinematográfica⁵¹.

⁵⁰ <http://sol.pt/noticia/396897/Morreu-Christopher-Lee>

⁵¹ <http://sol.pt/noticia/396976/Christopher-Lee-Provei-as- pessoas-que-estavam-enganadas->

2. A Notícia vs. Magazine: regras, estrutura e criatividade

Ao longo do primeiro capítulo foram feitas algumas distinções sobre o que é uma notícia e um artigo de magazine, analisando através de alguns exemplos como estes se adequam a cada um dos meios de comunicação produzidos pelo *Sol*. Todos os artigos que, à partida, não se debrucem em factos puros e diretos acerca de um acontecimento são chamados *feature articles* ou artigos de magazine. Friend, Challenger e McAdams oferecem a seguinte definição desta categoria:

Features are those *other* stories – the ones that don’t always seem to have a great deal of news in them but are fascinating nonetheless. Perhaps the appeal lies in the way they explore details and nuances rather than marching efficiently through the facts; perhaps it is that they tend to be about people instead of events (306).

Qualquer artigo jornalístico, *hard-news* ou *feature article*, discorre sobre pessoas independentemente do assunto, “mas as notícias tendem a retratar pessoas consoante o evento público em que se inserem” (307).

No entanto, o artigo de revista tem como objeto as pessoas: os perfis são artigos que se centram numa pessoa e a sua personalidade, experiências pessoais e profissionais, vitórias e momentos baixos da sua vida (307); a entrevista de vida, tal como indica o nome, dá a conhecer ao leitor um indivíduo (normalmente famoso), explorando, através de uma estrutura de pergunta-resposta, a sua personalidade, interesses, profissão, opiniões e até a sua infância e juventude, contando assim a sua história de vida.

Existem elementos comuns a todos os artigos jornalísticos que são significativos para a construção da identidade de cada um destes géneros e importantes para o ponto de vista da edição de cada um. É o caso do título, a entrada, a legenda e o destaque. Mas que componentes exatamente devem formar a estrutura de uma *hard-news*? E que preocupação deve ter o jornalista no ato de pesquisa e escrita de um artigo de magazine, apesar de neste não se verificar uma estrutura tão rígida como o anterior? Que diferenças existem entre ambos os estilos?

O processo de escrita de uma *hard-news story* depende muitas vezes de uma estrutura de organização de ideias e de informação rígida exposta de forma a

apresentar os factos da maneira mais objetiva possível. A estrutura utilizada é a pirâmide invertida, de onde se parte da informação mais importante para a menos importante (ver anexo 17).

O primeiro parágrafo, o *lead*, “resume a informação mais urgente da estória e captura os seus valores essenciais” (67). Ou seja: de forma sucinta, deve apresentar os fatos mais importantes para que o relato do acontecimento seja completo – o “quem”, o “quê”, o “como”, o “porquê”, o “quando”, o “onde”. Depois de o jornalista ter recolhido a informação junto das fontes ou do local onde a notícia aconteceu deve sempre refletir se tem a resposta para estas perguntas básicas. Nos parágrafos seguintes, isto é, no corpo da notícia deve passar à explicação com pormenores e informação considerada secundária que sustente o que se noticiou no *lead*, como é o caso das citações.

Recordo um conselho que a editora do *online* me deu quando revia um dos meus textos: “No primeiro parágrafo tenta sempre escrever aquilo que queres que o leitor saiba. Mesmo que não continue a ler a peça, o *lead* deve bastar para que fique informado”. Nash conta o mesmo na sua obra *How newspapers work*: Assim que tiveres a introdução escrita já é meio caminho andado”, dizem os jornalistas seniores aos mais novos” (13). De facto, o *lead* é considerado o elemento mais importante da notícia, pois:

the lead not only presents the most essential information at the top of the story and determines what will follow; it also makes the story’s first and crucial appeal to the audience. Newspaper and online readers who aren’t grabbed by the first sentence of a story are likely to move on to something else (Friend, Challenger, McAdams, 68).

Um artigo de magazine caracteriza-se pelo oposto, uma vez que não são estruturados de forma tão rígida como uma *hard-news* devido à sua escrita mais personalizada. No *feature article* existe mais espaço para a criatividade do autor, e para explorar curiosidades e pormenores da estória, pelo que as informações mais importantes, ao contrário do que se observa numa *hard-news*, encontram-se no corpo do texto, e não no *lead*.

Features often take a longer route to main point or points, keeping the audience engaged along the way with a strong narrative, a sense of drama,

humour, or an otherwise compelling prose style. In a few instances features may have no obvious point at all, but instead try to capture a personality or the texture of life, or simply entertain (Friend, Challenger, McAdams, 329).

É comum que este artigo seja mais longo, dependendo de uma pesquisa alargada, que pode demorar alguns dias ou semanas a executar. Quando a informação está recolhida e as entrevistas feitas, o jornalista questiona-se sobre como irá proceder no ato da escrita: “Como expor a informação recolhida?”; “Que citações são essenciais?”; “Que ângulo adotar?”. Segundo David E. Sumner & Holly G. Miller, este género de artigo desenvolve-se de acordo com três componentes específicas:

angle, forms and audience. The angle is the particular “slice” of the broad topic that you pursue [...], the “form” is the type of article, such as profile, how-to, inspirational, travel, and so forth. The “audience” consists of the particular demographic group who reads the magazine where you intend to publish the article (14).

Tendo já feito reflexões sobre a importância do público-alvo de cada meio de comunicação produzido pelo *Sol*, e alguns dos tipos de artigos publicados numa revista, concentremo-nos agora no ângulo. Jornalistas de vários meios de comunicação estiveram presentes na inauguração da exposição “Retornar – Traços de Memória”, organizada pela EGEAC. Ao longo dessa semana foram publicados diversos textos acerca da mostra, embora com ângulos diferentes. O *Observador* publicou um artigo sobre os álbuns de família reunidos na exposição, com o título “Abra aqui os álbuns de família dos retornados”⁵²; o *Sol*, por sua vez, incidiu sobre dois testemunhos das segundas gerações das famílias ali retratadas, no artigo “Retornar a um passado recente”⁵³.

O *lead* de um *feature article* vai definir o ritmo e o tom da escrita dos restantes elementos do artigo, que dependem “da forma” (ou tipo de artigo), bem como de a quem se dirige. Como o *feature article* não depende da estrutura da pirâmide invertida, “requer uma atenção especial porque não emerge logicamente a partir dos factos da estória da mesma forma que o *lead* de uma notícia emerge. O *lead* de um artigo de revista é a criação de um escritor, e pode chegar ao público a partir de uma das dezenas de caminhos” (Friend, Challenger, McAdams, 316).

⁵² Disponível em: <http://observador.pt/2015/11/05/abra-aqui-os-albuns-de-familia-dos-retornados/>

⁵³ Artigo de Simoneta Vicente, publicado na Tabu nº 481, a 13 novembro de 2015, páginas 22 a 27. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/481157/retornar-a-um-passado-recente>

À semelhança do *lead* de uma notícia, o *lead* de um artigo de magazine deve ser curto, interessante e capaz de cativar a atenção do leitor, beneficiando da criatividade, uma das principais características deste elemento. Friend, Challenger e McAdams apresentam vários tipos de *leads* comuns nos *feature articles*, cuja definição demonstra estas características e a intenção que o autor atribui ao *lead*. Nos próximos parágrafos irão estar definidos os *audience-identification leads*, os *quote leads* e *descriptive leads*, acompanhados de exemplos concretos de artigos publicados na *Tabu* ou *Caju*.

Audience identification leads encourage readers or viewers to imagine themselves as participants in the story. By putting the audience on the front lines of an issue, such leads can underscore an impact that is otherwise hidden. Because they usually are written in the second person, they are unique enough to grab attention (321).

É este tipo de *lead* que começa o texto “A arte da Prótese”, um perfil da luso-descendente Sophie de Oliveira Barata, fabricante de próteses realistas e artísticas:

*“Imagine que de repente pode simplesmente desmontar o seu dedo para retirar de lá um fósforo, enquanto aponta um laser incorporado no seu pulso. Acha que isto só é possível nos filmes do Inspector Gadget? Está enganado. A luso-descendente Sophie de Oliveira Barata fabrica próteses à medida da imaginação dos seus clientes. Todo o processo de design obedece a uma estreita relação com a individualidade e os desejos de cada pessoa”.*⁵⁴

Nas três primeiras linhas é perceptível o uso da segunda pessoa e o apelo do autor, que assim pede ao leitor que se insira no contexto dado e que se imagine naquela situação, numa tentativa de o colocar dentro da estória que está a contar, tal como sugerem os autores de *Contemporary Editing*.

“Descriptive leads describe an event, a person or a process. They work when what is being described is likely to catch the audience’s attention on its own and does not require immediate explanation” (317). O *lead* do artigo “O miúdo saído da Casca” corresponde à definição de *lead* descritivo:

“Já estamos num dos muitos hotéis de Lisboa quando Jeff Kinney chega. Para nossa surpresa, faz-se acompanhar por uma equipa de filmagens, impossível de passar despercebida, com as suas t-shirts pretas com o rosto de Greg Heffley. As câmaras seguem-nos e juntam-se à conversa, mas o autor bestseller mostra-se tão surpreendido como nós: “Eu também não sabia que ia ser assim”, começa por explicar. “Faço muitas tours nos Estados Unidos da

⁵⁴ Artigo de Simoneta Vicente, publicado na *Tabu* nº 448, a 27 de março de 2015, páginas 18, 19 e 20. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/128227/a-arte-da-pr%C3%B3tese>

América e acaba por ficar tudo esquecido porque não gravamos nada”
(Vicente, 6).

A principal característica deste *lead* é, sem dúvida, a descrição. A contextualização oferecida ao leitor do espaço onde jornalista e entrevistado se encontram, bem como a descrição do ambiente e das pessoas que se encontram em redor podem captar a atenção do leitor, sendo ao mesmo tempo relevantes para a estória a retratar.

“A quote lead, of course, opens a story with a quotation. Pure quote leads are rare because few quotes are so self-explanatory that they require no context. Quote leads usually have a bit of something else in them – descriptive, anecdotal or dramatic lead” (326). Observemos o exemplo do artigo “Uma Editora com um toque de escândalo”:

*“Um livro “irrepetível”⁵⁵. É assim que o editor Manuel S. Fonseca define 'As Flores do Mal' de Fernando Pessoa - absinto, ópio, tabaco e outros fumos, do qual foram feitos apenas 1.500 exemplares numerados. O que tem de especial este livro? A capa e a contracapa, que são feitas de uma única folha de madeira. E a lombada flexível, só possível graças a uma avançada tecnologia laser. Nunca antes tinha sido feito em Portugal um livro com estas características”.*⁵⁶

2.1. A estrutura do artigo de magazine

Não é necessário seguir uma fórmula ou estrutura para escrever um artigo de revista; todavia o texto não pode ser desprovido de organização e lógica. Todas as informações e ideias têm de ser suficientemente claras, de fácil compreensão e a escrita deve ser consistentemente interessante ao longo do artigo para que a leitura possa fluir. Por serem artigos mais longos e por se apresentarem múltiplos cenários, situações e intervenientes, o ritmo do texto não pode ser negligenciado. O leitor deve ser “facultado com uma ponte clara e lógica de uma secção para a próxima” (Friend, Challenger, McAdams, 318).

Apesar da ausência de uma estrutura objetiva, o escritor Jon Franklin, vencedor de dois prémios Pulitzer, defende que todos os artigos de magazine se desenvolvem a partir de duas componentes:

⁵⁵ Sublinhado meu com o propósito de destacar a citação que dá início ao artigo.

⁵⁶ Artigo de Simoneta Vicente, publicado na Tabu nº 439, a 23 de janeiro de 2015, páginas 28, 29 e 30. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/122765/uma-editora-com-um-toque-de-esc%C3%A2ndalo>

A successful feature begins by showing the central **complication** – the focus of the story; It then propels the audience through a series of developments, each of which is itself a story. They may be anecdotes, quotes or bits of a background, but each should move the story from the initial complication toward the solution; ... the **resolution**⁵⁷ comes at near the end of the story, if at all (330).

É possível verificar esta estrutura no artigo “Nós temos 7 amores: História de uma família poliamorosa”. O foco desta estória, ou seja, a “central complication”, é narrada ao leitor nos segundos e terceiros parágrafos:

“(...) Primeiro fala com Isabel, com quem namora há nove meses. Depois com João, com quem namora há cerca de seis anos. Sim, leu bem. O verbo ‘namora’ encontra-se no presente do indicativo quando nos referimos a ambas as relações.

Em boa verdade, João relaciona-se também com Rita e C., que por sua vez, está também com Marco. Parece-lhe confuso? Talvez um modelo de relação impossível ou até mesmo assustadoramente diferente e vergonhoso? “Constelação familiar” é o que todos preferem para denominar esta sua relação poliamorosa” (Vicente, 20).

O artigo desenvolve-se com pequenas estórias dos entrevistados e citações que envolvem o leitor no tema tratado:

“Recorda-se quando sentiu ciúmes de uma das estrelas da constelação. Quando ia dormir a casa dela, onde coabita com João e Sofia, sentia frequentemente o seu espaço invadido. “Irritava-me chegar a casa e ver os sapatos dessa pessoa. Parecia que quanto mais me incomodava que os seus pertences estivessem ‘espalhados’ pela casa, mais ela tentava pôr coisas à vista para afirmar a sua presença” (Vicente, 24).

Também as informações essenciais não devem ser subestimadas só por não se ter de obedecer a uma regra ou estrutura-base. A importância da precisão e objetividade dos factos é transversal a todos os artigos, pelo que as respostas às perguntas básicas de “quem”, “como”, “onde”, “porquê”, “quando” e “o quê” devem estar incluídas no corpo do *feature*, assim como os nomes pessoais, moradas e datas dos acontecimentos. Como já foi referido, o *feature article* beneficia de uma certa liberdade e criatividade do autor, contudo, tal como na notícia, os parágrafos devem ser curtos e o leitor, depois de ser atraído pelo *lead*, deve descobrir o assunto e

⁵⁷ Destaques feitos por mim.

temática da estória em cinco ou seis parágrafos, no máximo (Friend, Challenger, McAdams, 310).

Em “O miúdo saído da casca”, artigo sobre a visita de Jeff Kinney a Portugal, publicado na secção Culto da *Tabu*, os factos e dados estão explícitos sensivelmente a meio do texto para explicar ao leitor qual a relevância deste autor e obra no país:

“Trata-se de uma verdadeira coleção bestseller mundial, que com o 10.º volume, irá alcançar os 164 milhões de exemplares editados - 755 mil em Portugal. Está traduzida em 48 línguas, com 53 diferentes edições - inclusive em latim, tendo sido uma cópia entregue em mão ao Papa Francisco. Aliás, segundo a última lista publicada pela Forbes, Jeff Kinney é o 6.º autor mais bem-sucedido em todo o mundo, rendendo 23 milhões de dólares no último ano” (Vicente, 8).

2.1.1. Editores: o que procuram no texto?

Depois de o jornalista recolher a informação e escrever o seu artigo, de acordo com as estruturas acima referidas, cabe ao editor do respetivo meio de comunicação ler o trabalho produzido, proceder a correções de cariz linguístico e factual e, se assim se justificar, dar o seu parecer ao jornalista que produziu o trabalho. O terceiro capítulo será dedicado à distinção e explicação da tarefa de cada trabalhador que se encontra na redação (entre eles jornalistas, editores, coordenadores de edição, gráficos). No entanto, reflectir-se-á neste subcapítulo sobre o que o editor procura corrigir ou alterar numa *hard-news* ou num *feature article*, no que diz respeito à sua estrutura e aos elementos textuais característicos de cada um destes géneros.

Um editor responsável pelos conteúdos a publicar no primeiro caderno não foca a sua atenção nos mesmos elementos textuais que um editor responsável pelos conteúdos produzidos para uma revista. E como estes géneros se estruturam de maneira diferente, o processo de edição é necessariamente distinto.

Na obra *How Newspapers Work*, Nash reflete sobre as características que o jornalista deve reunir no exercício da sua profissão, incidindo particularmente na confirmação dos factos que reuniu.

An essence of news gathering is inquiry. A good news story should leave the reader with no unanswered questions. It should, as we have seen, tell him the

full relevant details of the how, why, when and where of an event. And that is possible only if the reporter regards himself always as an inquiring reader, cross-questioning informants until he is **absolutely certain that he has the full facts and ensuring, too, that he is absolutely certain of the accuracy of his informatin.**⁵⁸ The checking and cross-checking of facts should be unvarying routine for all reporters, however hard-pressed by time they may often be (Nash, 18).

O processo de revisão de uma notícia pode não ser simples e rápido, pois é necessário detectar erros gramaticais, de sintaxe, semântica e, tal como Nash refere, eventuais erros de ordem factual. É importante o jornalista certificar-se da precisão e veracidade da informação que recolheu para a sua notícia. Como tal, cabe também ao editor ler a notícia e verificar as vezes necessárias a autenticidade dos factos apresentados, e aconselhar o jornalista a investigar mais sobre o tema ou incidir sobre um facto relevante para a peça em questão.

Recordo-me de que aquando da produção do artigo “Furtos diminuem no Bairro Alto com câmaras de vigilância” os dados enviados pelo Comando Metropolitano de Lisboa (COMETLIS) da PSP, se revelaram essenciais, contrapondo por completo o cerne da estória. O objetivo deste trabalho foi desde o início dar a conhecer ao leitor qual a eficácia das câmaras de vigilância neste bairro histórico, um ano depois da sua instalação. Moradores e comerciantes foram entrevistados, à COMETLIS foi inquirido o número de câmaras existentes, qual o seu horário de funcionamento e quais os crimes mais praticados nessa zona.

Contudo, até à véspera de fecho desse artigo faltavam os dados concretos acerca dos crimes praticados no Bairro Alto e respostas oficiais sobre se a utilidade do sistema na identificação de suspeitos. O texto já tinha sido escrito e enviado à editora contendo a informação recolhida junto dos moradores, comerciantes e respetivos representantes, denunciando uma leitura parcial. Os dados solicitados à COMETLIS foram somente enviados via *e-mail* na manhã do fecho, conduzindo a severas alterações no texto. Este é apenas um pequeno exemplo prático de como alguns dados podem alterar o rumo, o foco, e sobretudo o conteúdo de uma notícia. A editora do primeiro caderno pediu para que se alterasse o título, a entrada e o *lead* da notícia, de forma a incluir a informação recente e mais relevante. A problemática da notícia

⁵⁸ Destaque feito por mim.

passou a ser a constatação de que os “furtos e roubos caíram entre 20 a 30%, ao fim de um ano de funcionamento da videovigilância”⁵⁹; os testemunhos de moradores, comerciantes e presidentes de associações revelaram-se, no que ao *lead* diz respeito, informações secundárias de índole complementar (ver anexo 18).

Gralhas e erros ortográficos nos nomes próprios podem transformar-se em erros factuais. Segundo Friend, Challenger, McAdams constituem sempre uma dificuldade para os editores, pois não existe uma maneira fácil de os detetar e corrigir quando estão errados (77). “The only way to minimize basic errors of fact is to check and recheck them against reliable sources” (77).

Uma pequena descrição sobre que profissão, responsabilidades principais e deveres devem acompanhar o nome próprio da pessoa mencionada ou citada na notícia. No caso da notícia que serviu de exemplo acima, essa descrição é feita do seguinte modo:

“Luís Paisana, presidente da associação de moradores do Bairro Alto...”

Um pouco mais à frente, no mesmo parágrafo (o 5º do artigo mencionado acima), encontra-se uma citação. Como o seu orador já tinha sido identificado anteriormente, foi da seguinte forma indicado:

“O sistema já está activo, mas como esteve um ano e tal para entrar em funcionamento, devido a um conflito entre a CML e a PSP, criou-se a ideia de que, de facto, nunca iriam ser ligadas”, disse ao SOL” (Vicente, 19).

Contudo, sempre que a mesma fonte foi adiante mencionada ou citada, não foi necessário voltar a indicar qual a sua profissão, ou neste caso função, de forma a evitar repetições desnecessárias:

“Os moradores dizem continuar a ser ‘os mais penalizados’ com os problemas de ruído até altas horas da madrugada, ‘devido aos utentes que, mesmo após o horário de fecho dos bares, permanecem na rua aos gritos, ou a partir garrafas’, explica Luís Paisana” (Vicente, 19).

⁵⁹ Notícia de Simoneta Vicente, publicada no primeiro caderno da edição portuguesa nº 453, a 30 abril 2015, página 19. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/389863/furtos-diminuem-no-bairro-alto-com-c%C3%A2maras-de-vigil%C3%A2ncia>

O processo de edição de um *feature article* envolve mais cooperação entre o jornalista e o editor do meio de comunicação, que lê a estória para encontrar problemas ou erros e sugerir soluções (Friend, Challenger, McAdams, 310). Tal como já foi referido, um artigo de magazine é por norma mais longo, dependendo de uma pesquisa mais extensa e cuidada. Estruturado de forma menos rígida que uma *hard-news*, “podem ser contruídos a partir das mais variadas perpectivas [...] Dependem muito do tom, voz e ritmo, qualidades difíceis de sustentar até para os melhores escritores” (Friend, Challenger, McAdams, 310).

Como tal, o dever do editor é ajudar o autor do artigo – que está embrenhado em testemunhos e entrevistas, dados e informações – a manter o foco num determinado aspeto e organizar corretamente o discurso.

“Adjustments that involve the mechanics of a story but do not affect meaning and tone can often be made by the editor alone” (Friend, Challenger, McAdams, 309). Pequenos erros como alternâncias nos tempos verbais podem ser anotados e corrigidos com a ajuda do editor, sendo que alguns defendem que no *feature article* é preferível utilizar o presente do indicativo no fim de uma citação. O objetivo é tornar o texto mais atual e criar um tom coloquial mais próximo ao leitor, cativá-lo como um dos participantes da estória. Por exemplo:

(...) “Não consigo comparar o que sinto por ele com nada porque não existe grau de parentesco semelhante. Já éramos amigos antes, mas o facto de ele amar a pessoa que eu amo, fortaleceu a nossa relação”, ~~conta~~ **conta Isabel**”. (Vicente, 23)

Os autores de *Contemporary Editing* defendem que num *feature article* “as citações devem ser utilizadas generosamente. Muitos destes artigos enfatizam o interesse humano e uma abordagem de diálogo”. O editor, mais distante do assunto que a estória trata e da forma como a mesma foi escrita, deve avaliar se as citações utilizadas são excessivas ou suficientes, se têm lógica, se se enquadram no contexto, e se se adequam ao orador (80). Caso o espaço dedicado ao artigo se revele insuficiente, cortar citações que sejam excessivas ou que não cumpram estes parâmetros é geralmente uma prática corrente. O mesmo acontece com detalhes supérfluos: “a estória não deve estar excessivamente trabalhada, quer no comprimento, quer no

tom. Enquanto a escrita de artigos de revista permite nuances, histórias pessoais e interpretações que seriam cortados de uma notícia, todos esses artigos devem evitar finais mortos e detalhes supérfluos” (310).

Reformular, reestruturar, corrigir e cortar linhas e parágrafos são processos normais na edição de um artigo. Contudo, se o editor se deparar com uma situação de falta de espaço para um texto, deve evitar cortar no fim do artigo, pois “muitos artigos de revista, ao contrário de uma notícia, dependem de conclusões intensas para que causem impacto” (Friend, Challenger, McAdams, 318).

2.2. Títulos, entradas e legendas: a limitação de espaço

A good head must fit the available space.

Chris Roberts, *Editing Across Media* (106)

O espaço cedido na página para a elaboração de um artigo jornalístico pode, por vezes, revelar-se insuficiente. É comum ouvir-se numa reunião de secção o jornalista tentar negociar com o seu editor o espaço disponível para a sua peça: “vou escrever a reportagem esta semana, mas preciso de pelo menos um plano (duas páginas). Não pode ser menos que isso, tenho muita informação!”. Quando não é possível disponibilizar o espaço que o jornalista espera, o texto terá de sofrer cortes e reformulações, o que nem sempre agrada ao autor da peça.

No entanto, elementos do texto noticioso como o título, a entrada, os destaques e as legendas podem ser os mais difíceis de escrever devido ao espaço limitado na folha do jornal.

Títulos

Quanto aos títulos, existem algumas regras concebidas para poupar espaço. No “livro de estilo do *Sol*”⁶⁰ constam duas: nos títulos dos artigos as “aspas devem ser substituídas por pelica”, por exemplo, CGTP contra ‘ilusão de mudança’ (em vez de

⁶⁰ O *Sol* não tem um livro de estilo oficial. Tem um documento que reúne algumas regras usado somente pelos profissionais do jornal.

“ilusão de mudança”); e “não devem ser usados artigos definidos”, ou seja, “Costa acredita no PCP”.

No capítulo “Headlines and Headings” da obra *Editing Across Media*, Chris Roberts expõe algumas regras muito concretas que têm como objetivo final poupar espaço no título, fazendo com que este fique o mais curto possível. Para além de sugerir as referidas no parágrafo anterior, defende que no título não se utilizem pontos finais em qualquer circunstância; se for necessário escrever duas frases deve usar-se ponto e vírgula a separar a oração (111). Esta norma não se prende necessariamente com a poupança de espaço, mas talvez com a estética e com o ritmo de leitura – pode não ser adequado recorrer a um sinal ortográfico de pontuação que, por norma, corresponde a uma pausa longa. Já o recurso ao ponto e vírgula pode ser mais favorável por “corresponder na leitura oral a uma pausa superior à da vírgula mas inferior à do ponto final”.⁶¹ A vírgula, por sua vez, substitui a palavra “e”, ou seja, “Blaze injures 2, destroys room”(111).

É também preferível o uso de “numeração árabe em vez de soletrar números inferiores a 10, tal como requiere o estilo AP”, bem como do uso do símbolo da percentagem (%). O título da notícia “Apenas 4% dos portugueses poupam todos os meses”⁶² exemplifica essas duas regras. Contudo, para não exagerar nas casas decimais deve escrever-se a palavra “milhões” seguido do número arábico, ou seja: “Bankinter quer aumentar os depósitos de clientes em 900 milhões”⁶³.

Todas as palavras devem ser escritas em “caixa baixa”, exceto a primeira palavra e nomes próprios (por exemplo, “Homicida de Salvaterra fez cura de sono na prisão”⁶⁴) (111). Esta regra é apenas aplicada na página ímpar, pois os títulos das notícias das páginas pares são escritos em caixa alta. As abreviações devem ser evitadas, em especial para os dias da semana, nomes de pessoas ou meses (“À segunda-feira a carne não entra”) (111).

⁶¹“ponto e vírgula”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/ponto%20final> [consultado em 13-04-2016].

⁶² Disponível em: <http://sol.pt/noticia/503330/Apenas-4-dos-portugueses-poupam-todos-os-meses->

⁶³ Disponível em: <http://sol.pt/noticia/503663/Bankinter-quer-aumentar-os-depositos-de-clientes-em-900-milhoes>

⁶⁴ Notícia de Joana Ferreira da Costa publicada no primeiro caderno da edição portuguesa nº 477, 16 de outubro de 2015, página 18. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/417971/homicida-de-salaterra-fez-cura-de-sono-na-pris%C3%A3o>

Roberts considera que para ocupar o menor espaço possível não se deve escrever a palavra “disse”, ou semelhante, no seguimento de uma citação. O autor exemplifica: “Some publications use a colon for attribution (Chief: Dorm fire ‘could have been devastating’) while others use a dash at the end (Dorm fire ‘could have been devastating’—Chief)” (111). Embora seja comum ler-se títulos com citações numa *hard-news* (CGTP contra ‘ilusão de mudança’⁶⁵), a primeira opção é a mais usada, especialmente em títulos de entrevistas: “Ana Sofia Martins: ‘Considero-me Imparável’”⁶⁶ ou “José Pacheco Pereira: ‘Não me faltou vontade de ir lá tirar o cartaz do ‘Pacheco a Presidente’. Gostava de o ter’”⁶⁷.

Este último título é um bom exemplo que reflete, por um lado, o aproveitamento gráfico, e por outro, a diferença do espaço disponível num título de jornal e de revista. Por norma, os títulos devem ser curtos e diretos. No entanto, quando se trata de uma entrevista de vida, cuja epígrafe é sempre uma frase proferida pelo entrevistado, é aceitável e expectável o uso de maior espaço, em comparação com aquele de uma *hard-news* ou de outro tipo de *feature article*.

Observemos também como o título do mesmo artigo pode diferir de um meio de comunicação para o outro. No jornal *online*, foi alterado para “Entrevista a Pacheco Pereira: ‘Não me faltou vontade de ir lá tirar o cartaz do ‘Pacheco a presidente’””. A frase “Gostava de o ter” foi cortada para que o título ficasse mais curto e em vez de manter o nome do entrevistado no início, como se observa na revista, acrescentou-se as palavras “Entrevista a”, como forma de contextualizar e justificar a citação utilizada. É desnecessário o mesmo método no meio de comunicação impresso, pois o leitor compreende ao olhar, que se trata de uma entrevista, ao perceber o plano no seu todo.

⁶⁵ Notícia de Manuel Agostinho Magalhães publicada no primeiro caderno da edição portuguesa nº 477, 16 outubro 2015, página 13. Disponível em: <http://sol.pt/noticia/417523/CGTP-contra-ilusao-de-mudanca->

⁶⁶ Entrevista de Filipa Moroso e Simoneta Vicente publicada na Caju nº 213, a 10 de abril de 2015, página 16 a 23; e publicada na Tabu nº 453, a 30 de abril de 2015, páginas 14 a 17. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/389862/ana-sofia-martins-considero-me-impar%C3%A1vel>

⁶⁷ Entrevista de Maria Ramos Silva, Tabu, nº 481, 13 novembro de 2015, página 13. Ver em: <http://www.sol.pt/noticia/481098/entrevista-a-pacheco-pereira-n%C3%A3o-me-faltou-vontade-de-ir-l%C3%A1-tirar-o-cartaz-do-pacheco-a-presidente%E2%80%99>

Por motivos estéticos, o título nunca deve ser hifenizado, a menos que o hífen faça parte de uma das palavras: “Euro-2016: A minha primeira vez”⁶⁸ ou “Papéis do Panamá: Cameron defendeu-se no parlamento”⁶⁹. Quanto ao uso de itálicos e negritos, o *Sol* não especifica se se deve usar no título, embora se devam assinalar palavras estrangeiras e programas de televisão em itálico: “*RTP Memória* virada de trás para agora”⁷⁰.

O texto beneficia também dos subtítulos: “Short headlines inside stories that are typically designed to give readers a break from the columns of text in a long story” (Friend, Challenger, McAdams, 110). Extremamente curtos, destacados a negrito, contribuem para uma melhor organização das ideias elencadas no artigo. Estas não servem apenas para marcar uma pausa, podendo também ser eficazes para atrair a atenção do leitor (ver anexo 18).

Entradas

Em comparação com os títulos, a escrita das entradas das notícias depende menos de regras. Em suma, o texto da entrada não apresenta diferenças em relação ao texto do corpo da notícia. Enquanto no título se privilegia a numeração árabe para não ocupar mais espaço do que o necessário, verifica-se o contrário na entrada (números com um dígito apenas devem ser escritos por extenso). Vejamos o seguinte exemplo:

*“A **dois meses** das legislativas espanholas, há **três** partidos em empate técnico. O jogo das coligações parece beneficiar o PSOE.”*⁷¹

O tamanho dedicado à entrada varia com o número de páginas disponibilizado para cada artigo e número de caracteres do texto. A entrada de um artigo que abre uma secção beneficia de mais espaço do que um artigo que se encontre no segundo ou

⁶⁸ Notícia do jornalista Rui Antunes publicada no primeiro caderno da edição portuguesa nº 477, 16 de outubro de 2015, página 38. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/417589/euro-2016-a-minha-primeira-vez>

⁶⁹ Disponível em: <http://sol.pt/noticia/504058/Papeis-do-Panama-Cameron-defendeu-se-no-parlamento->

⁷⁰ Notícia da jornalista Telma Miguel publicada no primeiro caderno da edição n.º 477, a 16 de outubro de 2015, página 32.

⁷¹ Entrada da notícia “Cidadãos no ataque ao bipartidarismo”, do jornalista Nuno Escobar de Lima, publicada no primeiro caderno da edição nº 477, a 16 de outubro de 2015, página 36.

terceiro plano da mesma secção, ou até de uma notícia com apenas 2000 ou 3000 caracteres (ver e comparar anexo 19⁷² e 20⁷³).

Para além disso, a entrada do artigo que abre a secção é formatada a negrito e a informação que o jornalista considera importante é ainda destacada com a cor da respetiva secção. Como se pode ler na página 18, a entrada do artigo “Violência entre jovens sem perdão”, destaca “...acusados de tentativa de homicídio de um rapaz, que espancaram após um jogo...” (ver anexo 19).

As notícias no *Web site* do *Sol* não têm entrada, como os artigos publicados nas edições impressas. Quando esses artigos são exportados para o *Web site*, a entrada é alocada na descrição da publicação feita na rede social *Facebook*, não integrando o corpo do texto.

Legendas

As legendas das imagens são outro elemento da notícia que se encontra numa posição de destaque, constituindo uma oportunidade de captar o interesse do leitor “e transferir a sua atenção das fotografias para a estória”(475). Friend, Challenger e McAdams definem as legendas da seguinte forma:

Cutlines in print and online news are essentially very short stories in general. They should answer the traditional news questions: *who, what, when, where, why and how*. Cutline writers may not be able to include all these elements, but they should try for **as many as space permits**⁷⁴ (475).

Os autores defendem que se a imagem for um retrato individual ou de grupo, a legenda deve identificar todas as pessoas da esquerda para a direita. De uma forma geral, o jornalista deve informar sobre “o que retrata a fotografia e, se necessário, por que razão foi capturada”, embora factos como o seu contexto e detalhes sejam considerados secundários, pelo que devem ser incluídos apenas se o espaço permitir.

A dimensão da legenda é proporcional ao tamanho da imagem, embora dependa do espaço dedicado ao artigo na página da publicação. Observemos o

⁷² Notícia de Catarina Guerreiro publicada no primeiro caderno da edição portuguesa nº 477, no dia 16 de outubro de 2015, páginas 18 e 19. Disponível em:

<http://www.sol.pt/noticia/417439/viol%C3%Aancia-entre-jovens-sem-perd%C3%A3o>

⁷³ Notícia de Simoneta Vicente publicada no primeiro caderno da edição portuguesa nº 443, a 20 de fevereiro de 2015, página 23. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/124481/Conservatorio-encerra-salas>

⁷⁴ Destaque feito por mim.

exemplo do anexo 19, cuja legenda da imagem do artigo de abertura da secção Sociedade inclui as informações sobre quando, quem e o quê, num total de duas linhas. Por sua vez, a legenda do artigo “Conservatório encerra salas” (anexo 20), cujo texto tem cerca de 2500 a 3000 caracteres é consideravelmente mais curta, contando com apenas três palavras (“problemas são antigos”).

Destaques

À semelhança da legenda, os destaques servem como estímulo visual do leitor com o intuito de captar o interesse do leitor e transferir a sua atenção para o texto na sua totalidade. O destaque varia de tamanho e cor consoante o livro de estilo e *layout* da publicação, mas o excerto de texto escolhido deve ser o mais curto possível e fiel ao tom do artigo para que a leitura seja fácil e rápida.

Não existe uma resposta certa nem uma fórmula matemática para o que pode ser um bom destaque. Afinal, aquilo que para um profissional da redação é importante como destaque, pode muito bem ser secundário para um outro profissional. Presumivelmente será por esta razão que o destaque é um dos últimos elementos a serem redigidos – quando o jornalista já conhece suficientemente bem a estória que produziu e se inteirou daquilo que pode ser importante, interessante ou curioso para o leitor.

Recordo-me de escolher a frase “Trata-se de uma verdadeira coleção bestseller mundial, que com o 10º volume irá alcançar os 164 milhões de exemplares editados - 755 mil em Portugal” para um dos destaques do artigo “O miúdo saído da Casca”. Uma vez terminado o texto, a editora da *Tabu* entendeu destacar uma informação indiscutivelmente melhor e de maior relevância: “Está traduzida em 48 línguas, com 53 diferentes edições - inclusive em latim, tendo sido uma cópia entregue em mão ao Papa Francisco” (ver anexo 5).

É pertinente que o destaque reflita o objetivo da publicação de um determinado trabalho. Por exemplo, o único destaque integrado no artigo “Um Natal

mesmo verde”⁷⁵ – “Manuela sentiu necessidade de manter os sabores dos pratos tradicionais portugueses e conserva os temperos” – reflete a temática e a justificação da produção da peça, que visava, em suma, dar a conhecer como os vegetarianos adaptam as receitas tradicionais natalícias, explicitando quais os ingredientes usados e substitutos da carne e do peixe na ceia de Natal.

O mesmo sucede com o destaque do artigo “Literatura infanto-juvenil lusófona em debate”⁷⁶, que, para além de refletir a razão da publicação da notícia, está em coerência com a fotografia, com a legenda e até com o interesse do leitor deste meio de comunicação (1º caderno angolano), apreciador da obra de Ondjaki: “Este tipo de encontro é importante porque «desmistifica a ideia do autor isolado», explica Ondjaki” (ver anexo 21).

Tal como qualquer elemento do artigo jornalístico, a escolha da frase, citação ou facto a destacar pode depender do público-alvo da publicação e do que o jornalista ou editor pensa que lhe poderá interessar ler. Esse foi o factor a ter em conta na escolha de um dos destaques da entrevista ao *rapper* são-tomense Valete ““Não me preocupo com o público””, publicada na *Caju*⁷⁷: “Um africano não consegue deixar de verbalizar o que sente. O europeu consegue conter-se. O africano é visceral e eu tenho isso” (ver anexo 22).

Por não dispor de muito espaço, por vezes, é necessário resumir a informação escolhida para destacar. Por exemplo, o destaque “Despediu-se da sua irmã mais velha sem saber se a voltaria a ver. Encontraram-se 20 anos depois”, do artigo “Retornar a um passado recente” é um resumo de duas frases consideravelmente mais longas no corpo do texto: “A primeira memória dolorosa é a da sua mãe, que se lembra de se despedir da sua irmã mais velha sem saber se a iria voltar a ver na sua vida. E na verdade, só se reencontraram 20 anos depois, já que o seu destino não foi Portugal, mas sim a Califórnia” (ver anexo 23).

⁷⁵ Artigo de Simoneta Vicente e Sónia Balasteiro, publicado no primeiro caderno da edição portuguesa edição nº 435, a 26 de dezembro de 2014, páginas 20 e 21. Disponível em:

<http://www.sol.pt/noticia/121097/um-natal-mesmo-verde>

⁷⁶ Notícia de Simoneta Vicente, publicada na edição nº 442 do primeiro caderno angolano, no dia 13 de fevereiro de 2015, página 18. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/124028/literatura-infanto-juvenil-lus%C3%B3fona-em-debate>

⁷⁷ Entrevista de Simoneta Vicente publicada na *Caju* nº 240 no dia 16 de outubro de 2015, páginas 14 a 19.

2.3. O antes e depois da entrevista de vida: preparação, postura do jornalista e os processos de retextualização do texto oral para o escrito

Good reporters must, to some extent, be good amateur psychologists.

Nash, *How Newspapers work* (21)

Esta frase sumariza com notável argúcia o perfil que deve ter um jornalista e o que verdadeiramente implicam as tarefas à sua responsabilidade numa redação. Encontrar a notícia na normalidade do dia a dia, extrair informação das fontes, escrever o artigo respeitando os factos, os pedidos dos editores e os interesses do leitor com rapidez, de forma objetiva e clara, requer talento e sensibilidade. É tão mais fidedigna a afirmação de Nash no que diz respeito ao género da entrevista, em particular, ao momento da conversa que originará uma entrevista de vida impressa.

A entrevista de vida traduz-se em três grandes passos: a preparação (ou seja, a pesquisa e formulação do guião); o momento da entrevista; e, por fim, a edição do texto, que envolve a transcrição de tudo o que foi dito no momento da entrevista e a retextualização do texto oral para o escrito.

A preparação é o mais importante para uma entrevista de vida bem sucedida. O jornalista deve ler, ver ou ouvir o máximo de documentos possível acerca da pessoa que irá entrevistar: qual é o trabalho que faz atualmente? Que outras profissões já exerceu? O que significam hoje para a pessoa em questão? Qual a atitude e personalidade demonstrada noutras entrevistas feitas para outras publicações? Quais são os assuntos mais sensíveis? Quais os que lhe dá mais gosto de contar? Como foi a sua infância? Qual a sua relevância para a sociedade e, conseqüentemente, para o leitor?

É extremamente importante responder a este tipo de questões e ficar a conhecer a pessoa a entrevistar para sabermos como atuar no momento da entrevista e, claro, para podermos formular as questões que nos interessa colocar. Segundo Nash, “incapacidade em preparar-se inteligentemente para os seus trabalhos poderá destruir a oportunidade de o jornalista construir uma relação íntima e confidencial com os seus contactos, que são essenciais para a recolha de informação” (19).

Assim, o guião da entrevista deve reunir questões acerca da vida profissional e

peçoal, sobre as características da personalidade do entrevistado e sobre as perspectivas e ambições que este tem sobre o seu futuro. Contudo, como é referido mais à frente, o guião não será, em qualquer circunstância, a entrevista final. Existe sempre o risco de o jornalista não cumprir o seu guião, podendo ficar com questões por colocar, ou formular questões distintas espontaneamente no decurso da conversa.

O jornalista depende especialmente de “inteligência emocional” e sensibilidade para perceber quando deve colocar uma questão que poderá ser mais sensível, bem como entender e acompanhar o rumo que a conversa toma e aproveitá-la para cumprir os seus objectivos. No fundo, “a arte de entrevistar consiste em encorajar uma pessoa a conversar livremente, e não limitá-lo somente a responder às questões” (Nash, 21).

O processo de transcrição e edição do texto resultante da entrevista pode revelar-se moroso e complicado, pois trata-se de uma retextualização do texto oral para o texto escrito. Luiz Antônio Marcuschi, na obra *Da fala para a escrita: actividades de retextualização*, afirma que “a escrita não representa a fala, seja sob que ângulo for que a observemos” (46) e rejeita a hipótese de o texto escrito ser superior ao texto oral, pois este não poderá caracterizar-se como “descontrolado e caótico”, nem o escrito “controlado e bem-formado”, uma vez que o primeiro não apresenta problemas de compreensão ao interlocutor. “Portanto, a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem” (Marcuschi, 47).

Estas considerações são particularmente importantes na análise dos processos de retextualização e edição de uma entrevista, realizada por um órgão de comunicação da imprensa escrita que, numa primeira fase, terá de trabalhar textos diferentes.

Neste mesmo ensaio, Marcuschi distingue quatro possibilidades de retextualização tendo em consideração a fala e a escrita e as suas combinações: da fala para a escrita (como é exemplo a entrevista oral para a impressa); da fala para a fala (como sucede em casos de tradução simultânea); da escrita para a fala (quando se realiza uma exposição oral tendo um documento escrito como objeto); e, por fim, da escrita para a escrita (quando se procede a um resumo de um documento escrito, por

exemplo).

Este capítulo foca-se na primeira alternativa: a passagem do texto falado para o texto escrito, como é o exemplo de uma entrevista de uma publicação periódica. O objeto de análise é uma entrevista feita à atriz e modelo Ana Sofia Martins publicada na revista angolana *Caju* (ver anexo 24).

A análise é realizada de forma faseada, de modo a comentar o desenvolvimento do trabalho de redação e edição das jornalistas e da produção da entrevista, desde a fase de pesquisa e consequente criação do guião. De seguida, ter-se-á em conta o processo de retextualização do texto oral para o texto escrito, por observação e comparação de excertos da transcrição 'em bruto' de toda a entrevista com o artigo final publicado, utilizando como base o modelo das “operações textuais discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito” propostos por Marcuschi, na obra supracitada.

Fase primária da entrevista: o guião e as perguntas espontâneas

A primeira observação que pode ser formulada quanto à entrevista nos seus termos mais gerais é a diferença entre as perguntas constituintes do guião e do artigo final, tanto quanto ao seu número, como ao conteúdo (ver anexo 25).

O conteúdo deste *plano* deve-se, em parte, ao conceito da revista *Caju*, que se caracteriza como generalista, com grande variedade de temas e interesses, cujo propósito é, como muitos outros meios de comunicação, entreter, informar e até mesmo divertir.

Tal como se pode concluir ao compararmos com o artigo final, a entrevista não se segue exatamente desta forma, pelo que estas perguntas servem apenas como uma espécie de apontamento sobre o que o jornalista sabe que terá de explorar para o sucesso do seu artigo. A entrevista em si não se processa da forma que transpomos no papel, na sua primeira fase, mas sim, como uma conversa – não como uma conversa normal, feita por lazer. A diferença reside, principalmente, no facto de o jornalista ter

um objetivo, e por isso, cabe-lhe fazer as questões de forma a adquirir as respostas que procura - sendo essa a verdadeira importância do guião.

O primeiro confronto com o trabalho de edição de uma entrevista poderá ser, como já tinha dito anteriormente, o número de perguntas do guião em comparação com o artigo final. Como se pode no anexo 25, o guião é constituído por sete questões, enquanto a entrevista publicada conta com vinte e sete, ou seja, mais vinte questões do que o que estaria previsto. Desta forma, como poderá ser possível que a entrevista tenha mais perguntas do que as devidamente planeadas?

A resposta assenta sobretudo nas próprias características da oralidade, bem como do aproveitamento do conteúdo do material que resulta da conversa, e da forma como se retextualiza esse texto oral, sendo isso mesmo um grande processo de edição. Se o entrevistado dá uma resposta que, imagine-se, ocupa o equivalente a uma página de documento *word*, o jornalista terá de proceder a várias operações para que o resultado seja legível e interessante para o leitor. Se tiver qualidade, se for ao encontro do objetivo pretendido com o artigo, ou se for algo que o jornalista acredite ser do interesse do leitor, a resposta é, por assim dizer, 'partida' com outras questões. Atente-se no exemplo em que se confronta um excerto da transcrição com a entrevista final (ver anexo 26).

O anexo 26 corresponde à transcrição da primeira resposta efetuada pela entrevistada. O texto encontra-se formatado a cores diferentes para distinguir o texto oral que sofreu alterações de retextualização. O que está destacado a amarelo foi o excerto que deu origem à primeira pergunta do artigo final, enquanto o texto destacado a cor vermelha corresponde à segunda. Estamos face a um texto uno e contínuo, ao contrário do que observamos na entrevista final, onde o texto ganha uma nova leitura com a segunda questão “Gosta de se ver na televisão?” (Moroso & Vicente, 16) (ver anexo 27).

Este processo explicitado acima é identificado numa das operações propostas por Marcuschi, a qual referirei mais à frente. O autor elabora um modelo de operações textuais-discursivas do texto oral para o texto escrito constituído por nove operações. As primeiras quatro operações são formuladas consoante o que o autor definiu como

atividades de idealização (entre as quais a eliminação, completude e regularização) e as atividades de reformulação (acréscimo, substituição e reordenação). Contudo, como o próprio autor refere, um modelo não pode ser visto como uma espécie de fórmula matemática ou como uma resposta correta:

É sempre temerário construir um modelo. Além disso é perigoso, pois ele passa imediatamente a ser tomado como uma fórmula mais ou menos mágica que deve produzir resultados tão logo que seja aplicada. Tenha-se, portanto, claro que o modelo representado no Diagrama 2 é apenas *heurístico* no sentido genuíno do termo, ou seja, representa um método de descoberta relativamente intuitivo, não tão rigoroso a ponto de com ele se chegar a resultados definitivos, mas também não tão vago a ponto de não se poder com ele operar significativamente projectando expectativas bastante definidas e comprováveis (Marcuschi, 73).

Operações de regularização e idealização

Marcuschi defende que a primeira operação diz respeito “às marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras”, sendo uma “estratégia de eliminação baseada na idealização linguística” (77). O procedimento é bastante intuitivo e poderão eliminar-se hesitações, “elementos lexicados e não lexicados, tipicamente produzidos na fala, tais como marcadores conversacionais” e segmentos de palavras iniciadas e não concluídas. Voltando à transcrição, podemos analisar os seguintes exemplos (ver anexo 28).

As alterações realizadas pelas jornalistas são evidentes, ao confrontarmos os dois exemplos. As palavras destacadas “lá está” são mais frequentes na transcrição do que na entrevista. Na segunda coluna, ou seja, no artigo publicado poderia nem estar essa mesma expressão, sendo que o interesse desta operação é eliminar expressões semelhantes. A razão pela qual as jornalistas decidiram mantê-la prende-se com o facto de a entrevistada as repetir muitas vezes de forma natural no seu discurso. Na verdade, nunca se deve eliminar todas as expressões ou marcas da oralidade, para que o discurso da entrevistada não pareça artificial nem excessivamente editado.

Outros *elementos lexicalizados ou não-lexicalizados* como por exemplo “Portanto, aconteceu-me”, tal como está escrita na coluna do texto transcrito, foram também eliminados, por questões de fluidez de discurso, mas também por questões de espaço,

pois é necessário reduzir o número de caracteres de forma a que a 'conversa' passe a ser um artigo agradável à leitura.

A segunda operação consiste na introdução da pontuação intuída pela entoação do discurso, ou seja “uma estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia” (Marcuschi, 78).

No momento da transcrição, essa inserção é feita de forma bastante intuitiva: “é a sensação de que não se pode escrever sem pontuar, pois do contrário não se entende” (Marcuschi, 78). A pontuação é espontânea e “depende de fenômenos prosódicos, em especial a entoação” (Marcuschi, 78).

Veja-se o pequeno exemplo de retextualização para corroborar a afirmação feita no anexo 29.

Ao compararmos os textos orais e escritos é notório que a pontuação feita de uma forma mais espontânea e intuitiva a que se procedeu da transcrição da entrevista não foi mantida na elaboração do texto final a publicar. A entrevistada respondia naquele momento a uma questão sobre algo que a emociona, contagia e anima, pelo que a entoação da sua voz era verdadeiramente 'exclamativa', tal como se pode concluir com a leitura do conteúdo do artigo.

Todos estes exemplos referidos já correspondem à quarta operação, que se define como uma estratégia de inserção, em que as jornalistas procederam “à introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos” (Marcuschi, 80). Resumidamente, muitas das vírgulas foram transformadas em pontos finais para que as frases ficassem mais curtas; e muitas das frases exclamativas passaram a declarativas, introduzindo-se entre parênteses a expressão falada da entrevistada, de forma a tornar mais claro ao leitor a sua personalidade e o tom de voz.

É na terceira fase que se retiram as repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases, e pronomes egóticos enquanto “estratégia de eliminação para uma condensação linguística”(Marcuschi, 79).

Segundo Marcuschi, esta operação não é uma “condensação informacional, mas simplesmente [...] uma retirada de elementos sentidos como desnecessariamente reduplicados, para a produção escrita”, elementos estes que podem chegar a 20% do texto global, o que constitui uma redução bastante considerável (79).

Na coluna da transcrição (ver anexo 30) estão destacados os pronomes egóticos que foram eliminados aquando da retextualização da entrevista.

Operações de transformação

As cinco operações restantes que constituem o modelo dizem respeito a “um tratamento de fala, de natureza sintática, semântica, pragmática e cognitiva” (Marcuschi, 80).

A quinta operação proposta por Marcuschi é uma estratégia de reformulação que procura explicitar a informação, ou seja, é uma “introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêitico” (83).

O anexo 31 ilustra a especificação, aquando da retextualização, de determinados aspectos que não foram estritamente verbalizados. Quando se elimina o contexto físico, este deve ser suprimido com uma informação equivalente que os recupere, e foi por essa razão que as jornalistas substituíram “lá” por “Angola” (Marcuschi, 83).

A sexta operação envolve ações de normatização da escrita. É aqui que se procede à “reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos” (84).

No anexo 32 observa-se a reestruturação do enunciado com completa reordenação sintática e produção de enunciados diretos.

No seu estudo, Marcuschi revela que as operações sete e oito “envolvem um *acréscimo informacional, substituição lexical, reordenação estilística e redistribuição dos tópicos discursivos*, quando for o caso”. Supõem-se, então, uma maior variedade

vocabular, observando-se também, por exemplo, a substituição dos marcadores convencionais da fala por outros da escrita (85).

Assim, a sétima operação é uma estratégia de substituição, visando uma maior formalidade, sendo um “tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas” (Marcuschi, 86). Como exemplo note-se a retextualização de “e eu tremia – mas eu tremia!” (ver anexo 33). O próprio pronome utilizado nas perguntas é alterado de “tu” para “você” para obter um discurso mais formal e imparcial. Tal como prevê esta operação, expressões como ‘ah’ antes de começar um enunciado, uma característica muito própria da oralidade, são retiradas, dando-se outro tratamento estilístico. Por último, evitaram-se expressões repetidas, como “trabalho”, “vamos trabalhar”, utilizadas pela entrevistada.

A oitava operação compreende uma reordenação dos tópicos do texto e da sequência argumentativa, definida por Marcuschi como “estratégia de estruturação argumentativa” (86).

O autor do estudo distingue esta operação e a operação seguinte com base na apresentação de “uma tendência à redução textual e operações de reordenação de natureza global ou macro”, característica desta última (Marcuschi, 86). A oitava operação ocorre especialmente em textos mais complexos, “em que o aspecto argumentativo predomina ou em diálogos para os quais se sugere uma retextualização mais global”, podendo ser facilmente anexada à nona operação (Marcuschi, 86).

Esta última operação marca, segundo Marcuschi, “uma diferença entre resumir e transformar”(ver anexo 26).

Voltamos ao primeiro exemplo colocado neste subcapítulo, onde se identifica a transcrição integral do texto. Este é um bom exemplo de uma retextualização que não se baseia na inserção ou eliminação de conteúdo discursivo, mas sim na sua reorganização. A expressão destacada a vermelho figura no início, em vez de constar nas últimas linhas da entrevista. Por consequência, a resposta é mais imediata e não se diferencia minimamente da mensagem que a entrevistada passou às jornalistas, um aspeto de foro deontológico de suma importância neste género jornalístico.

3. As voltas que o texto dá: quem faz o quê?

Numa quarta-feira, durante o meu estágio, recebi a informação de que a Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa tinha fechado 10 salas de aula por razões de segurança e que, muito brevemente, iria chamar os mais variados órgãos de comunicação ao local. Informei a editora do *Sol* (Ana Paula Azevedo), que me pediu para escrever uma pequena peça sobre o tema.

Tendo esta decisão sido tomada numa véspera de fecho, enquanto eu recolhia informações a editora analisava o plano de edição daquela semana com o objetivo de adicionar mais uma página à secção de Sociedade e, posteriormente, solicitar a um dos paginadores da equipa a composição de uma nova página.

Pouco tempo depois, a nova página já tinha sido desenhada e já estava visível no *software* utilizado na redação do *Sol* (o *Millenium*). A notícia, de 2000 a 3000 caracteres, iria ocupar apenas metade da página, tendo sido inserida uma publicidade (Ver anexo 20). No espaço de alguns minutos, praticamente toda a equipa contribuiu de alguma forma para aquele artigo: a jornalista, com a recolha da informação e escrita do artigo; a editora, por liderar a equipa e proceder à alteração de um plano já concluído, bem como por, no final, ter editado o texto; a responsável pela publicidade, por ter indicado qual a publicidade disponível que mais se adequava à página; a coordenadora de fotografia, ao pesquisar nos arquivos uma foto da instituição (tirada anteriormente por um dos fotógrafos do *Sol*) fiel ao que se iria noticiar; o paginador, por ter criado uma nova página e lá inserir todos estes elementos; a assistente de direção, por ter imprimido os *prints*, ter corrigido eventuais gralhas e tê-las comunicado à equipa de gráficos.

Muitas das tarefas executadas por cada profissional dentro da redação de um jornal refletem-se na edição de todos os artigos aí produzidos. Isto é, para que um texto se transforme num artigo de jornal ou revista são precisas muitas mãos e dedicação de vários profissionais.

No segundo capítulo já foi discutida a atividade do jornalista, mas as suas responsabilidades inerentes ao artigo vão além da recolha de informação e escrita do texto. Apesar de o editor do meio de publicação participar na produção do artigo,

contribuindo com pedidos e sugestões, também o jornalista equaciona o que necessita para completar o seu artigo. O jornalista, autor do artigo, tem de considerar todos os elementos e pormenores que se adequam mais ao seu artigo: uma fotografia ou infografia? As pessoas que vai entrevistar aceitam ser fotografadas? Se não aceitam, qual é a melhor alternativa? Quantos caracteres terá aproximadamente o texto e de quanto espaço necessito?

Embora não façam parte do leque de tarefas a executar, o jornalista deve pensar em todos estes elementos e partilhar essas ideias com os colegas responsáveis pela sua execução. Em primeiro lugar, a notícia surge por sugestão do jornalista ou a pedido do editor ou coordenador de secção. Este último é responsável pela organização temática da sua secção e pela gestão da sua equipa de jornalistas.

A revisão e edição do texto é das últimas tarefas a executar e só é feita depois de o texto estar integralmente *em página*.

Layout da página

O *design*⁷⁸ exerce uma relevância significativa na edição de um artigo. Ao abrir o jornal ou revista é a primeira coisa que o leitor vê na sua totalidade (511). “Strong design makes a good first impression and gives the audience an initial sense of the publication’s style and identity” (511).

As cores distintas atribuídas a cada secção do primeiro caderno da edição portuguesa (o laranja à sociedade, o roxo à cultura, etc.) são provavelmente o aspeto visual que mais distingue o *Sol* dos outros jornais. O seu *design* é consistente, o que confere familiaridade ao leitor assíduo, contribuindo também para uma unidade visual, essencial para a construção de uma identidade sólida da publicação. (515) Aliás, Bleyer defende mesmo que “apesar de o leitor comum não analisar estes elementos do jornal que lê diariamente, a paginação deixa uma impressão geral inquestionável” (322).

⁷⁸ Friend, Challenger e McAdams distinguem os conceitos de *layout* e *design*. O primeiro refere-se a “standard page organization”. O segundo, a “artistic presentations involving special typefaces, illustrations and blocks of text used in unusual ways, as on many feature pages” (514) (ver anexos 4 e 6)

Essa unidade visual é perceptível no modo como cada secção tem um *layout* fixo e quase imutável. No primeiro capítulo deste trabalho já foi comentado em que consiste cada secção da *Tabu*, tanto no seu conteúdo como na forma. Um leitor assíduo sabe que o texto da secção Adiante dispõe-se em forma de seta — e espera, ao folhear a revista, encontrar de novo esse *layout* específico. O *design* do artigo “Festival Big Bang: Uma aventura na música”⁷⁹ teve de ser refeito duas vezes, pois o primeiro *layout* produzido não refletia as normas de paginação de um portefólio — era sim semelhante ao *design* da secção Sol da Meia-Noite. Este último consiste num plano em que um texto muito curto está emoldurado por fotografias. Como se pode observar, o texto deste portefólio é um pouco mais longo, no entanto as imagens estão dispostas com tamanhos diferentes, dispondo-se à volta do texto sem o “emoldurarem” (ver anexo 34 e comparar com o anexo 9). Ou seja, se este artigo permanecesse com a primeira apresentação gráfica poderia confundir o leitor, comunicando-lhe erradamente que não se tratava de um portefólio.

Existem princípios gerais de *design*, cujo objetivo é facilitar a compreensão do texto. Segundo Friend, Challenger e McAdams são eles “o contraste, a proporção, o equilíbrio, a harmonia e a necessidade de cada página ser fixada por uma **fotografia dominante ou gráfico**”⁸⁰ (509).

É o que se verifica, por exemplo, no artigo “Mudar de curso será mais difícil”⁸¹. Com dois elementos gráficos, a fotografia no meio do plano é o mais dominante visualmente. A partir dessa imagem, os olhos do leitor devem seguir para o título, para a entrada e para os gráficos (elemento visual secundário) dispostos no final da página par (ver anexo 35).

No que diz respeito à fotografia, ou outro tipo de imagens, o formato retangular é mais usual e mais apreciado na cultura ocidental (457). No que diz respeito a um *feature article*, a criatividade quase não tem limites. “Imprimir duas ou mais fotografias como uma única tem como propósito acrescentar um efeito

⁷⁹ Portefólio de Simoneta Vicente e Raquel Wise, publicado na *Tabu* nº 479, a 30 de outubro de 2015, páginas 48, 49 e 50.

⁸⁰ Destaque meu.

⁸¹ Notícia de Rita Carvalho e Simoneta Vicente, publicada na edição nº 459 do primeiro caderno português, a 12 de junho de 2015, páginas 20 e 21. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/397640/mudar-de-curso-ser%C3%A1-mais-dif%C3%ADcil>

dramático”, como é exemplo o mosaico no segundo plano do artigo “Histórias ao sabor da corrente”⁸² (462) (ver anexo 36). O mesmo não se adequa a estórias *hard-news*: “quando usadas numa notícia, contudo, a maior parte dos editores iriam concordar que sobrepor imagens comprometem seriamente o padrão de veracidade do jornalismo (462).

Quando o artigo é de um perfil é expectável que a primeira fotografia visível seja um retrato da personalidade em questão – tal como se pode observar no artigo “Uma bailarina improvável”⁸³. Neste artigo, a imagem que denuncia a sua profissão encontra-se apenas no segundo plano (ver anexo 37).

O contraste exerce diferenças visuais com o propósito de atrair a atenção do leitor. Segundo os autores de *Contemporary Editing*,

contrast can be produced by differences in size, darkness, textures, type and color. [...] Photos, pictorial graphics and headlines, which are bigger and darker than text type, offer the most contrast. Some contrast is also provided by boxed or screened stories, initial caps [...] and text-based graphics (517).

Para além do contraste visível nos títulos e subtítulos das notícias publicadas no *Sol*, as citações eram também destacadas a negrito. Nas revistas *Tabu* e *Caju*, as primeiras palavras são também destacadas a negro, de forma a cativar a atenção do leitor, estando este já inserido no texto principal.

Infografia

Mapas, gráficos e tabelas são alguns exemplos de infografias que podem estar incluídas em artigos de jornal ou revista. Friend, Challenger e McAdams definem da seguinte forma esta arte:

Information graphics [...] combine images and text to display facts visually, often in a smaller space than the equivalent story could. They work on the basic principle that sometimes a data are comprehended more easily when

⁸² Artigo de Simoneta Vicente, publicado na revista *Caju* nº210, publicado a 20 de março de 2015, páginas 30 a 33.

⁸³ Perfil escrito por Simoneta Vicente, publicado na revista *Caju* nº 228, a 24 de julho de 2015, páginas 6 a 8.

presented in spatial or pictorial form then when presented in words alone p(482).

Vejamos o exemplo do gráfico integrado no artigo “Procura de copos menstruais dispara”⁸⁴ (ver anexo 38). Enquanto seria maçador reproduzir essa informação no texto, o gráfico disponibiliza-a de forma legível e organizada, ocupando menos espaço – a única referência ao volume de vendas encontra-se no quarto parágrafo, em apenas quatro linhas.

A infografia é relevante para a edição de qualquer artigo, pois é necessário planear e decidir que tipo de informação se quer oferecer a partir deste elemento visual. Tal como qualquer outro elemento a produzir no artigo, deve ter-se em conta o leitor, deduzir o que este espera ler e verificar se a infografia torna a informação mais legível e fácil de compreender.

Revisão de texto

“Since men first began to multiply his written ideas, there has always been a third person between the writer and the printer to “edit” the manuscript” (Hyde, 20).

Esta frase escrita em 1915 será sempre atual. Qualquer autor ou profissional que lide com a palavra escrita no seu dia a dia reconhece a importância da existência “de uma terceira pessoa” a envolver-se no texto. O artigo beneficia da sua distância entre as palavras lidas pela primeira vez, olhar que o autor, por tê-las pensado e escrito, dificilmente terá.

Hyde, na obra *Newspaper Editing: A Manual for Editors, Copyreaders, and Students of Newspaper Desk Work* defende que o

copy editor is, from one point of view, the most important work men in the entire plant, since he puts the finishing touches upon practically all the raw material that goes into the product. From another point of view, he is only one of many skilled workers, many of whom are responsible for work as important, if not more important, than the copy reader's. That paradox is one of the things that differentiates the organization of a newspaper plant from that of

⁸⁴ Notícia de Sónia Balasteiro, publicada no primeiro caderno da edição portuguesa nº 477, a 16 outubro 2015, página 23. Disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/418196/procura-de-copos-menstruais-dispara>

almost all other manufacturing business – and one of the things that makes newspaper work as fascinating as it is (1).

O raciocínio de Hyde reflete o modo como se caracteriza o trabalho em equipa numa redação. É praticamente impossível concluir qual das tarefas se revela mais essencial na produção do texto. Desde o jornalista ao *designer*, todos exercem sobre o texto um papel fundamental, transformando-o num artigo pronto a publicar e a ser lido, com a certeza de que a informação aí implícita chega da forma mais simples e legível ao leitor.

De acordo com a Society of Proofreaders and Copy Editors um “copy-editor” corrige erros de ortografia e erros gramaticais, conferindo também a informação, de forma a evitar erros factuais, enquanto um “copy reader” é responsável pela verificação de consistência entre texto e *layout* e correção de erros tipográficos. “The proofreader, however, is only acting as a quality check, making sure that the copy-editor or typesetter has not missed something. He or she is not responsible for overall consistency and accuracy”.

A importância do revisor de texto na redação é inegável, pois assegura a qualidade textual, e consequentemente, do jornal: “...exceclência no seu trabalho faz com que o jornal ganhe a **reputação de ser “bem editado”**”⁸⁵ (Hyde, 2).

Hoje em dia é cada vez mais comum não existir um revisor nas redações dos jornais portugueses. Sendo a comunicação social uma das áreas em maiores dificuldades na economia portuguesa, a verdade é que o revisor de texto, embora essencial à qualidade do texto na sua integridade, é percecionado como um dos luxos a dispensar.

No *Sol* não existia revisor de texto, pelo que esta tarefa era desempenhada, quando possível, por um colega jornalista e, posteriormente, pelo coordenador de secção ou pela editora do jornal (uma solução que não é exclusiva deste jornal). Nos dias de fecho, a secretária da redação preparava os *prints* e corrigia erros ortográficos, gramaticais e tipográficos, para depois os comunicar a um dos *designers* (o trabalho do *copy reader*). Hyde refere ainda, sobre a dimensão e seriedade da tarefa do revisor, que “se um erro ou afirmação difamatória contornam a sua atenção, constando nas

⁸⁵ Destaque meu.

milhares de cópias impressas, normalmente não é o escritor original da peça que recebe a culpa, mas sim o *copyreader*, que deveria ter visto esse mesmo erro ao editar a cópia” (21).

Esta teoria é interessante, pois prova como atualmente os jornais e os seus efetivos se adaptam à inexistência de um revisor. Se se verifica algum tipo de erro, especialmente factual, não existe mais ninguém a culpar ou a responsabilizar sem ser o jornalista que assina o artigo.

Tal como refere Mavis Richardson em *Editing Across Media: Content and Process for Print and Online Publication*, “escrever é um processo, e uma parte fulcral desse processo é a edição. Editar começa com o primeiro esboço e continua até o leitor ver o produto final” (16).

Conclusão

Collins defende que “editar, tal como o jornalismo, tem-se tornado um processo” (1). A edição de texto não é um conceito simples de definir, especialmente a que é realizada na redação de uma publicação periódica. Ao longo deste trabalho de projeto foram explorados aspetos, perspetivas e exemplos de textos e dos seus vários elementos com o principal objetivo de refletir sobre o trabalho de edição de texto num jornal.

Ao realizar uma leitura da organização temática dos quatro produtos impressos produzidos pelo semanário, bem como das edições *online* de cada edição (portuguesa e angolana) foi possível delinear o público-alvo de cada meio de comunicação e de como este influencia a forma como a informação é escrita e disposta em página.

O facto de o primeiro caderno da edição portuguesa abrir com a secção de Política, ou de consistentemente, ao longo de várias edições, as secções da Política e Economia contarem com mais planos do que qualquer outra secção do jornal, não são aspetos acidentais ou ocasionais. Poderão significar que o jornal e os seus fundadores e efetivos reconhecem a importância e o peso que estes temas têm para a sociedade portuguesa e para o leitor do *Sol*.

Também a secção Português Global, onde se encontravam notícias produzidas pela equipa residente em Angola, é denunciador do conceito do *Sol*: um projeto lusófono, que começou por publicar edições em Moçambique, Cabo Verde, sendo a mais duradoura a edição *Sol* Angola – de onde foi garantido financiamento.

Editar implica sempre escolha e decisão, sobre os textos disponíveis e o espaço a preencher, não apenas por parte do editor do meio de comunicação, mas por parte de toda a equipa presente na redação. Richardson defende que “escrever é um processo e a edição é uma parte fulcral. Editar começa com o jornalista” (19). De facto, o processo de edição começa com o jornalista e as sugestões de temas que este profissional faz ao editor. No momento em que surge a ideia de produzir determinado artigo o jornalista questiona-se: “*Justifica-se* tratar este tema para a secção Culto da *Tabu* (por exemplo)?”; “Será este texto *adequado* a determinada secção?”.

Isto é, a *edição* é o resultado da soma entre a forma e ângulo do artigo com o conceito e registo do meio de comunicação onde se irá publicar esse mesmo artigo, e sobretudo, do público-alvo.

O público-alvo é provavelmente a entidade sempre presente nos objetivos finais do jornalista, editor, fotógrafo e *designer*, e em todas as fases de produção do artigo. Todas as decisões que o texto requer são tomadas a pensar no que irá interessar o potencial leitor.

Os elementos internos ao texto, como o título, a entrada, o subtítulo, a legenda da imagem ou fotografia, o destaque, e até o *lead* da notícia ou *feature article*, apresentam no artigo um contraste visual. Por estarem numa posição destacada no texto representam uma oportunidade de o jornalista ou editor captar a atenção do leitor e transferi-la para o texto. No caso do *Sol*, a informação que se *escolhe destacar* pode, por vezes, depender do local onde o meio de comunicação é publicado, e consequentemente, do público-alvo.

As operações de retextualização do texto oral para o texto escrito propostas por Marcuschi, utilizadas para a edição de uma entrevista publicada na *Caju e Tabu* patentes no capítulo 2.3 deste trabalho, são prova de como o processo de edição de um texto jornalístico depende da atenção ao detalhe, assim como do conhecimento da publicação periódica e do público-alvo a que o artigo se dirige.

O propósito do 3º capítulo foi demonstrar que todos os elementos da redação estão envolvidos neste processo orgânico que é a edição. Todos contribuem de forma significativa para a produção do texto e para a sua transformação de rascunho num artigo digno de publicar e de ser lido e apreciado. Editar texto numa redação é como uma linha de produção e um grande trabalho de equipa.

Bibliografia

a) Obras consultadas em formato físico e/ou digital

Bailey, Herbert. *Art & Science Of Book Publishing*. Ohio: Ohio UP, 1990. Print.

Bleyer, W. G. *The Profession of Journalism*. Boston: Atlantic Monthly, 1918. Print.

Bleyer, W. G. *Newspaper Writing and Editing*. Boston: Houghton Mifflin, 1923. Print.

Charnley, M. V., and B. Converse. *Magazine Writing and Editing*. Nova Iorque: Cordon, 1938. Print.

Collins, Ross F., ed. "Editing Across Media: Content and Process in a Converged World." Web. 1 julho 2015.

<<https://www.ndsu.edu/pubweb/~rcollins/313editing/onlineclass/editingacrossmedia12-11.pdf>>

Collins, Ross F., ed. *Editing Across Media: Content and Process for Print and Online Publication*. Jefferson, North Carolina, and London: McFarland & Inc, 2013. Web. mar.-abr. 2016.

Costa, Helton. "O Que Temos Para Hoje: Pirâmide Invertida No Jornalismo On-line." 9.º Encontro Nacional De História Da Mídia (2013). Web. mar.-abr. 2015 <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/o-que-temos-para-hoje-piramide-invertida-no-jornalismo-on-line>>

Dines, Alberto. *O Papel Do Jornal E a Profissão Do Jornalista*. 9ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009. Print.

Friend, Cecilia, Don Challenger, and Katherine C. McAdams. *Contemporary Editing*. West Touhy Avenue: NTC/Contemporary Group, 2000. Print.

Holmes, Tim, Sarah Hadwin, and Glyn Mottershead. *The 21st Century Journalism Handbook: Essential Skills for the Modern Journalist*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2012. Print.

Hyde, Grant Milnor. *Newspaper Editing: A Manual for Editors, Copyreaders, and Students of Newspaper Desk Work*. Nova Iorque E Londres: D. Appleton, 1920. Web. <<https://archive.org/details/cu31924014523553>>

Marcuschi, Luiz Antônio. *Da Fala Para a Escrita: Atividades De Retextualização*. 3.^a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. Print.

Nash, W. Roy. *How Newspapers Work*. Vol. 3. New York: Pergamon Press, 1964. Print.

Plotnik, Arthur. *The Elements of Editing: A Modern Guide for Editor and Journalists*. New York: Macmillan, 1982. Print.

Robert, Ramsay. "Effective House Organs; the Principles and Practice of Editing and Publishing Successful House Organs." *Archive.org*. D. Appleton and Company. Web. 1 julho 2015. <<https://archive.org/details/effectivehouseo00ramsgoog>>

Stites, Tom. "Editors - The Best Is Yet to Come?" *Berkman Center for Internet and Society at Harvard University* (2008). Bekerman. Web. 1 julho 2015. <https://cyber.law.harvard.edu/sites/cyber.law.harvard.edu/files/Editors_MR.pdf>

Sumner, David E., and Holly G. Miller. *Feature and Magazine Writing: Action, Angle and Anecdotes*. Oxford: Blackwell, 2009. Print.

<https://books.google.pt/books?id=OUvMIaWdYMwC&pg=PA14&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false>

Waterford, Jack. "The Changing Role of a Newspaper Editor". *Australian Studies in Journalism*. Web. 1 julho 2015.

<<http://espace.library.uq.edu.au/view/UQ:11323/waterford99.pdf>>

b) Artigos utilizados como exemplos no trabalho e presentes nos anexos

Antunes, Rui. "EURO-2016. A Minha Primeira Vez." *Sol*. 16 out. 2015, n.º 477, p. 36. *Sol*. 18 out. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/417589/euro-2016-a-minha-primeira-vez>>.

Balasteiro, Sónia. "Procura De Copos Menstruais Dispara." *Sol*. 16 out. 2015, n. 477, p. 23. *Sol*. 22 out. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/418196/procura-de-copos-menstruais-dispara>>.

Cardoso, Paula. "Arte Explosiva." *Caju*. 10 abr. 2015. P. 26-27. Print.

Cardoso, Paula. "Cozinha Com Sotaque." *Caju*. 10 abr. 2015. P. 26-27. Print.

Carvalho, Rita, Simoneta Vicente, e Sónia Graça. "Acordo Ortográfico a Várias Velocidades." *Sol*. 8 maio 2015, nº 454, p. 18-19. 13 maio 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/391718/acordo-ortografico-a-varias-velocidades>>.

Carvalho, Rita, Sónia Graça, e Simoneta Vicente. "Acordo Ortográfico a Várias Velocidades." *Sol Angola*. 15 maio 2015, nº 455, p. 30-31. Print.

Carvalho, Rita, e Simoneta Vicente. "Mudar De Curso Será Mais Difícil." *Sol*. 12 jun. 2015, nº 459, p. 20-21. 17 jun. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/397640/mudar-de-curso-sera-mais-dificil>>.

Costa, Joana Ferreira da. "Homicida De Salvaterra Fez Cura De Sono Na Prisão." *Sol*. 16 out. 2015, nº 477, p. 18. 20 out. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/417971/homicida-de-salvaterra-fez-cura-de-sono-na-prisao>>.

Guerreiro, Catarina. "Violência Entre Jovens Sem Perdão." *Sol*. 16 out. 2015, nº 477, p. 18-19. 17 out. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/417439/violencia-entre-jovens-sem-perdao>>.

Ho, Alexandra. "A Playlist De Alexandra Ho #23 – Em Estágio Para O Primavera Sound." *Sol*. 22 maio 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/393160/A-playlist-de-Alexandra-Ho-23-Em-estagio-para-o-Primavera-Sound>>.

Lima, Nuno Escobar. "Cidadãos No Ataque Ao Bipartidarismo." *Sol*. 16 out. 2015, nº 477, p. 36. Print.

Magalhães, Manuel Agostinho. "CGTP Contra 'ilusão De Mudança'." *Sol*. 16 out. 2015, nº 477, p. 13. *Sol*. 17 out. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/417523/CGTP-contra-ilusao-de-mudanca->>.

Miguel, Telma. "RTP Memória Virada De Trás Para Agora." *Sol*. 16 out. 2015, nº 477, p. 32. *Sol*. Print.

Moroso, Filipa, e Simoneta Vicente. "Ana Sofia Martins: 'Considero-me Imparável'" *Caju*. 6 maio 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/389862/ana-sofia-martins-considero-me-imparavel>>.

"Abra Aqui Os álbuns De Família Dos Retornados." *Observador*. 5 nov. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://observador.pt/2015/11/05/abra-aqui-os-albuns-de-familia-dos-retornados/>>.

Pinto, Sónia Peres. "Bankinter Quer Aumentar Os Depósitos De Clientes Em 900 Milhões." *Sol*. 8 abr. 2016. Web. abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/503663/Bankinter-quer-aumentar-os-depositos-de-clientes-em-900-milhoes>>.

Santos, Sofia Martins. "Apenas 4% Dos Portugueses Pouparam Todos Os Meses." *Sol*. 5 abr. 2015. Web. abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/503330/Apenas-4-dos-portugueses-pouparam-todos-os-meses->>.

"Sol-Tabu." *Sapo*. 11 dez. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://jornais.sapo.pt/search/?q=Tabu&id=6293>>.

Silva, Maria Ramos. "José Pacheco Pereira: 'Não Me Faltou Vontade De Ir Lá Tirar O Cartaz Do 'Pacheco a Presidente'. Gostava De O Ter." *Tabu*. 13 nov. 2015. P. 13-19. 18 nov. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/481098/entrevista-a-pacheco-pereira-nao-me-faltou-vontade-de-ir-la-tirar-o-cartaz-do-pacheco-a-presidente>>.

"Edição Especial Operação Sócrates. Toda a Verdade." *Sol*. 22 nov. 2014. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/118989/edição-especial-operação-sócrates-toda-a-verdade>>.

Ana Paula Azevedo. "Nove Anos a Girar à Volta Do Mundo." *Sol*. 18 set. 2015, nº 473 ed. 19 set. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/412478/nove-anos-a-girar-a-volta-do-mundo>>.

"Luís Osório é O Novo Director Do Sol." *Sol*. 26 maio 2015. Web. abr.-maio 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/393625/luís-osório-é-o-novo-director-executivo-do-sol>>.

"Papéis Do Panamá: Cameron Defendeu-se No Parlamento." *Sol*. 13 abr. 2016. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/504058/Papeis-do-Panama-Cameron-defendeu-se-no-parlamento->>.

"NOS D'Bandada." *Tabu*. 18 set. 2015. P. 66-67. Print.

Vicente, Simoneta, e Sónia Balasteiro. "Um Natal Mesmo Verde." *Sol.* 26 dez. 2014, nº 435, p. 20-21. *Sol.* 28 dez. 2014. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/121097/um-natal-mesmo-verde>>.

Vicente, Simoneta. "Às Segundas-feiras a Carne Não Entra." *Sol.* 23 out. 2015, nº 478, p. 25. *Sol.* 26 out. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/418818/-segunda-feira-a-carne-nao-entra>>.

Vicente, Simoneta. "Casa Dos Estudantes Do Império Recordada." *Sol.* 27 fev. 2015, ed. nº 444, p. 26. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.uccla.pt/casa-dos-estudantes-do-imperio-recordada>>.

Vicente, Simoneta. "Keep Calm E Continue a Colorir." *Tabu.* 31 jul. 2015, p. 6-8. *Sol.* 3 ago. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/405277/Keep-calm-e-continue-a-colorir>>.

Vicente, Simoneta. "O Miúdo Saído Da Casca." *Tabu.* 27 nov. 2015, p. 6-8. *Sol.* 2 dez. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/483069/o-miúdo-saído-da-casca>>.

Vicente, Simoneta. "Regresso Marcado Para Mudar O Mundo." *Tabu.* 14 ago. 2015, p. 40-41. 17 ago. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/407289/regresso-marcado-para-mudar-o-mundo>>.

Vicente, Simoneta. "Uma Palavra a Escrever Contra a Desigualdade." *Sol.* 24 ago. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/408434/Uma-palavra-a-escrever-contra-a-desigualdade>>.

Vicente, Simoneta. "Vamos Brincar a Conhecer O Outro." *Sol.* 2 mar. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/126171/Vamos-brincar-a-conhecer-o-outro->>.

Vicente, Simoneta. "Liceu Camões Lança Petição." *Sol.* 28 set. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/413837/Liceu-Camoes-lanca-peticao-contra-falta-de-obras-de-requalificacao>>.

Vicente, Simoneta. "Morreu Christopher Lee." *Sol.* 11 jun. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/396897/Morreu-Christopher-Lee>>.

Vicente, Simoneta. "'Provei às Pessoas Que Estavam Erradas'" *Sol*. 11 jun. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://sol.pt/noticia/396976/Christopher-Lee-Provei-as-pessoas-que-estavam-enganadas->>.

Vicente, Simoneta. "Retornar a Um Passado Recente." *Tabu*. 13 nov. 2015, p. 22-27. 18 nov. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/481157/retornar-a-um-passado-recente>>.

Vicente, Simoneta. "A Arte Da Prótese." *Tabu*. 27 mar. 2015, p. 18-20. 31 mar. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/128227/a-arte-da-prótese>>.

Vicente, Simoneta. "Uma Editora Com Um Toque De Escândalo." *Tabu*. 29 jan. 2015, p. 28-30. 26 jan. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/122765/uma-editora-com-um-toque-de-escândalo>>.

Vicente, Simoneta. "Furtos Diminuem No Bairro Alto Com Câmaras De Vigilância." *Sol*. 30 abr. 2015 nº 453, p. 19. 6 maio 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/389863/furtos-diminuem-no-bairro-alto-com-câmaras-de-vigilância>>.

Vicente, Simoneta. "Conservatório Encerra Salas." *Sol*. 20 fev. 2015, nº 443, p. 23. *Sol*. 20 fev. 2015. Web. fev.-mar. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/124481/Conservatorio-encerra-salas>>.

Vicente, Simoneta. "Literatura Infanto-juvenil Lusófona Em Debate." *Sol Angola*. 13 fev. 2015, nº 442, p. 18. *Sol*. 13 fev. 2015. Web. fev.-mar. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/124028/literatura-infanto-juvenil-lusófona-em-debate>>.

Vicente, Simoneta. "Valete: Não Me Preocupo Com O Público." *Caju*. 16 out. 2015. P. 14-19. Print.

Vicente, Simoneta. "Festival Big Bang: Uma Aventura Na Música." *Tabu*. 30 out. 2015. P. 48-50. Print.

Vicente, Simoneta. "Histórias Ao Sabor Da Corrente." *Caju*. 20 mar. 2015. P. 30-33. Print.

Vicente, Simoneta. "Uma Bailarina Improvável." *Caju*. 24 jul. 2015. P. 6-8. Print.

c) Notícias e artigos de opinião consultados e citados de jornais online

Lusa. "Jornal Sol Volta Ser Publicado Ao Sábado E Mário Ramires é O Novo Diretor." *Diário De Notícias*. 11 dez. 2015. Web. fev.-mar. 2016. <<http://www.dn.pt/media/interior/jornal-sol-volta-ser-publicado-ao-sabado-e-mario-ramires-e-o-novo-diretor-4924835.html>>.

Esteves, João Lemos. "Feliz Aniversário, SOL: 9 Anos, 9 Factos Marcantes!" *Sol*. 19 set. 2015. Web. fev.-mar. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/412459/feliz-aniversario,-sol--9-anos,-9-factos-marcantes>>.

"O Sol Mudou." *Oficina Do Sol*. Sol, 7 maio 2014. Web. fev.-mar. 2016. <<http://oficina.sol.pt/?p=55>>.

Oliveira, Maria Teresa. "Novo Site Do SOL." *Sol*. 17 set. 2010. Web. fev.-mar. 2016. <<http://sol.pt/noticia/341/Novo-site-do-SOL>>.

Pereira, Elsa. "Semanário Sol Assinala 5º Aniversário Com Aposta No Ipad." *Meios&Publicidade*. 16 set. 2011. Web. Feb.-mar. 2016. <<http://www.meiosepublicidade.pt/2011/09/semanario-sol-assinala-5º-aniversario-com-aposta-no-ipad/>>.

Lusa. "Três Anos Do Semanário Sol "muito Positivos", Mas Sem Ultrapassar O Expresso." *Público*. 16 set. 2009. Web. Feb.-mar. 2016. <<https://www.publico.pt/media/noticia/tres-anos-do-semanario-sol-muito-positivos-mas-sem-ultrapassar-o-expresso-1400996>>.

"Casa Dos Estudantes Do Império - Do 70º Aniversário Até à Reedição De Marcos Da Literatura De Expressão Portuguesa." *Nesta Hora*. Ed. João Reis Ribeiro. Blogspot, 2 nov. 2014. Web. fev.-mar. 2016. <<http://nestahora.blogspot.pt/2014/11/casa-dos-estudantes-do-imperio-do-70.html>>.

"Reportagem SOLTV Sobre 5.º Aniversário Do Semanário SOL." *Sapo. Sol*, 19 set. 2011. Web. fev.-mar. 2016. <<http://videos.sapo.pt/joEvSlvWMDBkilleiTMw>>.

"Retornar - Traços De Memória." *EGEAC - Cultura Em Lisboa*. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.egeac.pt/evento/retornar-tracos-de-memoria/>>.

Serrano, Estrela. "Quando O Jornalismo Se Torna Descartável Resta Aos Jornalistas a Escolha Entre a Peste E a Cólera." *Jornal Tornado*. 4 dez. 2015. Web. fev.-mar. 2016. <<http://www.jornaltornado.pt/quando-o-jornalismo-se-torna-descartavel-resta-aos-jornalistas-a-escolha-entre-a-pesto-e-a-colera/>>.

"600 Euros. Salário Mínimo Da Newsplex." *i Online*. 16 dez. 2015. Web. fev.-mar. 2016. <<http://www.ionline.pt/490696>>.

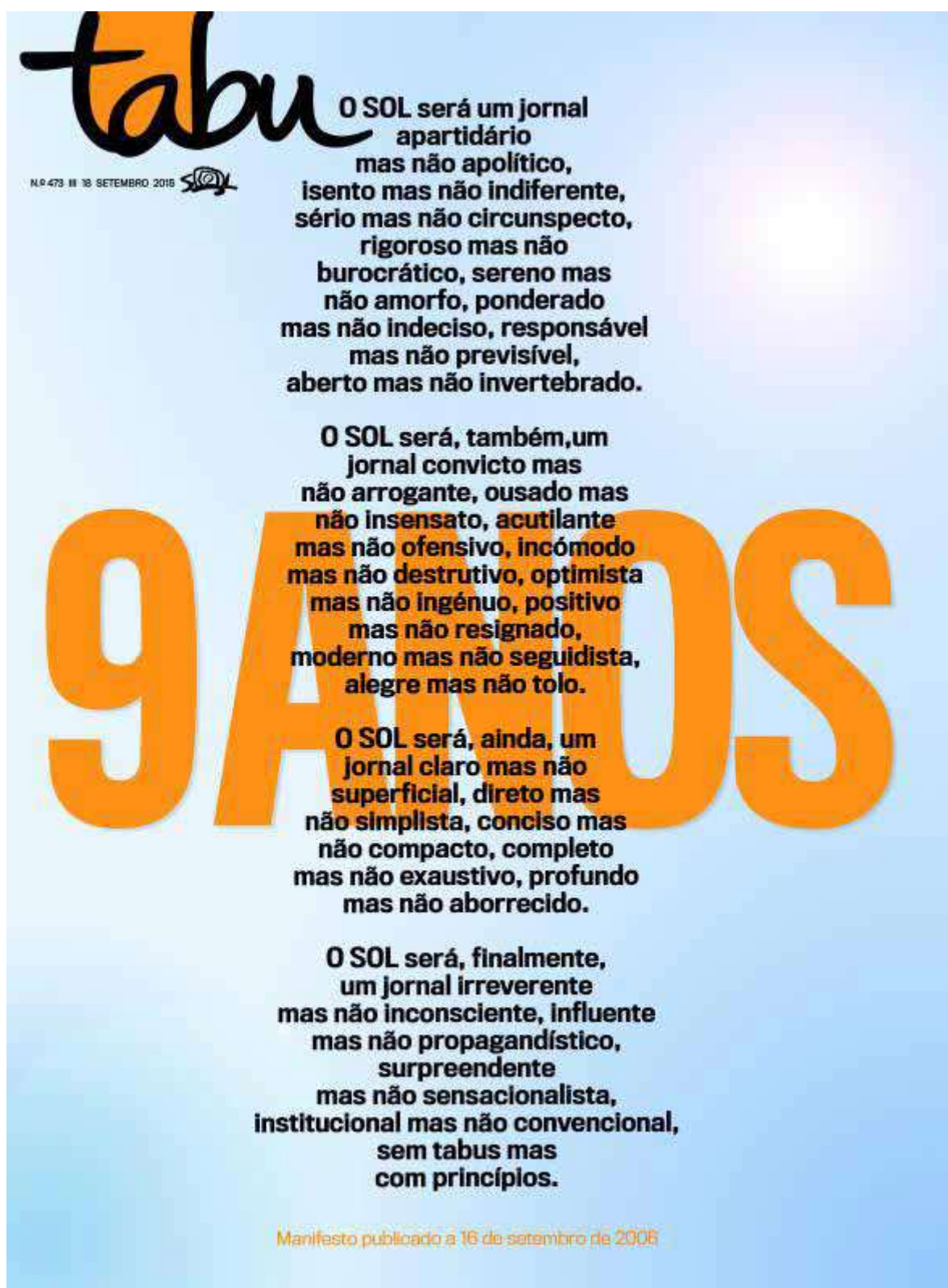
"Edição Especial Operação Sócrates. Toda a Verdade." *Sol*. 22 nov. 2014. Web. mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/118989/edição-especial-operação-sócrates-toda-a-verdade>>.

"Sol-Tabu." *Sapo*. 11 dez. 2015. Web. mar.-abr. 2016. <<http://jornais.sapo.pt/search/?q=Tabu&id=6293>>.

"Luís Osório é O Novo Director Do Sol." *Sol*. 26 maio 2015. Web. Mar.-abr. 2016. <<http://www.sol.pt/noticia/393625/luís-osório-é-o-novo-director-executivo-do-sol>>.

Anexos

Anexo 1 – Capa da *Tabu* comemorativa dos 9 anos de existência do *Sol*, publicada a 18 de setembro de 2015



CULTO

KEEP CALM E CONTINUE A COLORIR

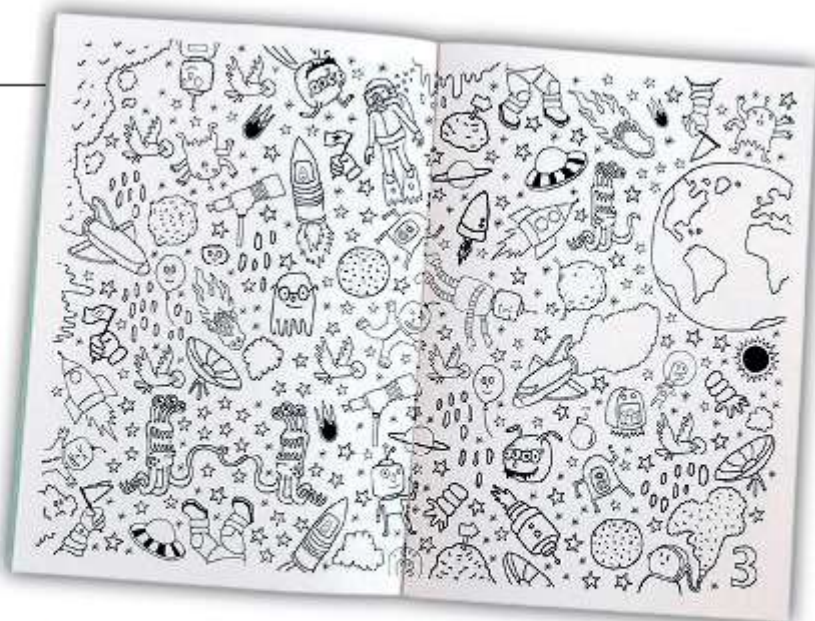
...ou experimente fazer um detox tecnológico ou vá a um retiro holístico. São muitos os negócios e as actividades que estão a florescer pensadas especialmente para o fazer descomprimir do stress do dia-a-dia. Em Portugal, crianças ou adultos já aderiram à moda dos livros de colorir, mas nos EUA existe até um infantário para os mais graúdos. A tendência já tem um nome: Mercado Peter Pan

IMAGENS: ARTIST BY BALLOON / SHUTTERSTOCK.COM

Prepare os lápis de cor e as canetas de feltro. Com desenhos de padrões, animais, jardins, e até azulejos portugueses, os livros de colorir para adultos chegaram a Portugal e parece que vieram para ficar. É certo que se trata de um fenómeno recente, mas só os mais desatentos ainda não repararam que estes livros já ocupam os lugares de destaque de grande parte das livrarias – o que não é de admirar, visto que muitas das editoras já aderiram a este fenómeno, com autoras ou colecções especiais.

A editora Hibihi é uma delas. Há cerca de dois anos quatro amigos, designers do ateliê Vivóeusébio, juntaram-se depois de adquirirem uma máquina que se chama Risograph, «uma espécie de fotocopiadora usada nos anos 80, 90 para publicações mais underground», diz à *Tabu* Joana Sobral. A editora nasceu em Dezembro passado, e com ela vieram três livros de desenhos. Logo em Abril foram lançados mais dois. «Estamos numa fase em que todos nós já temos filhos ou sobrinhos, e de facto, os livros de colorir que encontrávamos no mercado eram demasiado infantis e desinteressantes. E o nosso propósito é de facto torná-los mais interessantes e que tivessem o carinho dos nossos ilustradores», explicou. Mal sabiam eles que os adultos iam adorar. «É engraçado porque as crianças abraçaram a ideia muito bem, mas temos muitos testemunhos de adultos que gostam de colorir. Alguns dão a desculpa que é para entreter as crianças».

O fenómeno começou noutros países da Europa, como França ou Inglaterra, com *O Jardim Secreto*, de Johanna Basford, uma artista escocesa que desenhava sobretudo padrões em rótulos de vinhos e embalagens de perfume. Quando a editora britânica Laurence King lhe pediu que desenhasse um livro para crianças decidiu, em vez disso, fazê-lo para adultos. Resultado: desde a sua publicação, em 2013, que vendeu cerca de dois milhões de cópias no mundo inteiro, e o segundo volu-



me, *A Floresta Encantada*, já está nas livrarias. Estes dois livros continuam a ser *bestsellers* na Amazon, e as palavras 'anti-stress' e 'estimulo à criatividade' poderão ajudar na hora do sucesso.

Que o diga Sofia Silva, que adquiriu este livro na altura de elaborar a sua tese de mestrado. «Descobri-o no Facebook e precisava de algo que me fizesse relaxar. Adorei *O Jardim Secreto*, resulta mesmo porque desperta a minha criatividade, o que é engraçado porque sou de ciências. Enquanto estou a colorir não penso em mais nada, vai limpando a minha mente. É o meu ansiolítico!», diz a mestre em Engenharia Biológica.

Para sempre pequenos

Na verdade, este tipo de actividades marca tanto a tendência que nos Estados Unidos já existe uma categoria específica para esta indústria. É o chamado Mercado Peter Pan, que tem as suas raízes no mundo editorial, mas não só devido aos livros de colorir – um novo estudo indica que 55% da literatura juvenil é consumida por adultos, mas este fenómeno vai muito para além disso.

Em Brooklyn, Nova Iorque, está sediada a Preschool Mastermind, que assim trocado por miúdos, é uma espécie de infantário onde só são admitidos os maiores de 18 anos. Os preços variam entre os 333 e os 999 dólares e a oferta lectiva inclui aulas de arte onde se pinta com as mãos e se brinca com plasticina. Roupas bizarras são obrigatórias. Os lanches são sempre temáticos e respeita-se a hora da sesta: todos desenrolam o seu saco-cama, deitam-se no chão e as professoras asseguram-se de que todos os seus alunos estão devidamente tapados com os seus cobertores.

A ideia é da fundadora Michelle Joni, também conhecida por Miss Kitty, com 30 anos de idade. Um verdadeiro turbilhão de energia e com uma vontade incessante de brincar. Juntamente com Candice Kilpatrick, ou Miss Cancan, pretende que os seus alunos regressem ao tempo das purpurinas e das colas para que despertem a criança interior que têm em si. «Os adultos vivem uma rotina, estão estagnados. E ao voltarem a praticar actividades que já fizeram no infantário estão a transportar-se para outro sítio, para outro tempo, ►



onde só eles existem; talvez um tempo em que acreditávamos em nós próprios, quando estávamos mais confiantes e prontos para enfrentar o mundo. E o meu desejo é proporcionar isso mesmo às pessoas», disse Joni à *The Village Voice*.

Acreditamos que em terras lusas não exista (ainda) negócio semelhante, mas por aqui já se começa a aderir aos retiros de ioga, *feng-shui* ou de meditação na natureza. Tudo ofertas da Quintinha do Mar, de onde se vê o mar da Ericeira. «Chamo-lhe o turismo de alma e coração», diz Paula Silva, uma das fundadoras deste espaço. «Consiste num espaço de cura, em que as pessoas, ou famílias, podem fazer vários tipos de terapias». Esta experiência holística permite também fazer uma desintoxicação de tudo o que é digital, sendo obrigatório entregar telemóveis e computadores. «De seis em seis minutos, os telemóveis mandam radiações que nos fazem mal. Não temos consciência do que estamos a fazer a nós próprios. Estragamos o nosso corpo e só temos este», explica. Não existe ligação à internet, mas pode desfrutar da praia. Tudo para que encontre a sua paz interior e se desconecte da agitação da cidade.

Os especialistas explicam

Mas será que estamos assim tão esgotados com o ambiente frenético que nos rodeia, e tão preocupados e angustiados com as responsabilidades a que o emprego e família obrigam, que sentimos a necessidade de voltar a praticar as nossas actividades preferidas em criança?

O psicoterapeuta e psiquiatra Vítor Cotovio explica-nos que «é importante não generalizar». «Mesmo antes de existir este tipo de oferta, algumas pessoas já padeciam da síndrome Peter Pan por terem mais dificuldade em lidar com as questões da idade adulta. Ou seja, como mecanismo de defesa sentem a necessidade de regredir a um estágio mais precoce de desenvolvimento. Por isso seria muito interessante traçar o perfil das pessoas que pagam para se inscreverem nesse "infantário para adultos"», diz à *Tabu*.

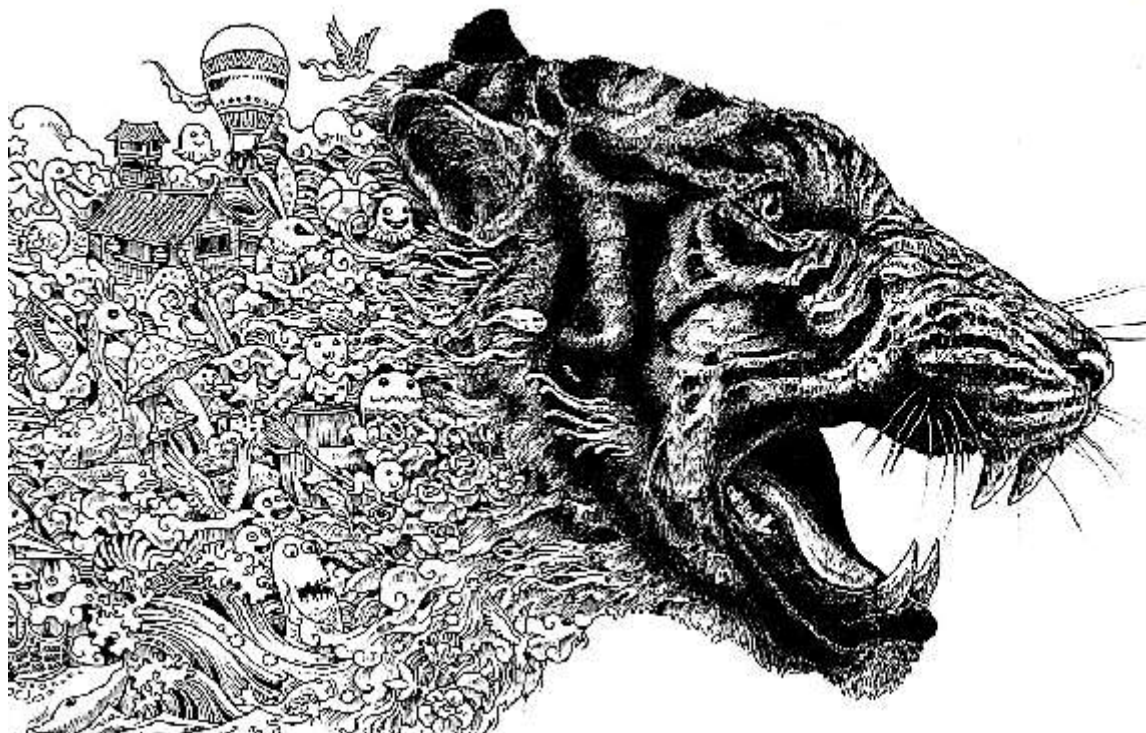
Mas não poupa elogios aos livros de colorir, uma vez que aumentam a nossa concentração, nos focam «no aqui e no agora», recomendando-os pelo seu poder de descontração.

«O adulto não deve matar a criança que tem em si, mas não pode usar essa crian-

ça como substituição do adulto que é», alertou. «Nós vivemos numa sociedade que é altamente competitiva e avaliativa, e a verdade é que a nossa vida tem de ter alguma qualidade. E muitas vezes procuramo-la em espaços e tempos onde não existe só o dever – também existe o ser, aquilo que é sonhar, criar e usufruir».

E é verdade que as crianças, por inerência, têm tudo isso. «Sou ansiosa por natureza e os livros ajudam-me, mas sim: talvez se justifique porque poderá despertar em mim essa inocência que perdemos quando nos despedimos da criança que éramos», remata Sofia Silva. S.V. •

tabu@edl.pt



COP. IMAGEM: ILLUSTRATION BY LARRY J. JAMESON/ALAMY. PETER PAN: ILLUSTRATION BY LARRY J. JAMESON/ALAMY.

CULTO



O MIÚDO SAÍDO DA CASCA

Não deve haver criança no país (arriscamos a dizer no mundo) que não tenha um *Diário de um Banana* na sua estante. Portugal foi um dos 14 destinos de Jeff Kinney, o autor *bestseller* que se encontra numa digressão mundial para apresentar aos miúdos (e graúdos) o 10.^o livro da série: *Dantes é que Era*. Fomos conhecer a razão do fenómeno criado à volta de Greg Heffley e dos seus amigos

Texto de Simoneta Vicente Fotografia de Miguel Silva

Já estamos num dos muitos hotéis de Lisboa quando Jeff Kinney chega. Para nossa surpresa, faz-se acompanhar por uma equipa de filmagens, impossível de passar despercebida, com as suas *t-shirts* pretas com o rosto de Greg Heffley. As câmaras seguem-nos e juntam-se à conversa, mas o autor *bestseller* mostra-se tão surpreendido como nós: «Eu também não sabia que ia ser assim», começa por explicar. «Faço muitas *tours* nos Estados Unidos da América e acaba por ficar tudo esquecido porque não gravamos nada».

Assim, compreendemos a azáfama. Quem não gostaria de gravar e produzir um documentário sobre todas as memórias, tudo aquilo que viu e viveu se tivesse oportunidade de fazer uma viagem pelo mundo? É exactamente isso que Jeff Kinney está a fazer. No fim de semana passado, Lisboa marcou o meio caminho da sua *tour* mundial, sendo o sétimo dos 14 destinos onde apresentou – e apresentará – o décimo livro da saga de *Wimpy Kid* (no original), *Diário de um Banana 10: Dantes é que era*, editado em Portugal pela Booksmile.

«Começámos no Brasil, seguimos para o Japão, China, Austrália, Inglaterra, e agora estamos em Portugal». E

depois é a Alemanha que recebe o escritor, seguindo-se a Turquia, Roménia, Grécia e Holanda. A digressão termina na Índia, mas Jeff já sente que os pequenos leitores não são iguais em todo o lado: «As crianças são isso mesmo – crianças. Mas as brasileiras e portuguesas são diferentes, o que é interessante porque em ambos os locais se fala português. Parecem ser crianças mais abertas, transparentes e mais afetuosas», diz.

do trabalho de Jeff é conhecido e inegável, mas o autor não se revela muito talentoso na altura de pensar em números realísticos, pois ambos estavam completamente errados. Foram cerca de 500 crianças que esperaram horas pelo autógrafo do autor do seu *cartoon* favorito, numa fila que fazia uma meia lua no corredor do primeiro piso.

Falar de Jeff Kinney e da sua obra é falar de uma história de sucesso. Desde 3 de novembro, dia em que chegou às livrarias

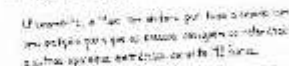
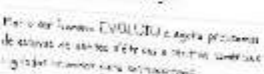
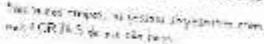
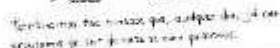
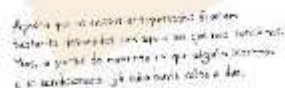
A coleção está traduzida em 48 línguas, incluindo latim. Foi entregue uma cópia em mãos ao Papa Francisco

Ídolo Bestseller

E talvez por isso tenha dito no dia da entrevista que se sentiria grato independentemente do número de crianças que aparecesse na sessão de autógrafos que realizou no passado sábado, no Centro Comercial Colombo: «Talvez apareçam 10 miúdos, talvez uns 100. Não importa, estou entusiasmado», respondeu modestamente. O sucesso

portuguesas, *Diário de um Banana 10: Dantes é que era* está em 2.^o lugar no *top* geral de ficção e em 1.^o no *top* infantil.

Já *O Diário de um Banana 9: Assim Vais Longe*, lançado no ano passado, foi o segundo livro mais vendido em Portugal na época natalícia, ficando atrás do romance de José Rodrigues dos Santos, tendo permanecido no *top* 10 Geral de Ficção durante várias semanas consecutivas. ►



Trata-se de uma verdadeira coleção *best-seller* mundial, que com o 10.º volume, irá alcançar os 164 milhões de exemplares editados - 755 mil em Portugal. Está traduzida em 48 línguas, com 53 diferentes edições - inclusive em latim, tendo sido uma cópia entregue em mão ao Papa Francisco. Aliás, segundo a última lista publicada pela Forbes, Jeff

obra literária. Parece simplesmente divertido e engraçado. Os adultos leem por prazer, por isso acho que os mitos deviam ler pela mesma razão». Parte disso deve-se à forma simples – mas não simplista – como desenha os seus cartoons. Estes complementam a narrativa, e não apenas a descrevem visualmente, criando ritmo na leitura. «Não inventei os li-

ferindo chamá-lo *Long Form Comics*, por serem bandas desenhadas lineares.

Aliás, num futuro próximo o autor de 44 anos diz que gostaria de lançar um novo livro. «Tenho pensado muito sobre qual será o tema da próxima história. Costumo sempre dizer que as ideias não acabam e acho que ainda há muito no universo infantil que pode ser explorado, como por exemplo mudar de casa, o que pode ser traumático».

Seja qual for o tema escolhido, o lugar onde o irá desenhar e escrever, muito provavelmente, já está definido: o terceiro andar da sua livraria que construiu na pequena cidade onde reside, Plainville, que fica a 60 km de Boston (EUA) - chama-se An Unlikely Story Bookstore & Café (Livraria e Café Uma História Improvável). «Vamos construir um estádio Wimpy Kid, onde os miúdos poderão sentar-se à minha secretária, desenhar no meu tablet e usar o meu computador». Parece que a falta de ideias, realmente nunca será um problema para Jeff. ●

simoneta.vicente@sol.it

* agradecimientos a:

Epic Sana Lisboa Hotel

«Os adultos lêem por prazer, por isso, acho que os miúdos deviam ler pela mesma razão».

Kinney é o 6.º autor mais bem-sucedido em todo o mundo, rendendo 23 milhões de dólares no último ano.

Itas que se leem

Mas a que se deve este fenômeno? «Acho que o formato apela muito às crianças. Abrem os meus livros e não veem uma

vros ilustrados, mas penso que inventei uma interação diferente entre imagem e texto. As imagens são benéficas porque funcionam como pequenas ilhas para onde as crianças podem nadar. Ou seja, leem o texto e depois, como recompensa, leem a imagem», explica, reconhecendo que o seu gênero «é muito híbrido», nre-





GORDA, BONITA E SEXY

BOGOTÁ ESTREIA-SE NOS DESFILES DE MODA PARA TAMANHOS GRANDES

Mesmo que o primeiro passo – o da auto-aceitação – tenha sido dado com sucesso, mesmo que se tenha poder de encaixe para o monopólio da beleza esbelta das revistas (muitas vezes uma perfeição talhada a programa computadorizado), uma ida às compras consegue ser demolidora: acima de um determinado tamanho, as marcas de prêt-à-porter não fabricam. Porque a beleza não tem tamanho, decorreu no fim-de-semana, em Bogotá, a primeira Semana da Moda *Plus Size*. Não é uma defesa da obesidade, é uma defesa da variedade.



BOGOTÁ ESTREIA-SE NOS DESFILES DE MODA PARA TAMANHOS GRANDES



ESTA ERA A MINHA CASA DEMOLIÇÕES EM NAIROBI DESALOJAM CENTENAS

Residentes e Amnistia Internacional dizem em coro: não houve aviso prévio, não foi dada alternativa de realojamento. Simplesmente, desde a sexta passada e durante o fim-de-semana, os bulldozers abriram caminho, demolindo centenas de barracas de Mathare, em Nairobi. Os moradores desta que é considerada uma das maiores favelas de África têm dormido ao relento. Perderam o pouco que tinham.



RENDIDOS À FOFURA QUEM RESISTE A UM COELHO DE PELUCHE?

Num momento em que a Ucrânia teme uma invasão de Moscovo, numa altura em que o Presidente Poroshenko anunciou que estão estacionados do lado de lá da fronteira 50 mil soldados russos, além dos nove mil que já ajudam os separatistas no Leste da Ucrânia, nada como um coelhinho rosa para ver homens fardados e armados a derreterem-se como crianças - numa pausa dos ensaios para a parada do Dia da Independência, a 24, em Kiev.



BAFO DE DRAGÃO BOLSA CHINESA EM QUEDA

Para usar uma personificação em voga, os mercados assustaram-se com a queda da bolsa chinesa. As principais praças de Europa, Ásia e América, receosas, acompanharam o recuo dos valores transaccionados na China. Jangões e figuras de estilo à parte, a bolsa chinesa soma as maiores perdas desde a crise financeira de 2008. A economia está a desacelerar, com consequências no resto do mundo: muitos países têm na China um cliente de peso para as suas exportações.



VER A DOBRAR ENCONTRO DE GÊMEOS EM BERLIM

Não só são gémeos idênticos, como baralharam mais as vistas aos vestirem-se de igual e com penteados semelhantes. Excentricidades destas cópias genéticas alemãs, dos 10 aos 80 anos, que marcaram encontro no fim-de-semana passado em Berlim.

ADIANTE

Regresso marcado para MUDAR O MUNDO

José Rebelo Pinto licenciou-se em Marketing, mas a imaginação para criar negócios onde ninguém se aventuraria acabou por falar mais alto. Visionário e persistente, foi pioneiro na criação de eventos e espaços no Cais do Sodré, na LxFactory e mais recentemente no Martim Moniz, onde há cerca de um mês inaugurou o restaurante TOPO, no terraço de um dos centros comerciais da praça

«**Lisboa é uma cidade** excelente. Temos aqui as melhores praias do país e uma ria lindíssima». Foi assim que José Rebelo Pinto falou sobre o destino de férias escolhido para passar uns dias em família. A julgar pela descrição detalhada que oferece sobre esta cidade, dir-se-ia que nem de férias este empreendedor consegue evitar avaliar as potencialidades dos locais por onde passa. O mesmo tem vindo a acontecer em Lisboa, onde tem investido em várias zonas que, por obra do tempo ou por culpa do preconceito, se mostram mais desabitadas ou marginalizadas. Mais recentemente, foi o Martim Moniz que beneficiou do seu olhar visionário. Em 2012 já tinha criado o Mercado de Fusão e no mês passado inaugurou o restaurante/bar TOPO no terraço do Centro Comercial do Martim Moniz, onde a paisagem poética de Lisboa e as petiscadas confluem no mesmo ambiente, caracterizado pela população imigrante e pela multiculturalidade que dela emerge. «A ideia veio no sentido de dar continuidade à revitalização do Martim Moniz e trazer outro tipo de público a esta zona para desmistificar o estigma que paira à sua volta», explicou. Antes disso, foi investidor pioneiro do Cais do Sodré e da LxFactory onde sediou a sua empresa NCS Audiovisuais. Esta tem produzido desde o primeiro ano o Out Jazz – prova que José Pinto acredita que a revitalização de zonas abandonadas se faz com a cultura. «O primeiro aconteceu há nove anos e o fantástico disto tudo é que tem vindo a proporcionar que as pessoas convivam cada vez mais nos jardins e miradouros de Lisboa. E alguns até eram considerados perigosos». A 9.ª edição já vai a meio e estará a decorrer até Setembro.

Nesta última semana de férias só existe espaço para descansar em tranquilidade, aproveitar a praia, a gastronomia e os passeios. Praticar desportos como *surf* e caça submarina são algumas das actividades que quer concretizar em família, mas assistir a espectáculos e concertos já é outra história: «Os meus filhos olham para cartazes de eventos no caminho para casa. Suge-

rem ver os HMB, os DAMA ou a Ana Moura. Iremos mais por eles. Passamos o ano todo a organizar concertos, aliás, proporcionar momentos de felicidade às pessoas é a nossa vida há mais de 15 anos. As férias servem para fazer algo diferente».

Mas o trabalho recomeça no início da próxima semana. Os planos são mais que muitos e todo o ano de 2016 está por definir – como a preparação da próxima edição do Out Jazz (se sobrar tempo, possivelmente levá-lo para outras geografias). Agora a prioridade é a aposta no Martim Moniz: «Quero muito continuar nesta zona e criar novos pontos de interesse. Estamos a desenhar tudo à mão. Convidamos os empresários a aderir à linha de orientação que se está ali a criar».

Num futuro muito próximo, a prioridade é afirmar o TOPO como um espaço musical, com direito a programação mensal. O grande desafio será acrescentar mais oito quiosques de comidas do mundo aos 10 que já existem pelas áreas da Dragon Square e enriquecer o espaço com lojas de marcas urbanas, juntando todo o tipo de componentes à praça desde música e arte à moda. No fundo, implementar um conceito já existente em cidades cosmopolitas como Londres, de forma a criar um ambiente apelativo a um «público mais diversificado, como intelectuais, músicos e artistas».

As dificuldades em trabalhar nesta zona ainda mal-amada surgiram desde o primeiro dia: «Sempre que falava sobre estes projectos as pessoas diziam: 'mas como é que vais tirar aquelas pessoas de lá?'. Não quero tirar as pessoas de lá, quero a mistura. Conheço uma chinesa que se apaixonou por um português do quiosque ao lado e já estão juntos há três anos. Estamos a pensar gerações à frente e se calhar daqui a uns anos há uma transformação social», diz, expressando como este ambiente o inspira. «Ver o mundo de mãos dadas naquele espaço tão pequeno é das melhores coisas que posso ter e fico com vontade de mudar o mundo».

«Ver o mundo de mãos dadas naquele espaço tão pequeno é das melhores coisas que posso ter»



Um coliseu cheio para escutar o fado de Aldina Duarte. Um elétrico em marcha seguido pelas milhares que acompanharam as canções de Jorge Palma ou de Miguel Araújo. E muitos mais cantos e recantos onde as melodias ganharam asas dentro e fora de portas. A quinta edição, o Nos D'Bandade bateu recorde de audiência na baixa do Porto. Para lá da viagem dos 23, a festa estendeu-se ao Jardim dos Clérigos, e às Galerias de Paris. O desafio estava lançado: 14 horas de música garantidas por 78 concertos gratuitos. E assim foi, rua fora, no fim de semana que passou.



Cerca de 250 mil pessoas encheram as ruas do Porto para assistir a concertos gratuitos



NA LINHA DA FRENTE

Silêncio,
a melhor arma
por José Paulo do Carmo



Quando pensamos na noite como negodotemas sempre a tendência natural de rapidamente confundir nos colares, achando que por ser espaço temporal que usamos para nos divertirmos tudo o que está em volta desse tema é fácil e simples. Afinal de contas, pensa-se uma antepassada contante, sempre em festa, rodando-se em enfiados, álcool e músicas, mas não é bem assim. Não é de todo assim, aliás.

Para além dos horários totalmente desregulados e de vida boémia que inspira relacionamentos prejudiciais, muitos, que profissionais que trabalham e vivem o profissionalismo como simples sobreviventes à esmagadora rotina. Para além de ter que se sentir como pessoas fora do seu próprio mundo, seja pelo relacionamento que aplicam fora do trabalho, através do qual a vida pessoal é considerada uma simples consequência, negligenciada ou tratada com um cliente tão pouco nem verdadeiro "bóia divina".

Nos casos que vivem a trabalhar no ramo, aprendi que a noite se faz o mesmo possível de negócios e que se deve evitar confrontos, discussões de qualquer índole ou explanações que se possam tomar "caminhos emvasados".

Nos anos que levei a trabalhar no ramo, aprendi que à noite se fala o menos possível de negócios e que se deve evitar confrontos, discussões de qualquer índole ou explicações que se possam tomar 'caminhos enviesados'.

Hoje, mesmo quando se processa atos menos corretos, quando tentam usar subterfúgios para justificar os seus erros ou projetos menos corretos, ataques pessoais ou maneiras de nos rabacharem no nosso meio profissional, mesmo com ameaças, cada um de nós se abalroa e se abalroa. Aprendi que, desentupir sempre a nossa papel de melhor forma que sabemos até ao fim.

E nesse fim, ali, quando, quando por este lado das barreiras,

vio. E em vez de gastarmos energia em guerras e confrontos usar essa força interior para construímos algo novo e para sairmos do nosso trajeto com quem acredita em nós e nos permite mostrar o melhor que sabemos fazer. Porque já me dá muito trabalho. Nunca se sabe o que vai acontecer. E por isso, o melhor é salvarmos de cada ato nos sentimos bem de sair de volta do nosso trajeto. Porque já diz o ditado: "O dia de amanhã vem com quem não nos forja".

Sociedade

ACORDO ORTOGRÁFICO A VÁRIAS VELOCIDADES

Rita Carvalho
rita.carvalho@sol.pt

Simoneta Vicente
simoneta.vicente@sol.pt

Sónia Graça
sonia.graca@sol.pt

Muitas universidades, tribunais e até professores de Português ainda não adoptaram o novo Acordo Ortográfico. O período de transição, de seis anos, termina no próximo dia 13.

Nos exames nacionais que estão à porta, escrever com a antiga grafia será considerado um erro ortográfico, com direito a penalizações. A novidade será mais uma consequência da implementação do acordo ortográfico (AO) de 1990, cujo período de transição de seis anos termina no dia 13. A poucos dias de isso acontecer, o SOL foi saber como correu o processo de adaptação à nova grafia. E constatou que a regra continua a ter muitas exceções. Há universidades, editoras, jornais e juizes que não seguem o AO. E até professores de Português do ensino básico e secundário que recusam ensinar a nova grafia, como foi estabelecido pelo Governo no ano lectivo de 2011/2012.

Os opositores do AO prosseguem a sua batalha nos tribunais e acreditam que o processo ainda pode ser travado pelo Supremo Tribunal Administrativo, onde deu entrada uma acção no final do ano passado. Além de criticarem algumas regras, garantem que a implementação está a correr mal. Há quem ponha até em causa o fim do período de transição, atirando-o para Setembro de 2016, seis anos após a publicação em *Diário da República* da ratificação da decisão pela Assembleia da República. Nesse mesmo ano, o Conselho de Ministros aprovou uma resolução que impôs a adopção do acordo em toda a administração pública a partir de Janeiro de 2012.

FIM DA DUPLA GRAFIA NAS ESCOLAS

Nas escolas, o acordo aplicou-se há três anos e a sua implicação nos exames nacionais tem decorrido de forma gradual, começando pelo 6.º ano de escolaridade, em 2014. Este ano, a regra terá conse-

quências na vida de muitos milhares de estudantes, pois a dupla grafia não será permitida nas provas dos 4.º, 9.º, 11.º e 12.º anos.

Segundo explicou ao SOL o Instituto de Avaliação Educativa, cada erro ortográfico será penalizado com um ponto (em 200) e, no máximo, os alunos podem ser penalizados pelos seus erros ortográficos (nos quais se incluem os eventualmente decorrentes do uso da antiga grafia) em quatro valores (40 pontos).

Ana Mendes da Silva, professora de Português, diz que isto terá



«impactos muito negativos nas notas dos exames e, consequentemente, na entrada dos alunos na faculdade». A docente, que integra a direcção da recém-criada Associação Nacional de Professores de Português (Anproport), afirma que «há um caos ortográfico nas escolas porque os alunos não aprendem só com o que ouvem na sala de aula mas também, por exemplo, na televisão». Ana Mendes da Silva diz que «não há um modelo instituído»

«Os próprios professores não têm noção das regras do Acordo», critica uma docente

e que «os próprios professores não têm a noção das regras do acordo, tendo em conta todas as suas facultatividades».

A docente explica que, «na cabeça dos alunos, o acordo faz cair os 'c' e 'p'». «E eu nem lhes consigo explicar que não é bem assim porque a regra não é clara». Na prática, acrescenta, «multiplicam-se os erros: como as palavras 'fato' (em vez de facto) ou 'contato' (em vez de contacto)».

No final de Abril, a Anproport pediu ao ministro da Educação que autorizasse a dupla grafia nos exames deste ano. «A definição deste calendário partiu do pressuposto de que o acordo estaria consolidado e isso não é verdade. Os alunos estão muito desorientados», nota Ana Mendes da Silva.

Contactado pelo SOL, o gabinete de Nuno Crato afasta essa possibilidade e diz que «não tem conhecimento de constrangimentos decorrentes da aplicação do acordo ortográfico ao sistema educativo português ou da sua implementação nos manuais escolares em uso no mesmo». Também a Associação de Professores de Português nega a existência de qualquer problema: segundo a presidente, Edviges Ferreira, «actualmente os alunos já são penalizados nos testes normais se não usarem o acordo».

UNIVERSIDADES DIVIDEM-SE

São muitas as faculdades de Lisboa que não têm uma posição assumida sobre se os professores e estudantes devem ou não usar o novo acordo em testes, trabalhos académicos e até teses de mestrado e doutoramento, pelo que ambas as formas de escrita são aceites. É o que acontece na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), em que não existe qualquer tipo de obrigatoriedade. «No próprio site oficial da faculdade pode-se ler textos re-

digidos na nova grafia e outros com a antiga porque ainda estamos num período de adaptação», disse ao SOL Antónia Coutinho, professora desta faculdade, doutorada na área da linguística, explicando: «Eu não descontro mas chamo à atenção, sobretudo aos alunos que frequentam o mestrado de ensino porque mais tarde poderão ser colocados em escolas onde tenham de ensinar os alunos com o AO».

A especialista em linguística lembra que as alterações não são assim tão significativas e considera até que as «resistências à aplicação do acordo estão a aumentar a instabilidade». E acrescenta: «Não se mata a língua pela ortografia – e é interessante que algumas das formas estão mais próximas da ortografia de Eça de Queiroz, pelo que é uma ortografia convencional».

Mas nem todas as instituições do ensino superior permitem am-



bas as grafias. Ao contrário das universidades de Lisboa e Coimbra, as do Porto, Minho, Algarve e Madeira impõem aos alunos o uso do AO. «Estas universidades têm ordens para descontar erros de ortografia nos testes, trabalhos e teses», explicou ao SOL o constitucionalista Ivo Miguel Barroso, um dos principais opositores ao AO.

TRIBUNAIS RECLAMAM SOBERANIA

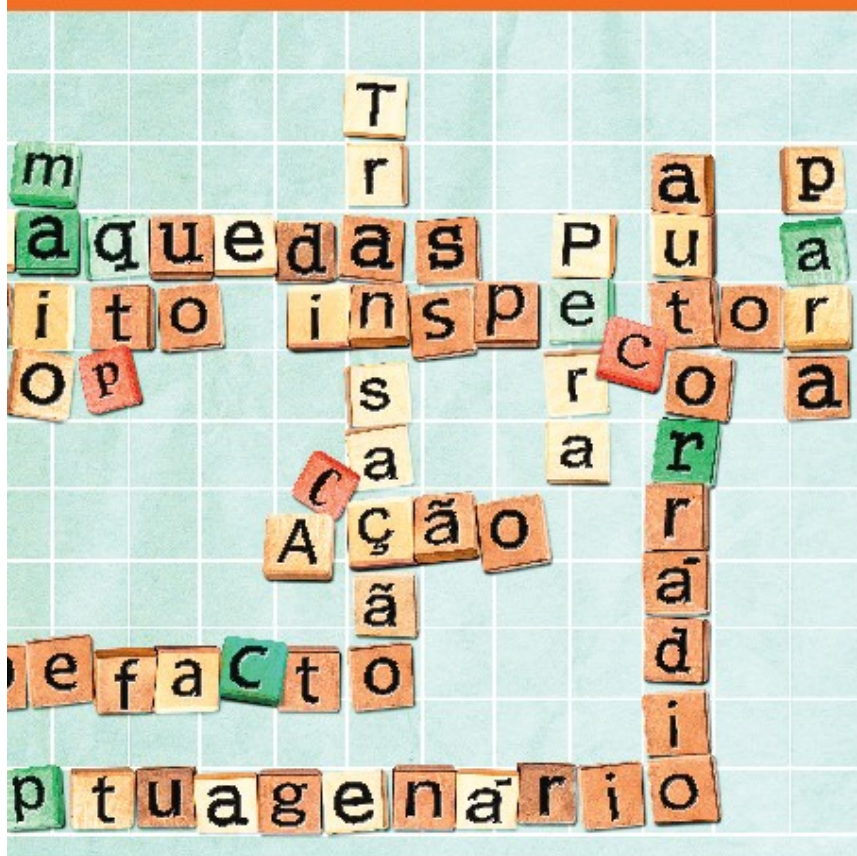
Todas as polícias já adoptaram o acordo ortográfico. Na Polícia Judiciária, as comunicações oficiais seguem as novas regras, tal como estipula uma ordem de serviço as-

sinada pelo director nacional em Janeiro de 2011. Desde essa altura, os correctores ortográficos instalados nos computadores da instituição foram adaptados de forma a permitir a conversão automática da escrita. «Muitos não concordam, mas não há alternativa», disse ao SOL um inspector, acrescentando, porém, que ainda continua a escrever 'inspector' e não 'inspetor'.

Na PSP e na GNR, o processo foi idêntico. Em 2011, a GNR difundiu instruções a todo o efectivo para aplicar o acordo a partir de 2012: foram instaladas nos computadores aplicações para que a correcção dos documentos (electrónicos) fosse automaticamente



OLIVIA RODRIGUES



feita de acordo com o acordo e foi distribuído um 'Guia para a Nova Ortografia'. Na PSP, os agentes tiveram inclusive acesso a cursos ministrados através da plataforma *e-learning* da instituição.

Nos tribunais, contudo, o cenário é diferente. A maioria dos juizes e procuradores continua a redigir acórdãos e despachos à moda antiga. Ao *SOL*, fonte oficial do Conselho Superior da Magistratura explicou: «A determinação vigente refere-se apenas aos serviços da administração pública, não aos tribunais enquanto órgãos de soberania». E isso só mudará quando «for determinado legalmente».

Em Abril de 2012, o CSM aprovou uma deliberação segundo a qual «não pode indicar aos juizes a forma em que as peças (processuais) deverão ser publicadas, sendo que as mesmas devem ser publicadas conforme forem elaboradas». Exemplos não faltam. O presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Henrique Gaspar, tem redigido todos

os discursos de acordo com a grafia antiga – à semelhança de outros conselheiros, como Souto Moura, que analisou em Dezembro passado o terceiro *habeas corpus* visando a libertação de José Sócrates, e Santos Cabral, que decidiu em Março o último pedido desta natureza, apresentado pela defesa do ex-primeiro-ministro.

Já os juizes do Tribunal Constitucional e do Tribunal de Contas redigem os acórdãos segundo as novas regras.

No Ministério Público, as resistências à mudança também persistem. «A generalidade dos operadores judiciários escreve de acordo com as regras antigas», atesta António Ventinhas, presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, admitindo que ele próprio ainda não se converteu: «Não tenho posição sobre o assunto, mas não é fácil alterar a maneira de escrever de um dia para o outro». Há, no entanto, vários departamentos que já se adaptaram, caso do Departamento Central de Im-

investigação e Ação Penal, cujo diretor, Amadeu Guerra, elaborou recentemente o relatório de atividades de 2014 de acordo com os novos princípios. Ao *SOL*, fonte oficial da Procuradoria-Geral da República não esclareceu se Joana Marques Vidal já adotou o AO, dizendo apenas que não foi emitida qualquer orientação sobre o assunto. Mas o recém-lançado Portal do Ministério Público já segue a nova grafia.

De resto, todos os documentos oficiais do Governo, incluindo decretos e leis publicados em *Diário da República*, já estão de acordo com a nova grafia. O próprio Relatório Anual de Segurança Interna foi redigido segundo o AO. E no Parlamento todos os computadores foram adaptados para permitir a conversão automática.

EDITORAS ADAPTAM CLÁSSICOS E MANUAIS

Os grupos Porto Editora e Leya começaram por publicar com o novo acordo ortográfico, aplican-

do-o principalmente nos manuais escolares, em 2011, data imposta pelo Ministério da Educação. De forma geral, a mesma atitude foi tomada noutro tipo de edições: grandes clássicos da literatura portuguesa – como as obras de Eça de Queirós ou de José Saramago, por exemplo –, literatura traduzida, autores brasileiros e de países africanos de língua oficial portuguesa, uma vez que o objectivo do acordo é unificar e padronizar a língua.

«Mas as editoras abrem excepções quando um autor prefere publicar a sua obra na grafia antiga. No que diz respeito aos clássicos literários, a Editorial Presença refere que a publicação com a nova grafia depende da preferência do leitor e se são lidos num contexto escolar. «Em alguns casos, adoptámos o AO porque os livros são objecto de estudo nas escolas. Nos outros casos, tentámos manter o antigo acordo até porque a maior parte dos leitores que compra estas obras revela preferência e vontade de ler obras clássicas escritas segundo a grafia pré-acordo de forma a não desvirtuar a vontade final do autor», disse Francisco Pinto Espadinha, administrador da Editorial Presença.

**JORNAIS E TELEVISÕES
CONVERTEM-SE**

A esmagadora maioria dos *media* já escreve com a nova grafia. É o caso da agência noticiosa *Lusa* e dos grupos *Global Media* (*JN*, *DN*, *Jogo* e *DN Madeira*), *Cofina* (*CM*, *Sábado*, *Jornal de Negócios* e *Record*) e *Impresa* (*Visão*, *SIC* e *Expresso*). Mas alguns dos seus cronistas — como Miguel Sousa Tava-



res, no *Expresso*, e João César das Neves, no *DN* – preferem continuar a escrever de acordo com a antiga grafia. Também a *RTP* e a *TVI* seguem este exemplo, assim como o diário online *Observador*.

São apenas quatro os jornais de expansão nacional que continuam a escrever com a grafia antiga: *SOL*, *i*, *Público* e *Diário Económico*.

'É possível voltar atrás'

Contestatórios do AO dizem que este é inconstitucional e contestam prazo de transição.

Muitos activistas que defendem a língua portuguesa põem em causa a natureza do AO, apontando-lhe várias fragilidades e questionando a data em que termina verdadeiramente o período de adaptação à nova grafia. «Só a partir de Setembro de 2010 é que o referendo foi publicado em *Diário da República*, o que significa que o prazo de seis anos que foi estabelecido termina apenas em 2016, e não a 13 de Maio deste ano», disse ao SOL Ivo Miguel Barroso, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Este foi um dos argumentos apresentados na sua intervenção no fórum 'Pela Língua Portuguesa, diga Não ao Acordo Ortográfico de 1990', que aconteceu em Abril.

No ano passado, o constitucionalista chegou a avançar com uma ação judicial popular contra a aplicação do Acordo Ortográfico no ensino – inscrita pelos ex-governantes Isabel Pires de Lima, Diogo Freitas do Amaral, António Arnaut e António Bagão Félix, entre outros – que ainda não teve desfecho. «**Na minha opinião, ainda é reversível porque o AO está muito mal feito, além de que Angola e Moçambique ainda não ratificaram a sua aplicação**»,

Na sua aplicação, defende, é inconstitucional: «O AO 90 tem inúmeras fragilidades. 'Electrónica e Electrotecnia' pode ser escrito de 32 formas diferentes sem violar o AO, o que contraria o próprio conceito de ortografia». E dá um exemplo: «Por vezes, o AO escolhe as formas que se usam menos no Brasil. Na maior parte do território português diz-se 'perspectiva', mas com o acordo deverá escrever-se 'prespetiva', pelo que estamos a afastar-nos do próprio português que é praticado no Brasil».

SV

Portugal

ACORDO ORTOGRÁFICO A VÁRIAS VELOCIDADES

Rita Carvalho

rita.carvalho@sol.pt

Simoneta Vicente

simoneta.vicente@sol.pt

Sónia Graça

sonia.graca@sol.pt

Muitas universidades, tribunais e até professores de Português ainda não adoptaram o novo Acordo Ortográfico. O período de transição, de seis anos, terminou no dia 13.

Nos exames nacionais que estão à porta, escrever com a antiga grafia será considerado um erro ortográfico, com direito a penalizações. A novidade será mais uma consequência da implementação do acordo ortográfico (AO) de 1990, cujo período de transição de seis anos terminou esta quarta-feira. O SOL foi saber como correu o processo de adaptação à nova grafia e constatou que a regra continua a ter muitas excepções. Há universidades, editoras, jornais e juizes que não seguem o AO. E até professores de Português do ensino básico e secundário que recusam ensinar a nova grafia, como foi estabelecido pelo Governo no ano lectivo de 2011/2012.

Os opositores do AO prosseguem a sua batalha nos tribunais e acreditam que o processo ainda pode ser travado pelo Supremo Tribunal Administrativo, onde deu entrada uma acção no final do ano passado. Além de criticarem algumas regras, garantem que a implementação está a correr mal. Há quem ponha até em causa o fim do período de transição, atirando-o para Setembro de 2016, seis anos após a publicação em *Diário da República* da ratificação da decisão pela Assembleia da República. Nesse mesmo ano, o Conselho de Ministros aprovou uma resolução que impôs a adopção do acordo em toda a administração pública a partir de Janeiro de 2012.

FIM DA DUPLA GRAFIA NAS ESCOLAS

Nas escolas, o acordo aplicou-se há três anos e a sua implicação nos exames nacionais tem decorrido de forma gradual, começando pelo 6.º ano de escolaridade, em 2014. Este ano, a regra terá conse-

quências na vida de muitos milhares de estudantes, pois a dupla grafia não será permitida nas provas dos 4.º, 9.º, 11.º e 12.º anos.

Segundo explicou ao SOL o Instituto de Avaliação Educativa, cada erro ortográfico será penalizado com um ponto (em 200) e, no máximo, os alunos podem ser penalizados pelos seus erros ortográficos (nos quais se incluem os eventualmente decorrentes do uso da antiga grafia) em quatro valores (40 pontos).

Ana Mendes da Silva, professora de Português, diz que isto terá



«impactos muito negativos nas notas dos exames e, consequentemente, na entrada dos alunos na faculdade». A docente, que integra a direcção da recém-criada Associação Nacional de Professores de Português (Anproport), afirma que «há um caos ortográfico nas escolas porque os alunos não aprendem só com o que ouvem na sala de aula mas também, por exemplo, na televisão». Ana Mendes da Silva diz que «não há um modelo instituído»

«Os próprios professores não têm noção das regras do Acordo», critica uma docente

e que «os próprios professores não têm a noção das regras do acordo, tendo em conta todas as suas facultatividades».

A docente explica que, «na cabeça dos alunos, o acordo faz cair os 'c' e 'p'». «E eu nem lhes consigo explicar que não é bem assim porque a regra não é clara». Na prática, acrescenta, «multiplicam-se os erros: como as palavras 'fato' (em vez de facto) ou 'contato' (em vez de contacto)».

No final de Abril, a Anproport pediu ao ministro da Educação que autorizasse a dupla grafia nos exames deste ano. «A definição deste calendário partiu do pressuposto de que o acordo estaria consolidado e isso não é verdade. Os alunos estão muito desorientados», nota Ana Mendes da Silva.

Contactado pelo SOL, o gabinete de Nuno Crato afasta essa possibilidade e diz que «não tem conhecimento de constrangimentos decorrentes da aplicação do acordo ortográfico ao sistema educativo português ou da sua implementação nos manuais escolares em uso no mesmo». Também a Associação de Professores de Português nega a existência de qualquer problema: segundo a presidente, Edviges Ferreira, «actualmente os alunos já são penalizados nos testes normais se não usarem o acordo».

UNIVERSIDADES DIVIDEM-SE

São muitas as faculdades de Lisboa que não têm uma posição assumida sobre se os professores e estudantes devem ou não usar o novo acordo em testes, trabalhos académicos e até teses de mestrado e doutoramento, pelo que ambas as formas de escrita são aceites. É o que acontece na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em que não existe qualquer tipo de obrigatoriedade. «No próprio site oficial da faculdade pode-se ler textos redigidos na nova

grafia e outros com a antiga porque ainda estamos num período de adaptação», disse ao SOL Antónia Coutinho, professora desta faculdade, doutorada na área da linguística, explicando: «Eu não descontro mas chamo à atenção, sobretudo aos alunos que frequentam o mestrado de ensino porque mais tarde poderão ser colocados em escolas onde tenham de ensinar os alunos com o AO».

A especialista em linguística lembra que as alterações não são assim tão significativas e considera até que as «resistências à aplicação do acordo estão a aumentar a instabilidade». E acrescenta: «Não se mata a língua pela ortografia – e é interessante como algumas das formas estão mais próximas da ortografia de Eça de Queiroz, pelo que é uma ortografia convencional».

Mas nem todas as instituições do ensino superior permitem am-



bas as grafias. Ao contrário das universidades de Lisboa e Coimbra, as do Porto, Minho, Algarve e Madeira impõem aos alunos o uso do AO. «Estas universidades têm ordens para descontar erros de ortografia nos testes, trabalhos e teses», explicou ao SOL o constitucionalista Ivo Miguel Barroso, um dos principais opositores ao AO.

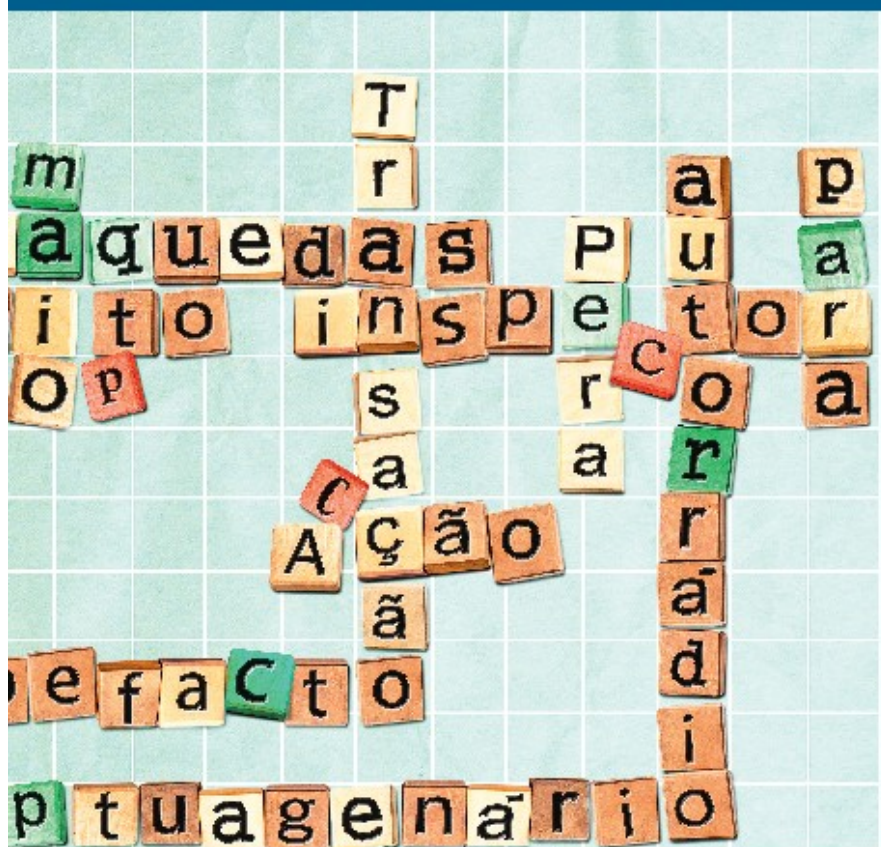
TRIBUNAIS RECLAMAM SOBERANIA

Todas as polícias já adoptaram o acordo ortográfico. Na Polícia Judiciária, as comunicações oficiais seguem as novas regras, tal como estipula uma ordem de serviço as-

sinada pelo director nacional em Janeiro de 2011. Desde essa altura, os correctores ortográficos instalados nos computadores da instituição foram adaptados de forma a permitir a conversão automática da escrita. «Muitos não concordam, mas não há alternativa», disse ao SOL um inspector, acrescentando, porém, que ainda continua a escrever 'inspector' e não 'inspetor'.

Na PSP e na GNR, o processo foi idêntico. Em 2011, a GNR difundiu instruções a todo o efectivo para aplicar o acordo a partir de 2012: foram instaladas nos computadores aplicações para que a correcção dos documentos (electrónicos) fosse automaticamente





feita de acordo com o acordo e foi distribuído um 'Guia para a Nova Ortografia'. Na PSP, os agentes tiveram inclusive acesso a cursos ministrados através da plataforma *e-learning* da instituição.

Nos tribunais, contudo, o cenário é diferente. A maioria dos juizes e procuradores continua a redigir acórdãos e despachos à moda antiga. Ao *SOL*, fonte oficial do Conselho Superior da Magistratura explicou: «**A determinação vigente refere-se apenas aos serviços da administração pública, não aos tribunais enquanto órgãos de soberania**». E isso só mudará quando «**for determinado legalmente**».

Em Abril de 2012, o CSM aprovou uma deliberação segundo a qual «não pode indicar aos juizes a forma em que as peças (processuais) deverão ser publicadas, sendo que as mesmas devem ser publicadas conforme forem elaboradas». Exemplos não faltam. O presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Henrique Gaspar, tem redigido todos

os discursos de acordo com a grafia antiga – à semelhança de outros conselheiros, como Souto Moura, que analisou em Dezembro passado o terceiro *habeas corpus* visando a libertação de José Sócrates, e Santos Cabral, que decidiu em Março o último pedido desta natureza, apresentado pela defesa do ex-primeiro-ministro.

Já os juizes do Tribunal Constitucional e do Tribunal de Contas redigem os acórdãos segundo as novas regras.

No Ministério Público, as resistências à mudança também persistem. «A generalidade dos operadores judiciários escreve de acordo com as regras antigas», atesta António Ventinhas, presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, admitindo que ele próprio ainda não se converteu: «Não tenho posição sobre o assunto, mas não é fácil alterar a maneira de escrever de um dia para o outro». Há, no entanto, vários departamentos que já se adaptaram, caso do Departamento Central de In-

investigação e Ação Penal, cujo diretor, Amadeu Guerra, elaborou recentemente o relatório de atividades de 2014 de acordo com os novos princípios. Ao *SOL*, fonte oficial da Procuradoria-Geral da República não esclareceu se Joana Marques Vidal já adotou AO, dizendo apenas que não foi emitida qualquer orientação sobre o assunto. Mas o recém-lançado Portal do Ministério Público já segue a nova grafia.

De resto, todos os documentos oficiais do Governo, incluindo decretos e leis publicados em *Diário da República*, já estão de acordo com a nova grafia. O próprio Relatório Anual de Segurança Interna foi redigido segundo o AO. E no Parlamento todos os computadores foram adaptados para permitir a conversão automática.

EDITORAS ADAPTAM CLÁSSICOS E MANUAIS

Os grupos Porto Editora e Leya começaram por publicar com o novo acordo ortográfico, aplican-

do-o principalmente nos manuais escolares, em 2011, data imposta pelo Ministério da Educação. De forma geral, a mesma atitude foi tomada noutro tipo de edições: grandes clássicos da literatura portuguesa – como as obras de Eça de Queirós ou de José Saramago, por exemplo –, literatura traduzida, autores brasileiros e de países africanos de língua oficial portuguesa, uma vez que o objectivo do acordo é unificar e padronizar a língua.

Mas as editoras abrem excepções quando um autor prefere publicar a sua obra na grafia antiga. No que diz respeito aos clássicos literários, a Editorial Presença refere que a publicação com a nova grafia depende da preferência do leitor e se são lidos num contexto escolar: «Em alguns casos, adoptamos o AO porque os livros são objecto de estudo nas escolas. Nos outros casos, tentámos manter o antigo acordo até porque a maior parte dos leitores que compra estas obras revela preferência e vontade de ler obras clássicas escritas segundo a grafia pré-acordo de forma a não desvirtuar a vontade final do autor», disse Francisco Pinto Espadinha, administrador da Editorial Presença.

**JORNAIS E TELEVISÕES
CONVERTEM-SE**

A esmagadora maioria dos *media* já escreve com a nova grafia. É o caso da agência noticiosa *Lusa* e dos grupos *Global Media* (*JN*, *DN*, *Jogo* e *DN Madeira*), *Cofina* (*CM* e *Record*) e *Impresa* (*Visão*, *SIC* e *Expresso*). Mas alguns dos seus cronistas – como Miguel Sousa Tavares, no *Expresso*, e João Cé-



sar das Neves, no DN – preferem continuar a escrever de acordo com a antiga grafia. Também a RTP e a TVI seguem este exemplo, assim como o diário online *Observador*.

São seis os títulos de expansão nacional que continuam a escrever com a grafia antiga: *SOL*, *i*, *Público*, revista *Sábado*, *Jornal de Negócios* e *Diário Económico*.

'É possível voltar atrás'

Contestatórios do AO dizem que este é inconstitucional e contestam prazo de transição.

Muitos activistas põem em causa a natureza do AQ, apontando-lhe várias fragilidades e questionando a data em que termina verdadeiramente o período de adaptação à nova grafia. «Só a partir de Setembro de 2010 é que o referendo foi publicado em *Diário da República*, o que significa que o prazo de seis anos que foi estabelecido termina apenas em 2016, e não a 13 de Maio deste ano», disse ao *SOL* Ivo Miguel Barroso, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

No ano passado, o constitucionista chegou a avançar com uma ação judicial popular contra a aplicação do Acordo Ortográfico no ensino – subscrita pelos ex-governantes Isabel Pires de Lima, Diogo Freitas do Amaral, António Arnaut e António Bagão Félix, entre outros – que ainda não teve desfecho.

Só Angola e Moçambique não ratificaram

No conjunto dos países da CPLP, apenas Angola e Moçambique não ratificaram a aplicação do AO, o que para o docente é um factor que pode permitir voltar atrás: «Acho que ainda é reversível pois, além de não ter sido ratificado por todos os países, o AO está muito mal feito», critica.

A sua aplicação, defende, é inconstitucional: «Tem inúmeras fragilidades. «Electrónica e electrotecnia» pode ser escrito de formas diferentes sem violar o AO, o que contraria o próprio conceito de ortografia». E dá um exemplo: «Por vezes, o AO escolhe as formas que se usam menos no Brasil. Na maior parte do território português diz-se 'perspectiva', mas com o acordo deve escrever-se 'prespetiva', pelo que estamos a afastar-nos do próprio português praticado no Brasil».

S.V.

Anexo 12 – Plano de Edição (nº 499 de 26 de março de 2016) feito pela editora do jornal (Ana Paula Azevedo).

<p><u>Carro</u> 199 26/3</p>	<p><u>JAS</u></p>	<p><u>PUB</u></p>	<p><u>Foto</u> Angolanos foto do BEP (JAN) Junto aos Santos Nuno Afonso e parBEP</p>	<p><u>Foto</u> Carro foto do BEP (JAN) (Junto aos Santos)</p>
<p>1. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>2. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>3. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>4. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>5. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>6. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>7. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>8. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>9. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>10. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>11. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>12. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>13. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>14. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>15. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>16. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>17. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>18. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>19. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>20. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>21. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>22. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>23. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>24. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>25. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>26. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>27. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>28. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>29. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>30. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>31. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>32. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>33. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>34. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>35. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>36. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>37. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>38. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>39. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>40. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>41. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>42. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>43. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>44. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>45. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>46. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>47. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>48. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>49. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>50. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>51. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>52. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>53. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>54. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>55. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>56. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>57. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>58. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>59. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>60. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>61. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>62. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>63. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>64. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>65. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>66. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>67. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>68. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>69. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>70. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>71. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>72. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>73. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>74. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>75. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>76. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>77. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>78. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>79. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>80. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>81. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>82. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>83. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>84. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>85. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>86. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>87. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>88. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>89. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>90. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>91. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>92. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>93. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>94. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>95. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>
<p>96. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>97. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>98. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>99. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>	<p>100. ANGOLA - 199 PORTUGAL</p>

<p>S</p> <p>5</p> <p>5</p>	<p>• Pôrto Alegre</p> <p>• Henrique</p> <p>NOTO</p> <p>(João</p> <p>Problema)</p>	<p>PUB</p>	<p><u>Alfama</u></p> <p>PSD</p> <p>O que p... ..</p> <p>com... ..</p> <p>(RR/LC)</p>	<p>Barros</p> <p>Nova</p> <p>Alfama</p> <p>Fony</p> <p>Alfama</p> <p>Alfama</p>
<p>Pôr do Sol</p> <p>para tavares</p> <p>(MAN)</p>	<p>S</p> <p>V</p> <p>R</p>	<p>Fares</p>	<p>Cocktail</p>	<p><u>Sucesso</u></p> <p>Estimulando</p> <p>com... ..</p> <p>cada vez</p> <p>mais... ..</p> <p>15h (Marta C.)</p>
<p>obtidos</p> <p>Simetria</p> <p>Junior</p>	<p><u>Opinião</u></p> <p>Artigos 70 e 71</p> <p>(MAN)</p>	<p><u>Guilherme</u></p> <p>de O. Martins</p> <p>(JCS)</p>	<p><u>Cultura</u></p> <p>15h</p> <p>Opinião</p>	
<p>Diminui</p> <p>Alfama</p> <p>15h</p>	<p>Med... ..</p> <p>Alfama</p> <p>Costa</p> <p>15h</p>	<p><u>Desporto</u></p> <p>15h</p>	<p><u>Int... ..</u></p>	
<p><u>Brasil</u> - Carlos Santos</p> <p>Alfama</p> <p>e... ..</p> <p>2 fotos</p> <p>1 Texto</p>	<p>Lourenço</p> <p>de</p> <p>Porto Alegre</p>	<p><u>PUB</u></p>	<p><u>Internacional</u></p> <p>Buxela</p> <p>(C... ..</p> <p>la... ..</p> <p>até p. 58)</p> <p>20h</p>	<p>25-40-15h</p> <p>41-52</p> <p>13-24 } 15h</p> <p>O resto - 20h</p>

Anexo 13 – “Cozinha com Sotaque”, publicado na *Caju*, a 10 de abril de 2015, página 32 e 33.

COMER FORA



O ESPAÇO oferece duas salas de refeições em espaço fechado e áreas /varagem exterior

Cozinha com sotaque

Às portas do embarque para a Ilha do Mussulo, o Embarcad'Ouro tem nos sabores da costa angolana um dos pratos fortes e no tempero português de Jacinta Peixoto um ingrediente de referência. Fomos conhecer o espaço e ouvir a opinião de um cliente especial

Texto de Paula Cardoso Fotografias de Leandro de Almeida

A tia Jacinta está? Entre o sim e o não a esta pergunta, que se tornou o prato do dia junto dos clientes mais fiéis do Embarcad'Ouro, encontra-se um dos cartões-de-visita do restaurante: a chefe de cozinha. Há seis anos à frente das receitas, servidas numa sala principal para cerca de 80 pessoas, e, em ocasiões especiais, também numa sala de apoio – a D'Vino, com capacidade para 50 clientes

–, Jacinta Peixoto já tem a popularidade reconhecida na ementa.

Além de dar o nome a uma das atrações do espaço – «O famoso pão-de-ló da Jace», conforme apregoa o menu – a tia do Embarcad'Ouro, oriunda do Norte de Portugal, assina um dos bifes da carta.

Temperado com alho, molho de manteiga e vinho, e também com um toque de gambas, o bife à Jace reforça a oferta

de pratos de carne, dominada pela vaca, mas onde o porco, o pato e o borrego também se destacam como opções.

A existência de alternativas aos peixes e mariscos não retira protagonismo aos sabores do mar que, desde o *couvert* e entradas até aos pratos principais, são um dos ex-libris da casa.

Comida 100% caseira

Para começar, a salada de lagosta com sabor da costa angolana tornou-se um dos pedidos de eleição para aguçar o apetite, que se pode continuar a saciar com outras combinações de lagosta, numa ementa onde o cherne e o bacalhau também merecem destaque. «Por causa dos clientes, passámos a ter filetes de pescada com arroz de feijão», conta Jacinta Peixoto, destacando uma das imagens de marca do ne-



EMBARCAD'OURO

MORADA: Embarcadouro
do Mussulo, Kepossoca
- Futundo de Baia, Luanda Sul
TELEFONE: 929 889 148
ABERTO: das 12h30
às 15h30 e das 19h30 às 23h
Aos domingos só servem
almoços das 12h30 às 17h



A COZINHEIRA Zélia, discípula da chefe Tia Jacinta, que dá a cara pelos clientes, mas prefere manter-se fora das revistas

gício: «A nossa comida é 100% caseira».

Com preços médios de 4.500 Kz por prato e inúmeras propostas de refeição – que podem ser ajustadas à medida de necessidades particulares, nomeadamente dietéticas –, o Embarcad'Ouro oferece ainda alternativas para eventos. «É rara a sexta-feira em que não temos marcação», nota a chefe de cozinha, de menu aberto para uma série de combinações especiais que, por cabeça, custam entre 16 mil e 28 mil Kwanzas.

O espaço oferece um 'tempero' intransmissível: Jacinta Peixoto: «Nenhum prato vai para a mesa sem que eu aprove», garante a chefe de cozinha

«Depende do número de pratos, da quantidade de sobremesas e do tipo de bebidas», explica Jacinta, acrescentando que as escolhas, servidas sempre em regime de *buffet*, têm como 'guião' a

ementa do restaurante.

Para a celebração de eventos pessoais como casamentos e aniversários, ou para comemorações institucionais, o espaço oferece, além das duas salas de refeições, em espaço fechado, áreas *lounge* no exterior e um 'tempero' intransmissível: Jacinta Peixoto. «Nenhum prato vai para a mesa sem que eu aprove», garante a chefe, sempre com a mão e o olho na receita. À moda de Jace, para o gosto do cliente. •

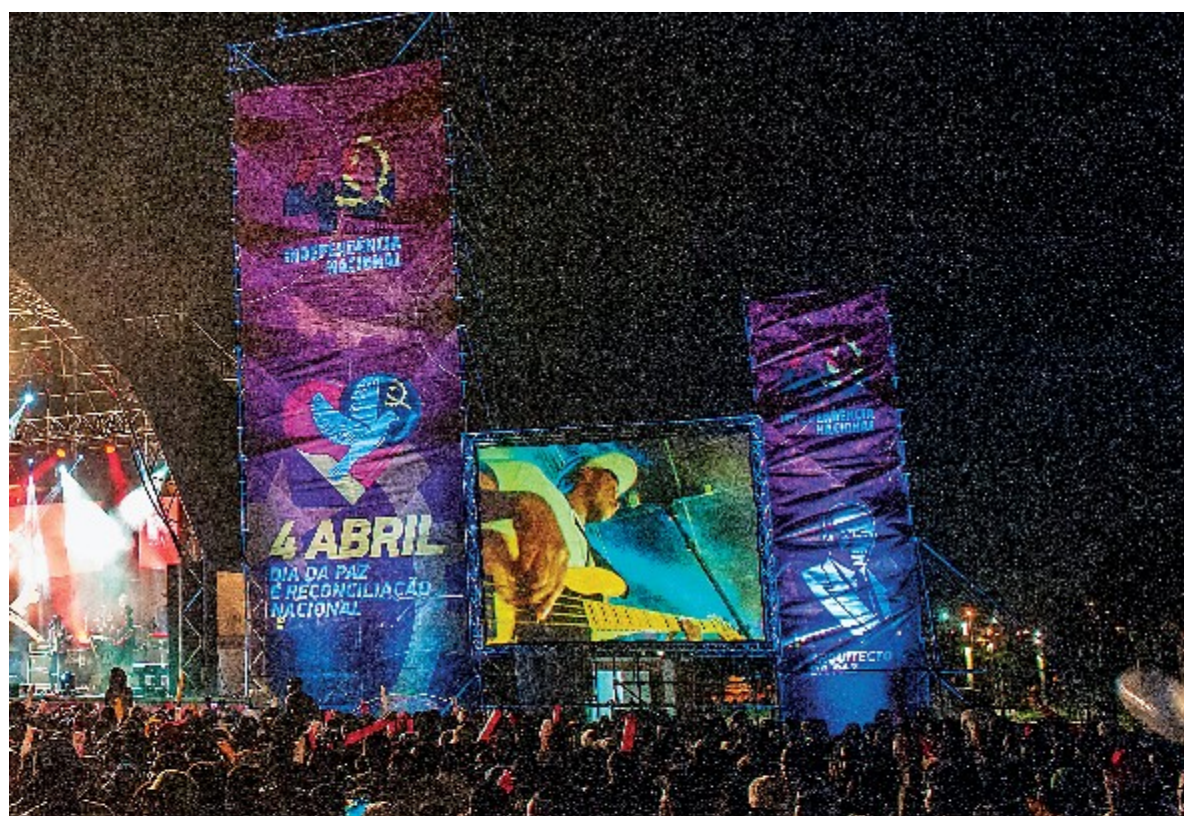
Anexo 14 – Portefólio “A Festa da Paz, de Cabinda a Luanda” publicado na *Caju*, a 10 de abril de 2015 (3 de 6 páginas)



A FESTA DA PAZ, DE

Primeiro no Dream Space, com um cortejo de artistas nacionais e internacionais que levou o público ao delírio. Depois na Baía de Luanda, onde mais de 85 mil pessoas celebraram ao som de músicos consagrados, como Eduardo Paim. Por fim em Cabinda, na festa da discoteca Pôr-do-sol, no último fim-de-semana - marcado pela celebração do Dia da Paz - todos os programas dançaram-se ao ritmo da reconciliação





CABINDA A LUANDA

[Texto de José Maurício e Paula Cardoso e Fotografias de Leandro de Almeida e Belike]





AS BATIDAS dos sul-africanos Black Motion e Boucle, esta última aclamada como a rainha do *house*, soaram mais alto na programação do Dia da Paz do Dream Space, recheada de nomes sonantes do *showbiz* nacional e internacional. Num desfile de astros igualmente marcado pelas actuações dos angolanos Coréon Dó e Paul G, a véspera do feriado de 4 de Abril - este ano a coincidir com as comemorações religiosas da Semana Santa - lançou o mote para um fim-de-semana de arromba.

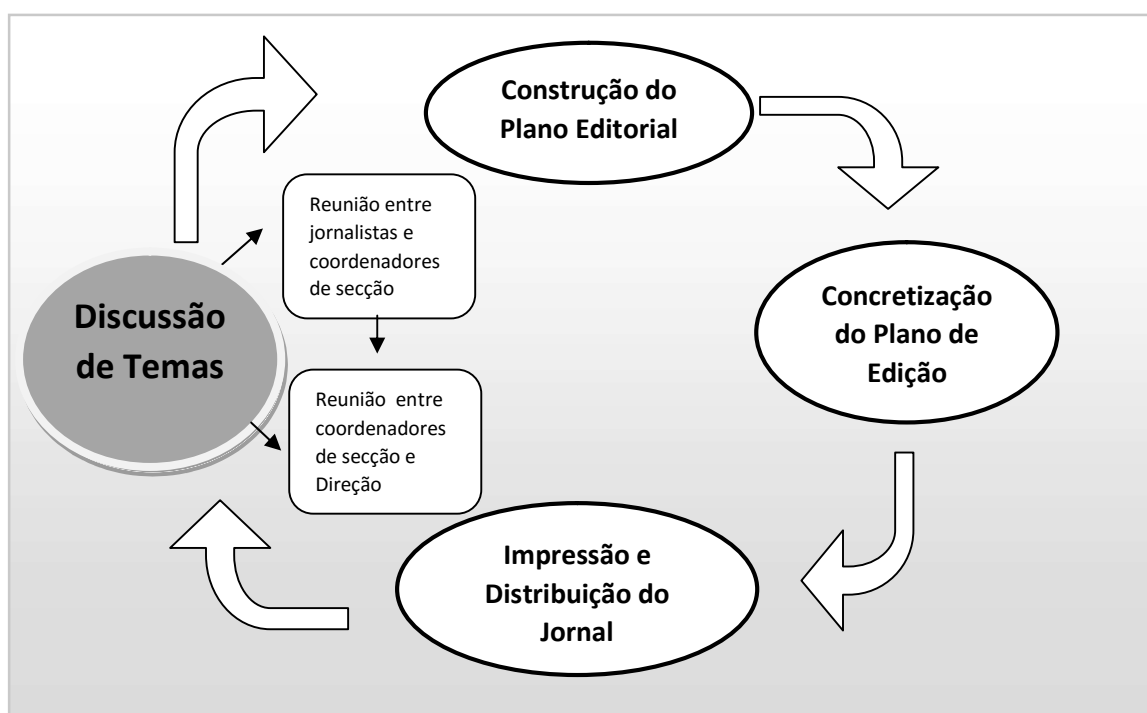
A festa teve na Baía de Luanda o principal palco de celebração, com a 4.ª edição do Festival da Paz a atingir recordes de participação: mais de 85 mil espectadores. Lembrando que «a Paz é uma construção diária», a organização, afectada ao programa do Executivo Amo Angola - para promoção da marca angolana dentro e fora de portas -, destacou a importância da união e da reconciliação nacional para o desenvolvimento nacional. A mensagem de unidade também soou em Cabinda, onde mais de 200 pessoas lotaram a discoteca ▶



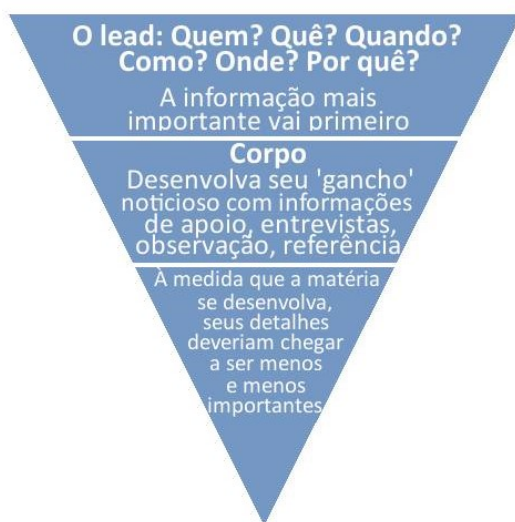
Anexo 15 – Os dias de fecho no *Sol*

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
Fecho <i>Caju</i>	Fecho <i>Tabu</i>	Fecho Jornal Angola	Fecho Jornal Portugal	Preparação da edição seguinte

Anexo 16 – O ritmo de edição no *Sol*



Anexo 17 – Esquema da pirâmide invertida proposto por Guilherme Franco em “Como escrever para a Web”, citado por Helton Costa em “O que temos hoje: pirâmide invertida no jornalismo”.



Furtos diminuem no Bairro Alto com câmaras de vigilância

Simoneta Vicente
simoneta.vicente@sol.pt

Furtos e roubos caíram entre 20 a 30%, ao fim de um ano de funcionamento da videovigilância. Mas os moradores não sentem a diferença.

Quase um ano depois de terem entrado em funcionamento as câmaras de vigilância instaladas no Bairro Alto, em Lisboa, verifica-se que os crimes de furto diminuíram cerca de 30%.

Os dados enviados ao SOL pelo comando Metropolitano de Lisboa (COMETLIS) da PSP indicam também uma descida de 23% nos roubos por esticação. Mas, de forma geral, segundo esta Polícia, o número de ocorrências criminais «tem sofrido um decréscimo durante o período de Maio de 2014 a Janeiro de 2015».

Moradores não sentem grandes diferenças

Apesar disso, os moradores dizem não sentir a diferença – e muitos nem sequer sabiam que o sistema de videovigilância está a funcionar.

Regina Nogueira é uma delas: mora no histórico bairro lisboeta há quatro anos e estava convencida de que as câmaras aí instaladas «nunca estiveram ligadas até hoje». Regina critica a forma como as câmaras estão distribuídas, uma vez que a zona onde mora não é vigiada e, por isso, «há mais oportunidade para fazer crimes», defende. «À uma da manhã, já não me sinto segura na rua».

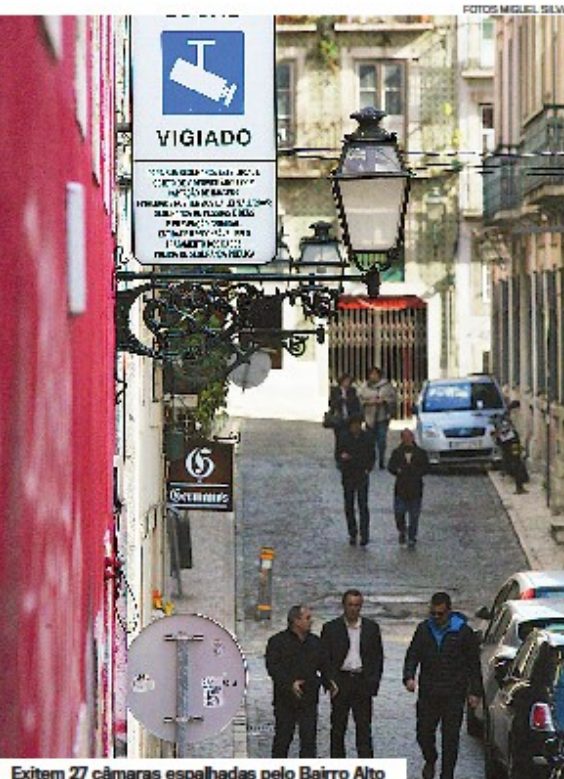
Segundo Luís Paisana, presidente da associação de moradores do Bairro Alto, o facto de as câmaras só terem entrado em funcionamento um ano depois de serem instaladas fez com que muitos dos moradores não tenham sequer a certeza que as câmaras de vigilância se encontram activas. «O sistema já está

activo, mas como esteve um ano e tal para entrar em funcionamento, devido a um conflito entre a CML e a PSP, criou-se a ideia de que, de facto, nunca iriam ser ligadas», disse ao SOL.

«Para mim, não trouxe solução absolutamente nenhuma. E gastaram 300 mil euros – não é brincadeira!», diz ao SOL Arménio, morador e comerciante do Bairro Alto. Não costuma ver situações de crime à sua porta. O único problema que sente prende-se com as paredes do seu estabelecimento, frequentemente vandalizadas por tags grafitados – um dos problemas deste bairro histórico de Lisboa e que vai sendo solucionado pelos próprios moradores. «Eles comigo não se safam. Eu antigamente tinha aí uma lata de 20 kg de tinta e pintava por cima, mas agora adoptei outro sistema: metade é cal branca. A tinta ainda pega, mas depois é só raspar e sai», explica.

Os residentes e os comerciantes não negam que o sistema de vigilância tem a vantagem de ser dissuasor, até porque a maior parte das pessoas não sabe onde estão as câmaras, o que pode retraindo comportamentos mais agressivos.

Hilário Castro, representante dos comerciantes do Bairro Alto, diz ao SOL que o sistema de vigilância «é sempre uma mais-valia e conforto para lojistas



Existem 27 câmaras espalhadas pelo Bairro Alto

e turistas, desde que tenha alguma utilidade», mas que, de facto, «o seu efeito dissuasor não está a ser sentido». E aponta a venda de substâncias estu-

pefacientes nas zonas de maior concentração de pessoas como a maior preocupação dos comerciantes: «A fiscalização feita pelos polícias muitas vezes não dá em nada porque os ‘traficantes’ não estão a vender droga, mas folhas de louro prensado».

O SOL tentou apurar se o sistema – constituído por 27 câmaras de vigilância, operadas pela PSP entre as 18h e as 7h, já auxiliou na identificação de agressores e traficantes de droga. A PSP respondeu apenas: «Existem inquéritos a decorrer, contudo não nos é possível saber os resultados dos mesmos».

Os moradores dizem continuar a ser «os mais penaliza-

dos» com os problemas de ruído até altas horas da madrugada, «devido aos utentes que, mesmo após o horário de fecho dos bares, permanecem na rua aos gritos, ou a partir garrafas», explica Luís Paisana. Ao ruído, acrescem a falta de higiene das ruas, que ficam cheias de lixo e urina, problemas antigos que têm sido denunciados à Câmara Municipal de Lisboa (CML). «A Junta de Freguesia da Misericórdia gasta, só para limpeza, mais de um milhão de euros – um terço do seu orçamento –, o que mesmo assim não resolve o problema», diz.

Contudo, o problema-base é «o consumo e venda de álcool na via pública». «É a partir daí que vêm os excessos, como as rixas e assaltos, que embora não sejam muito frequentes, vão acontecendo», frisa Luís Paisana, lembrando que este problema tende a alastrar-se a outras zonas, centrais da cidade, como «Cais do Sodré, Santos e Arco do Cego».

Sistema de vigilância poderá ser alargado

O Cais do Sodré é outra zona onde a vida nocturna e edifícios de habitação coexistem, pelo que os grandes ajuntamentos de pessoas na rua, à noite, apresentam consequências semelhantes ao nível da higiene urbana, da ocupação do espaço público, do ruído e da segurança.

Desta forma, a Junta de Freguesia da Misericórdia solicitou à CML o alargamento da «instalação do sistema de videovigilância a outras áreas da freguesia, nomeadamente o Cais do Sodré e a zona do Miradouro de Santa Catarina», disse ao SOL a presidente, Carla Madeira. A autarquia confirmou, porém, que o sistema de videovigilância será alargado apenas ao Cais do Sodré, não existindo de momento previsões de quando e quantas câmaras serão instaladas.



Sociedade

VIOLÊNCIA ENTRE JOVENS SEM PERDÃO

Catarina Guerreiro
caterina.guerreiro@sol.pt

Cinco jovens foram acusados de tentativa de homicídio de um rapaz, que espancaram após um jogo de rãguebi em Cascais. Peritos admitem que decisão pode ser exemplar para combater as agressões entre grupos de classe alta.

O Ministério Público acusou cinco jovens, de ‘boas famílias’ de Cascais de tentativa de homicídio de um miúdo de 18 anos, de um grupo rival de Lisboa. Em causa está uma agressão, quase fatal, ocorrida em janeiro de 2014, após um jogo de rãguebi no Dramático de Cascais. E que, na altura, desmascarou um fenómeno recente e escondido: a violência extrema e gratuita entre jovens de classe alta.

Segundo a acusação do Departamento de Investigação e Ação Penal (DIAP) de Cascais, a que o SOL teve acesso, os arguidos – entre os 18 e os 22 anos, alguns familiares de magistrados – «quiseram de comum acordo» matar a vítima por uma «inimicizia».

O despacho do DIAP sustenta que os arguidos agiram «imbuidos de intolerância e mesquinhaz, determinados a molestar

gravemente o assistente e a tirar-lhe a vida» apenas por um amigo seu ter tido desavenças no Algarve e na Discoteca Urban, em Lisboa, com um dos jovens do grupo agressor.

Os cinco foram agora acusados (14 de setembro), em «co-autoria material», de um «crime de homicídio qualificado, na forma tentada», podendo ser condenados a penas de prisão superiores a três anos. A defesa dos arguidos – que estão em liberdade – pode requerer a abertura de instrução ou optar por seguir já para julgamento.

Socos e pontapés

A rivalidade entre estes grupos de miúdos de classe alta, de Lisboa e de Cascais, existia já há algum tempo e costumava originar cenas de pancadaria.

Naquela tarde de 11 de janeiro de 2014 a situação foi ao limite. No fim do jogo de rãguebi entre a equi-

pas do Grupo Dramático e Sportivo de Cascais e a do Grupo Desportivo do Direito, a vítima, então com 17 anos, e um amigo dirigiram-se para o parque de estacionamento. Quando se encontravam na rampa para a saída, foram abordados por dois dos jovens arguidos – que são primos e pertencem a uma família de magistrados, incluindo uma procuradora da República do círculo de Cascais.

Um deles perguntou à vítima se se lembrava da sua cara e, antes de ainda de qualquer resposta, deu-lhe um soco no ouvido direito, o

que o fez cair no chão. Enquanto isso, o seu primo batia no outro rapaz – que conseguiu fugir para pedir ajuda.

Ficaram então os três sozinhos: a vítima deitada no chão e os dois arguidos que, sem parar, continuaram a dar-lhe socos e pontapés no tronco e na cabeça. Chegou entretanto um terceiro elemento do grupo de Cascais que, ao ver que o jovem estava a ser agredido pelos amigos, decidiu também agredi-lo com o capacete da moto. Ao mesmo tempo que se sucediam vários socos e pontapés na cabeça e na face

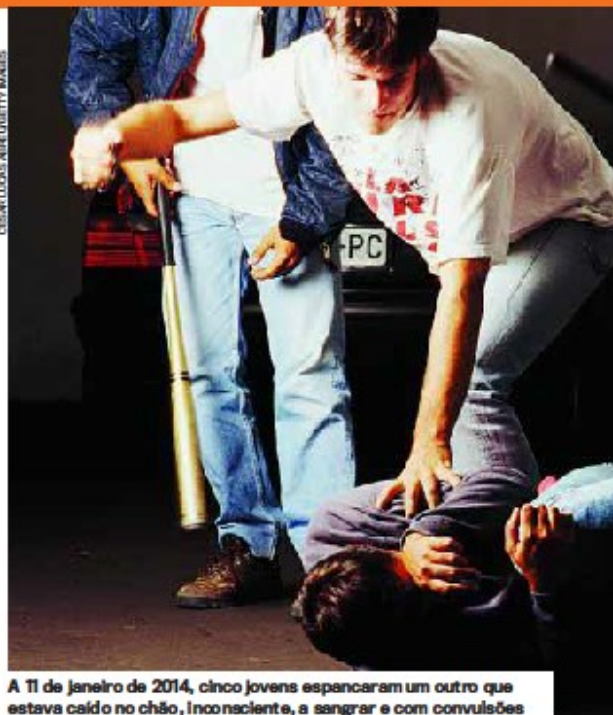
do adolescente, surgiram mais dois elementos do grupo que começaram também a dar-lhe pontapés. No chão, inconsciente, o jovem sangrava abundantemente e tinha convulsões. O ataque só parou quando apareceram mais pessoas, nomeadamente duas amigas da vítima, uma delas neta do fadista Carlos do Carmo e do advogado Vieira de Almeida, que o tentaram proteger.

Mas as agressões já tinham sido tantas que as consequências foram graves: a vítima sofreu lesões neuropsicológicas e psiquiátricas graves, sustentadas em relatórios médicos.

Acusação ‘inédita’

Tânia Homos, psicóloga clínica do serviço de psiquiatria do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, que tem seguido vários jovens com traumas resultantes de agressões físicas e psicológicas, garante que esta acusação é importante por mostrar que os atos podem ter consequências.

«É inédito», diz, explicando que em regra, quando se trata de «filhos de gente importante, não acontece nada». A psicóloga, e também profissional acreditada de coaching, recorda, aliás, um caso recente que testemunhou. Quando foi à escola de uma criança que estava a seguir e que

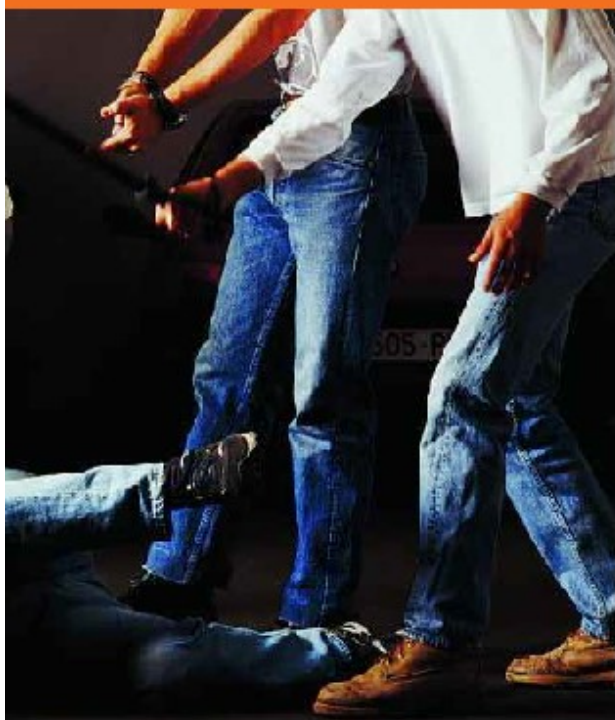


A 11 de janeiro de 2014, cinco jovens espancaram um outro que estava caído no chão, inconsciente, a sangrar e com convulsões

Agressores identificados

O Ministério Público de Sesimbra já identificou três jovens que espancaram brutalmente João, um jovem estudante do Instituto Superior Técnico, em Lisboa, que tinha ido passar o fim do ano naquela vila, com um grupo de jovens de ‘boas famílias’ da capital. Para identificar os agressores, as autoridades contaram com a ajuda das imagens registadas pela câmara de vídeo do hall do hotel onde João foi agredido na madrugada de 1 de janeiro de 2014. As investigações à quebra por tentativa de homicídio ainda decorrem, estando a acusação prevista para breve, apurou o SOL. Mas João será, entretanto, chamado para fazer a identificação dos suspeitos. Por encontrar ficou a arma branca com a qual o jovem foi esfaqueado na cara e no pescoço.

J.F.C.



era vítima de *bullying*, a diretora do estabelecimento disse-lhe que era preciso ter cuidado porque as famílias dos supostos agressores eram «muito influentes».

Também João Lázaro, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), considera que estas decisões são de extrema importância porque «incentivam as vítimas, que sofrem caladas, a denunciar as situações». Sem comentar este caso específico, que não conhece com detalhe, o responsável da APAV sublinha, no entanto, o papel que pode ter: «Em certas contextos, os códigos de silêncio são a regra de ouro e por isso, quando alguém leva os casos até às últimas consequências e se consegue fazer justiça, serve de exemplo para outras vítimas».

«Os pais têm de impor limites»

Pouco depois da agressão no dia do jogo de rãguebi, o técnico de acompanhamento Manuel Matias, amigo da família da vítima, tentou «fazer a mediação entre os dois grupos rivais».

«Falei com os jovens envolvidos, incluindo a vítima, os agressores e as testemunhas», contou ao SOL, admitindo ter ficado perturbado com aquilo a que assistiu. «Quando perguntei a alguns agressores porque tinham bati-

do daquela maneira no jovem, disseram-me que não sabiam porque agiram assim. Responderam-me coisas do género 'não sei, não pensei nisso'», conta o terapeuta, que acabou por não dar seguimento a este trabalho de mediador por o caso ter, entretanto, seguido pelas vias judiciais.

Para Manuel Matias não há, porém, dúvida de que a violência entre este tipo de jovens está a registar maior agressividade, estando muitas vezes «associado ao consumo de álcool». Além disso, nota, há falta de projetos de vida, o que resulta muitas vezes do facto de hoje em dia se ter experiências precoces a nível da sexualidade e da criminalidade. Solução? «Os pais têm de estar presentes e impor limites», aconselha Manuel Matias.

Tânia Homos concorda. «A fórmula para acabar com esta violência é os jovens terem afetos, mas também regras, coerência e limites», diz, considerando ser urgente acabar com uma certa atitude de ultraprotetora dos pais. «Hoje em dia, quando uma mãe é chamada à escola porque uma professora ralhou ao filho, é costume pensar: 'Mas quem éla para fazer isso ao meu filho?'».

O SOL tentou contactar a vítima e a sua família, que não quiseram falar.

Homicida de Salvaterra fez cura de sono na prisão

Joana Ferreira da Costa

joana.f.costa@sol.pt

Daniel Neves, de 18 anos, está detido preventivamente há cinco meses pela morte de Filipe de 14. Apartamento do crime é local de tráfico de droga.

Daniel Neves, o adolescente que confessou ter morto Filipe Diogo, de 14 anos, em Salvaterra de Magos, fez uma cura de sono no Estabelecimento Prisional de Leiria, onde foi detido preventivamente há cinco meses. O tratamento destinou-se a ajudar a combater a ansiedade da dependência de estupefacientes.

Aliás, tudo indica que o consumo e a venda de droga terão tido influência no crime. Segundo o SOL apurou, o apartamento onde Filipe foi morto, no 4.º andar de um prédio no centro de Salvaterra de Magos, onde o homicida já vivera, era conhecido como «o spot» por ali se traficar e consumir estas substâncias. O homicídio, que aconteceu a 11 de maio deste ano, está ainda a ser investigado, aguardando-se a qualquer momento a conclusão do relatório da autópsia.

Faz hoje 18 anos

Além de ser suspeito do brutal assassinio e de profanação de cadáver, Daniel é arguido em pelo menos outros quatro processos por furtos e assaltos, destinados a obter dinheiro para a compra de droga.

Segundo fonte próxima do jovem, nenhum destes casos chegou a julgamento. Mas é possível que o Ministério Público de Benavente possa pedir que os processos sejam julgados em conjunto, já que, além do adolescente, há outros três jovens que são arguidos em todas estas situações. «Pode ser uma solução por uma questão de economia processual, pois há arguidos e testemunhas comuns», explica aquela fonte.

Daniel faz hoje 18 anos, mas a maioridade não terá implicações na forma como será julgado. Fonte próxima da família adianta que quando cometeu os crimes, o jovem era menor, estando sujeito à

lei tutelar educativa. E também não implicará, pelo menos para já, uma mudança do estabelecimento onde o homicida está detido: a prisão-escola de Leiria, destinada a jovens até aos 21 anos.

Assaltos consecutivos

Nos assaltos, Daniel atuava com um grupo de jovens de Samora Correia, Salvaterra e Benavente entre os 14 e os 23 anos. O último furto ocorreu em dezembro de 2014, na Escola de Formação Profissional de Salvaterra, onde o adolescente estava inscrito no curso de Eletrónica. Roubou um computador portátil e deixou de aparecer na escola. Dois meses antes, tinha assaltado a casa da mãe de uma antiga namorada. A mulher apresentou queixa contra Daniel que acusa de lhe ter levado dinheiro.

Daniel é também acusado de, em dezembro de 2013, ter roubado um carro. Nesse mesmo mês, o veículo foi usado para assaltar um snack bar na região, de onde o jovem e outros arguidos levaram a máquina de tabaco e a de café. Já anteriormente o jovem tinha sido condenado por furto qualificado e tráfico de droga, tendo cumprido a medida de internamento em Benfica, no Centro

Educativo Navarro de Paiva, onde esteve 18 meses em regime semiaberto.

Avaliado por perto

Na prisão de Leiria, Daniel está a receber apoio dos psicólogos da prisão. Estará também, apurou o SOL, a ser alvo da avaliação psicológica por um especialista externo à instituição, respondendo a um pedido inicial da defesa está a avaliar a sua personalidade e capacidade para depor em tribunal. Para se manter ocupado na cadeia, o adolescente tem-se dedicado a fazer trabalhos de construção civil no estabelecimento prisional. Só no início de novembro, quando se completarem seis meses da sua prisão preventiva, Daniel saberá se continua a aguardar a acusação na prisão. Na primeira revisão da medida de coação, feita em agosto, o alarme social foi o principal motivo invocado para o manter atrás das grades, garante fonte próxima do processo.

Em Salvaterra, o crime não foi esquecido. O SOL sabe que a mãe de Daniel, que tem mais dois filhos menores, fez várias tentativas para reabrir o café O Jardim, que explorava no rés do chão do prédio onde Filipe vivia com a avó. Mas a intenção de regressar ao emprego no estabelecimento esbarrou na reação da população. Por isso, decidiu deixar o espaço, que já foi trespassado, e está agora a trabalhar na agricultura.



Daniel que hoje faz 18 anos confessou à polícia o homicídio do amigo

FOTO: J. FERREIRA DA COSTA

Conservatório encerra salas

Simoneta Vicente
simoneta.vicente@sol.pt

Câmara obriga Conservatório Nacional a fechar 10 salas por razões de segurança.

A Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa viu-se obrigada a encerrar esta semana 10 salas de aula. A decisão partiu da Câmara Municipal de Lisboa, que realizou uma vistoria às instalações, na semana passada, tendo intimado a escola a realizar obras.

Segundo o aviso publicado no sítio oficial da escola, os 900 alunos que estudam no Conservatório vão continuar a «cumprir na mesma os horários estabelecidos» e a direcção está, entretanto, a desenvolver «todos os esforços para obter da Direcção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGESTE)

uma resposta sobre a intervenção necessária».

Contactada pelo SOL, a directora Ana Mafalda Pernão disse que «o Conservatório sempre teve graves danos nas estruturas», visto tratar-se de um edifício construído no século XVII. Os problemas e os danos devem-se, principalmente, «a infiltrações», que comprometem a «consistência das paredes», que apresentam fissuras consideráveis.

Chuva nas aulas e tectos a cair

Também as janelas, o revestimento da fachada e a cobertura do tecto



Os problemas são antigos

precisam de ser renovados, estando a cair aos poucos. «Tenho alunos a fugir do tecto que lhes cai em cima», disse. Em dias de chuva, «a água entra permanentemente dentro das salas e corredores», continuou a directora da mais prestigiada escola de música do país.

Os problemas resultantes da deterioração do edifício situado no Bairro Alto já são antigos. Em Abril de 2008, o SOL noticiou que o Salão Nobre se encontrava fechado, em risco de desabamento parcial. Os balcões do espaço onde se realizam concertos e audições es-

tão sustentados por vigas metálicas há 15 anos e a última vez que recebeu obras de manutenção foi na década de 40, no século XX.

A directora garantiu ao SOL que o Ministério da Educação e da Ciência (MEC) tem pleno conhecimento da situação, mas que as sucessivas tentativas de diálogo para se arranjar uma solução ainda não obtiveram «nenhuma resposta». «Há imensos anos que andamos nisto. Promessas temos muitas», acrescenta.

Paulo Ferrero, do Fórum Cidania Lisboa, chegou a fazer uma petição pública em defesa do Salão Nobre, em 2007. «O processo tem-se arrastado ao longo dos anos e está pendente na Assembleia da República. Tem sido uma novela», explicou ao SOL.

FOX life

Empire

ESTREIA 19 FEVEREIRO
Quintas, 22.20

Um poderoso e sexy drama familiar chega à FOX Life. Lucious Lyon lidera um império musical e tem de escolher o seu sucessor. Três filhos competem pelo lugar de Rei do Hip Hop onde grandes impérios se constroem e destroem em família...

© 2015 Fox Broadcasting Company. All rights reserved.

Cultura

LITERATURA INFANTO-JUVENIL LUSÓFONA EM DEBATE

Simoneta Vicente
simoneta.vicente@sol.pt

Autores, ilustradores e editores reunidos no 1.º Encontro de Literatura Infanto-Juvenil da Lusofonia defendem a criação de uma plataforma de livre circulação de autores e livros nos países de língua portuguesa.

A fundação O Século (S. Pedro do Estoril, Lisboa) acolheu na semana passada escritores, ilustradores, editores e contadores de histórias de vários países lusófonos, reunidos no âmbito do 1.º Encontro de Literatura Infanto-Juvenil da Lusofonia.

O evento decorreu em diversos moldes, desde visitas às escolas de Cascais, Oeiras e Lisboa ao lançamento de livros e participação em debates, onde se discutiu o papel e as especificidades da literatura para crianças nos vários países da língua portuguesa.

Entre os vários participantes, estiveram presentes no penúltimo dia do encontro Ondjaki (Angola), Carmelinda Gonçalves (Cabo Verde) e Margarida Botelho (Portugal), oradores da palestra “Da tradição oral à escrita de autor na África Lusófona”. A semelhança dos restantes debates, os autores reflectiram acerca das especificidades da literatura para a infância e sobre o imaginário que, segundo José Fanha, é um aspecto literário importante a ser transmitido às crianças.

«A língua portuguesa com-

porta imaginários muito diversos, que vão da tradição oral portuguesa europeia, angolana, africana à urbana, como é a literatura do Ondjaki, por exemplo. Isto é uma riqueza muito grande. São muitas formas de olhar o mundo e, por isso, temos de fazer circular estes imaginários», frisou o comissário do encontro.

Ondjaki lançou, no último dia do evento, o seu mais recente livro para crianças (*Ombela – A origem das chuvas*), a história duma menina que inventou a chuva, a partir de lágrimas doces e salgadas), vencedor do Prémio Caxinde do Conto Infantil.

O contacto directo que este encontro promove entre autor e

Este tipo de encontro é importante porque «desmistifica a ideia do autor isolado», explica Ondjaki



Ondjaki no debate “Da tradição oral à escrita de autor na África Lusófona”

criança foi tido como um importante aspecto pelo escritor angolano. «A particularidade deste encontro é que se dedica exclusivamente à literatura infanto-juvenil. Além dos debates, leva os autores ao encontro das crianças, dos leitores. Isso é importante porque desmistifica a ideia do autor isolado», disse ao SOL.

Dialogar para resolver

Para além de promover este tipo de interacção, o encontro tinha como objectivo o diálogo como meio de identificação de problemas e soluções sentidos pelos autores lusófonos, no que diz respeito à publicação e circula-

ção das obras infanto-juvenis na lusofonia.

«Qualquer dos países tem uma literatura forte, mas eu estou preocupado com a literatura para a infância, que é um instrumento de crescimento fundamental», defendeu José Fanha.

A solução proposta passa pela criação de uma plataforma «que permita a circulação de escritores, de livros e de imaginários pelo espaço da lusofonia», de forma a solidificar a tradição literária infanto-juvenil em países com um mercado mais reduzido. A proposta vai no sentido do que foi debatido em Luanda em Janeiro no V Encontro de Escri-

tores de Língua Portuguesa, organizado pela UCCLA, e no qual José Fanha também participou.

Carmelinda Gonçalves, cujas obras são publicadas em Cabo Verde, admitiu ao SOL sentir que «existe uma barreira que este encontro consegue fazer diluir», ao permitir «conhecer editores, ilustradores e abrir portas para a literatura cabo-verdeana».

Apesar de José Fanha não ter conseguido confirmar a segunda edição do encontro, afirmou que «o sucesso deste permite pensar que é muito provável», e que, eventualmente, venha a circular por outros países lusófonos.



Seu Jorge de volta a Luanda

Cantor brasileiro é cabeça de cartaz na terceira edição do Festival Sons do Atlântico, no dia 7 de Março.

O cantor e compositor brasileiro Seu Jorge é o cabeça de cartaz da 3.ª edição do Festival Sons do Atlântico, tendo actuação marcada para 7 de Março, na marginal da Baía de Luanda, anunciou

esta quinta-feira a organização.

Esta será a segunda vez que o multi-instrumentista, nascido em 1970 em Belford Roxo, Rio de Janeiro, passa pela capital angolana. A primeira passagem de Seu Jorge por Luanda tinha sido num concerto único em 2013.

Do país do outro lado do Atlântico chega também Mart'Nália, actriz, cantora, compositora, percussionista e instrumentista, que vai

actuar num dos dois palcos montados no recinto, opção que permite actuações intercaladas, sem quebras de ritmo.

Do elenco internacional do festival constam ainda os franceses Kassav (originários da Martinica e de Guadalupe) e o sul-africano Heavy K.

Paulo Flores e Matias Damásio, Yannick Afroman, Puto Português, DJ Djeff, Zona 5 e Batoto Yetu (esco-

la de dança e expressão artística para crianças) são artistas nacionais que vão passar pelos palcos do Sons do Atlântico.

A organização, este ano a cargo da Show Biz, estima que o único dia do festival deverá trazer à zona da Baía de Luanda cerca de 60 mil espectadores. O preço dos bilhetes varia entre os 2.500 kwanzas para a geral e os 10.000 para a frente de palco.

Jorge Conceição



Então, a adaptação é horrível. Por isso é que os africanos criam as suas comunidades cá. **Sempre se deu bem com os seus pais?**

A relação com a minha mãe é fortíssima. É a minha melhor amiga. Cresci com a minha mãe a contar-me tudo. Tinha três anos e ela chorava ao pé de mim a contar-me os problemas dela. Eu conto-lhe tudo, sou filho único. E sou igualzinho ao meu pai, em valores e comportamentos. Toda a minha estrutura veio dele. Para eles, e eu sou filho único, é muito difícil estar longe. Mas sou muito feliz. Vivo sozinho, mas feliz.

Essa procura pela felicidade vem deles?

Sem dúvida! O meu pai voltou para São Tomé, onde vive com menos condições económicas, só para ser feliz.

Já lá foi? Quememóriasguarda de São Tomé?

Sim, tinha 17 anos quando lá fui. Era um lugar muito rural. É tipicamente africano, muito pequeno e as pessoas são muito pobres, mas muito felizes. Ninguém passa fome. É impossível. Há sempre alguém que tem um porco, uma galinha, uma bananeira... Há sempre forma de comer. É música, é felicidade, é o paraíso.

Já visitou outros países?

Vou dizer cidades. Maputo é incrível. Estive lá em 2013. É a cidade dos meus sonhos. Está banhada pelo Oceano Índico, estás sempre a ver mar. Em Maputo sentes que as pessoas são amigas sem se conhecerem. Se for preciso almoçam juntas e só se conhecem há 15 minutos.

E já foi a Angola?

Já fui a Luanda e odiei. Adoro o povo, mas

a cidade não. Tem o pior de África e o pior da Europa. Luanda é muito pequena e tem muita gente. Quando pensas em África pensas em verde, natureza, selva. Luanda é uma confusão, com muito trânsito, e as pessoas estão tensas, nervosas. É uma cidade relativamente feia porque tem vestígios de destruição da guerra. É suja. É estranho ir a África e não veres verde. Mas já das províncias de Angola dizem que são lindas, o paraíso.

Mas apesar de serem pessoas tensas, dizem gostar do povo...

São africanos. Ajudam pessoas que não conhecem. Se tu andares triste na rua o africano vai preocupar-se seriamente e ajuda. Sentes isso com qualquer africano.

Qual é o seu próximo projecto?

Não posso revelar. É capaz de sair alguma coisa no final do ano. É um colectivo de MC's, não sou só eu que vou participar.

Já tem um trabalho assim?

Sim, foi um trabalho com rappers europeus. Foi a União Europeia que financiou o disco. Treze línguas diferentes. Mas agora será mais entre Portugal e o Brasil.

Como classifica o rap português?

Um africano não consegue deixar de verbalizar o que sente. O europeu consegue conter-se. O africano é visceral e eu tenho isso

É mais superficial. É mais preocupado com a forma do que com o conteúdo. Há músicas muito boas, mas o conteúdo é relativamente pobre.

E como define o seu rap nesta perspectiva da forma e conteúdo?

Como sou português, mas filho de africanos acho que o meu rap tem um bocado dos dois lados. Tem a cena africana de aproveitar as oportunidades. E a música é mesmo isso. Aproveito para dizer qualquer coisa que é relevante ou que me está a inquietar. Um africano não consegue deixar de verbalizar o que sente. O europeu consegue conter-se. O africano é visceral e eu tenho isso. Já o europeu é muito preocupado com o pormenor. ♦

simoneta.vicente@sol.pt



isto e que por isso não faz parte de uma só categoria nem de uma estatística».

Memórias dolorosas

«Na minha família fala-se muito pouco sobre isto porque é um acontecimento traumático», admite Bruno. A primeira memória dolorosa é da sua mãe, que se lembra de se despedir da sua irmã mais velha sem saber se a iria voltar a ver na sua vida. E na

Despediu-se da sua irmã mais velha sem saber se a voltaria a ver. Encontraram-se 20 anos depois

verdade, só se reencontraram 20 anos depois, já que o seu destino não foi Portugal, mas sim a Califórnia. «Outros foram também para o Brasil. Iam para onde conseguissem encontrar o seu modo de vida», diz, explicando que nem sequer concorda com a expressão ‘retornados’.

«A minha mãe e avó consideram que não retornaram, porque não conheciam esta terra. Têm até uma relação de distanciamento em relação a Portugal continental e à ilha da Madeira». Muitos dos seus familiares nem sabiam que tinha sido esse o local de nascimento das antigas gerações, pelo que essa memória se desvaneceu. «Como a minha avó diz, esta é a terra dos netos dela. Ela reconhece que foi bem acolhida e está grata por isso, mas continua a dizer que ela é de Caála, para onde não quer voltar se não imaginariamente», conta referindo-se à sua frase que faz parte da coletânea das que estão expostas nos contentores ao lado do Pa-

drão dos Descobrimentos (ver imagem acima). Por ser um local simbólico da construção da memória imperial portuguesa, é aí que a exposição começa.

‘Não há debate nenhum’

A investigação começou há dois anos e meio, mas Isabel Peralta assegura que ainda há muito material para estudar. «Pelo menos para quatro anos», diz a investigadora, que se tem focado no estudo de como a sociedade portuguesa contemporânea se relaciona com a memória histórica do antigo Império Português.

Os objetos de estudo têm sido sobretudo as centenas de entrevistas que fez aos retornados, sendo que conseguiu muitas das fotografias expostas pelos contactos que fez

com retornados através do Facebook.

A principal conclusão que tira é que «nós temos uma relação muito celebratória e orgulhosa». «Todos os países têm os seus mitos e a minha ideia não é destruí-los. É, sim, complexificá-los e problematizá-los», admitindo que houve cuidados na seleção de testemunhos e informação a expor: «Não quisemos retirar nada à discussão mas quisemos fazer isto de forma a não ofender as pessoas, porque elas podem ter uma posição que nós podemos criticar eventualmente, mas elas viveram na pele estes acontecimentos».

Manuel partilha a mesma opinião. Na altura em que começou a pensar os parâmetros da sua mostra lembra-se de olhar para



ENTREVISTA

Ana Sofia Martins, modelo e actriz

'CONSIDERO-ME IMPARÁVEL'

Obstinada, convicta e inspiradora, assim é Ana Sofia, para quem os percalços da vida são para arquivar e seguir em frente. Ambiciosa e também lutadora, a mulher que deixou a moda render-se aos seus pés tem agora, pela primeira vez, um lugar na representação. Mas não é um lugar qualquer. É a protagonista de *A Única Mulher*, novela que vai para o ar em Angola a partir do dia 20. Em Malange diz que regressou às suas origens e dos angolanos diz que são calorosos e que a fazem sentir-se em casa...

Entrevista de Filipa Moroso e Simoneta Vicente Fotografias de José Sérgio

É a sua estrela na representação e logo com um papel de protagonista na novela *A Única Mulher*, que vai para o ar em Angola no próximo dia 20. O que significa isto para si?

É maravilhoso. O que sinto neste momento é que continuo a trabalhar muito. A Plural ofereceu-me formação antes da novela e eu decidi continuá-la a nível pessoal. Contratei um professor de teatro, o Bruno Schiappa, do Chapitô, e trabalhamos praticamente todos os meses. Ou seja, estou a fazer trabalho de casa também. Não me limitei à formação que me deram, porque tem de ser um trabalho contínuo, além de que sou perfeccionista a um nível doentio. Não quero estagnar, estagnar é quase a morte.

Gosta de se ver na televisão?

Sim e fico feliz que se note que estou a trabalhar muito. Já se vê uma evolução das primeiras cenas para as que foram gravadas em Angola, por exemplo. Vejo que estou a crescer e que estou a aprender com os meus colegas. Fico também

muito orgulhosa, mas sei que é fruto de muito trabalho. Há pessoas que dizem: 'Tu tens uma estrelinha, tens muita sorte'. De facto tenho, mas se não a trabalhasse provavelmente a minha carreira não tinha 12 anos como tem agora. Sem trabalho nada se consegue. E hoje em dia quando tenho actores consagrados a enviarem-me mensagens, a darem-me os parabéns, a dizerem-me que há muito tempo que não viam uma estreada com tanto potencial... Costo que me façam o elogio, mas prefiro manter os pés na terra.

Onde estava quando passou o primeiro episódio? O que lhe passou pela cabeça?

Tudo! Eu chorava. Primeiro chorei porque estávamos na ModaLisboa e foi bom regressar a 'casa', fazer aquele desfile. Sem querer apercebi-me que tinha muitas saudades da passerelle. E quando me mostraram o episódio, fiquei histérica. Depois reví-o com mais calma em casa, com os meus irmãos, que não se ►

DO BAIRO PARA O MUNDO

Nasceu em Lisboa no dia 29 de Novembro de 1985 e teve uma infância madrastra, marcada pelo abandono da mãe. O pai, trabalhador na construção civil, quis que ela estudasse nos melhores colégios e assim foi durante uns anos: «Era uma miúda do bairro na escola dos betinhos!». Mas essencialmente diz ter um bachelato na escola da vida, que começou a calcorrear cedo demais por «força das circunstâncias». Acolhida por um casal com quem poucas relações mantém, tem no seu irmão um pilar e na carreira os alicerces da pessoa em que hoje se tornou.

Recentemente, estreou-se no mundo da representação, mas foi a moda o seu primeiro grande amor. Hoje podemos vê-la no pequeno ecrã no papel de Mara Venâncio, a protagonista da novela *A Única Mulher*, gravada e transmitida em Portugal e Ango-

la. Com apenas 28 anos, já conta com 12 de carreira. Foi descoberta aos 14 na rua por uma agência de modelos e hoje admite que o 'ser diferente' levou-a longe. A aparência exótica valeu-lhe um lugar como VJ do canal *MTV Portugal* e uma carreira consolidada no mundo das *passarelas*. Durante os dez anos que viveu em Nova Iorque, viu a sua imagem nos grandes cartazes de Union Square e foi o rosto de marcas como a Benetton, MAC e Victoria's Secret.

No futuro não sabe se continuará a participar em novelas, mas voltar aos estudos parece ser um objectivo a cumprir. Se assim for, o curso Relações Internacionais será a primeira opção. «Penso que posso ter alguma influência naquilo que eu acho que o mundo deve ser. Relações Internacionais é conciliar, unir e comunicar. Tem tudo a ver comigo».



NO PAPEL de Mara Venâncio em *A Única Mulher* a num desfile em 2009, em cima



calavam. Bom, mas acho que ainda estou um bocadinho fascinada porque ainda gosto de tudo, ainda estou na fase do deslumbramento.

E como foi gravar em Angola?

Foi a melhor experiência até hoje. Tinha ido a Angola há cerca de 11 anos e, desta vez, encontrei uma Luanda completamente diferente e evoluída. Já não tem nada a ver. Está tudo a ser construído e apercebemo-nos que, de facto, estão a fazer-se os investimentos certos, que o povo angolano quer mesmo que o seu país ande para a frente, que vingue. Vejo o povo muito ambicioso, não só aquela ambição desmedida de dinheiro, mas de serem melhores, de não caírem nos mesmos erros, acima de tudo. E tudo isso deu-me uma vontade muito grande de voltar a trabalhar em Angola. Porque há tanta coisa para ser feita e há tanta coisa para ser começada do zero – e como também adoro desafios, quero estar num

meio assim, em que eu sinto que há muita coisa para aprender.

Como surgiu o convite para esta participação?

Foi o Pedro Curto [responsável pela Corral, produtora da novela]. Agora sei que já falavam de mim há algum tempo para

Encontrei uma Luanda completamente diferente e evoluída. O povo angolano quer mesmo que o seu país vingue

o papel, juntamente com a Maria João Mira, a autora da nossa telenovela, e fiquei muito contente quando ela me transmitiu isso. Há tantos actores 'a sério' que podiam ter ficado com o papel e eu não sou actriz. E de repente tens uma autora a dizer-te que tinha pensado logo em ti quando começou a escrever o guião. E uma pessoa inevitavelmente sorri! Ficas embevecida.

E aceitou logo?

Foi uma coisa muito pensada. Falei com os meus agentes, com os publicistas e o meu primeiro teste de imagem correu relativamente bem. O segundo foi à frente do José Eduardo Moniz e do Pedro Curto e eu tremia, tremia! E o nosso director de actores, o António Melo, dizia-me: 'Calma. Tu sabes fazer isto'. E foi engraçado aquilo que o Moniz me disse depois de ver esse teste: 'Vamos trabalhar...'. Não foi aquilo que todos esperamos ouvir. E entendi isso como: 'Ok, eu consigo fazer isto, ele acha que eu consigo e vamos mesmo trabalhar'. E desde então não parei. Não fiz o Conservatório, não sou actriz de formação, mas tenho uma vontade imensa de aprender. Modéstia à parte, sei fazer muitas coisas. E por que não fazê-las?

E aproveitá-las...

Só temos esta vida para fazer tudo. Tenho mesmo de fazer tudo aquilo que pos-

sa e que tenha vontade. E se me derem a oportunidade, obviamente vou aproveitá-la. Doa a quem doer. E ainda bem que as críticas têm sido positivas, mas mesmo que fossem negativas, se fosse uma coisa que eu gostasse mesmo de fazer: fazia. Não estou aqui para agradar a ninguém, a não ser a mim própria e para fazer um bom trabalho. E acho que isso tem estado a ser conseguido. Depois vem o resultado: algumas pessoas gostam e outras não. Eu gosto.

A crítica e o público também parecem gostar.

Sei que está a ser muito bem recebida e isso deixa-me muito contente porque é sinal que as pessoas se identificam com os actores e que gostam do seu trabalho. Há pessoas mais velhas que vêm ter comigo e dizem: 'A menina faz-me muita companhia à noite, gosto muito de vê-la'. Epá, isto toca-me de uma forma... Pessoas sozinhas. Que gostam muito de ver a Mara. Não me importo nada que me

Não me importo nada que me chamem Mara, deixei de ser a Ana Sofia, não faz mal. É sinal que a Mara tem conteúdo

chamem Mara quando vou na rua. deixei de ser a Ana Sofia, não faz mal. É sinal que estou a dar vida a esta personagem. E isso é o maior elogio que me podem dar. [sorri emocionada] Sinto-me muito melhor quando me dizem 'representas muito bem', do que 'ficas tão bonita na televisão' porque é sinal que a Mara tem conteúdo. Também a minha página do Facebook, de repente, ganhou mais 20.000 e tal pessoas. Numa semana! Uma coisa estrondosa... Mas no início ainda houve quem tenha ficado 'chocado' com a minha decisão: 'Como é que uma pessoa tão sedimentada na moda, com uma carreira tão forte e que começava agora na apresentação, decide isto?'...

Sim, como?

Foi a história do desafio, foi o achar que era uma coisa muito difícil. E é. Continuo a achar que é. Nunca me entreguei tanto a nível profissional. Antigamente trabalhava um dia e descansava uma ►



THOMAS SOL 19

semana. Hoje em dia trabalho todos os dias da semana e é raro folgar. Agora dou muito valor aos meus dias livres, tento estar com as pessoas que amo e tento fazer tudo o que tenho estado a adiar. O que me seduziu neste desafio foi o nível de profissionalismo que requer a aprendizagem e as novas experiências. É que estou há 12 anos na moda e aquilo, por vezes, torna-se um bocado repetitivo e automático. E o automático às tantas deixa de dar prazer. Nesta nova arte que estou a descobrir há tantos cantinhos, tantos segredos, há tanto sumo, que é uma coisa que me está a dar muita força.

Nesta nova arte que estou a descobrir há tantos cantinhos, tanto sumo, que é uma coisa que me está a dar muita força

Mas isso leva-nos a outra questão. Há muitos modelos que se tornam actores, mas há ainda um certo estigma da parte de alguns profissionais, sobretudo do teatro, em relação a esta energia. Sentiu discriminação por causa disso?

Não. As pessoas que tinham algo a dizer, disseram-no de forma directa e construtiva. Mas acho que, para existir esse estigma, também tem de existir o outro. Quantas actrizes, neste momento, fazem trabalhos de modelos? Quantas 'roubam' as campanhas às modelos? E lá está! A culpa não é dos actores – é de quem os contrata. E funciona exactamente da mesma forma. Nunca pedi para fazer uma novela, nunca dei a entender que gostava de representar. Aconteceu-me. E era uma tontice da minha parte dizer que não a um desafio tão interessante. A uma história que, ainda por cima, não é nada vazia. É a crise económica, é o tráfico de seres humanos, é o racismo, é o serviço nacional de saúde, é tudo. Problemas reais e actuais.

A 'sua' Mara é vítima de racismo. Já sentiu isso na pele em Portugal?

Não gosto muito de falar sobre isso porque acho que é dar poder a quem o fez. Se aconteceu ou não, não pensei muito. Relativizei, essa é a solução. Acho que os



portugueses brancos, vamos dizer assim, estão com uma capacidade muito maior de aceitação, caiu-lhes a ficha. Afinal, Portugal foi um país com colónias.

E hoje Angola até está na moda. Dança-se o kizomba, ouve-se kuduro...

Por aí se vê. Fico muito feliz que a maior parte das pessoas comece a aceitar, mas também fico triste pelas que ainda não aceitam. Pelas que acham, por exemplo, que eu tenho de ter o cabelo liso, que tenho de me assimilar. Por

exemplo, quando o meu colega, o Lourenço Ortigão, publicou fotos comigo no Facebook, os comentários não eram nada abonatórios: 'Ela que estique o cabelo'. Eu nasci assim, meus queridos! Não há nada que possa fazer. Posso alisar, e às vezes aliso, mas porque quero, para mudar um pouco o visual. Tenho fé que isto um dia não seja mais tema, mas enquanto for, precisa de ser explorado e acho que nunca nenhuma novela em Portugal o fez de forma tão crua. Estamos a fazer história.

Em que sentido?

Acho que esta novela vai mudar mentalidades. Cresci em Portugal até aos 14 anos e as minhas referências eram meninas loiras com o cabelo comprido. Estou a falar a nível de séries e de novelas. Quando de repente há uma Chica da Silva na televisão eu fiquei: 'Olha, tem o cabelo como o meu! E é muito bonita!'. Acho muito importante que meninas diferentes, de todas as nacionalidades, tenham as suas referências. Por exemplo, nunca pensei que um dia, por ser diferente, pudesse fazer moda, ser a Mara Venâncio ou apresentadora na MTV. E se calhar foi a diferença que me valeu.

Já disse que gostou muito de Angola. E o que achou do povo?

Muito caloroso. O meu pai é de Cabo Verde e senti a mesma coisa que sinto quando lá vou: há aceitação, vontade de agradar, de te fazer sentir um local. Em Ango-

Quando vou para os sítios gosto de ir sem prazo. Também fui para Nova Iorque sem prazo e acabei por ficar dez anos

la, andei de candongueiro com a Rita Cruz e a Mina Andala (actrizes). E adorámos. Fomos ao Mercado de São Paulo e fomos muito bem recebidas. Só tenho a acrescentar que um dia gostava de trabalhar lá.

Mas fixar-se?

O fixar-se aqui é uma coisa muito relativa. Quando vou para os sítios gosto de ir sem prazo. Também fui para Nova Iorque sem prazo e acabei por ficar dez anos. Costava de experimentar trabalhar lá. E o facto de ter sido tão bem recebida



Eu trouxe a simplicidade das pessoas de Malange comigo, percebi que há crianças que não têm quase nada e são muito felizes

pelas pessoas também ajuda a isso. Foi uma experiência muito pessoal e rica. **Como foi trabalhar com as crianças na novela? Eram mesmo angolanas?**

Eram e nenhuma era sequer figurante. Quando fomos para Malange vimos as coisas em estado puro. Tu é que tens de te adaptar a eles, e não eles a ti. Por exemplo, quando estava a fazer a campanha de vacinação, eles acreditavam mesmo que eu ia picá-los. Uma até começou a chorar. Depois, eu também sempre adorei crianças, gosto de cuidar. São maravilhosas, puras, sinceras... Trouxe a simplicidade das pessoas de Malange comigo, percebi que há crianças que não têm quase nada e que são muito felizes... Aquela que contracenou mais comigo, a Maria, ficou com a mochila que levei para lá, fui eu que lha ofereci. E é uma mochila, não é nada de especial, mas para ela foi o seu maior tesouro. Isso ensinou-me a relativizar as coisas. Só tenho esta vida e isto também veio um bocadinho de lá.

O que quer dizer com isso?

Quando te pedem água, em vez de dinheiro... de repente tudo é fútil. E eu percebo porque não venho de uma família rica. Em Malange voltei ao zero, regresssei a mim, à Sofia, à miúda que queria ir brincar com eles. Aquela simplicidade e alegria contagiaram-me. Foi uma experiência muito forte e por isso quero repeti-la. Sinto que vim de lá uma pessoa mais rica.

Disse que regressou às origens, que sabemos que foram difíceis...

Há coisas que não podemos mudar no nosso passado, mas podia ter sido pior. Foi nesse sentido que eu voltei a mim. Há sempre alguém que está pior. Só me fez bem lá ir. De vez em quando esquecemo-nos que há um mundo para além do nosso. E há! E eu quero descobri-lo, ir a todos os sítios, tenho um grande espírito de aventura. Além de que o desconforto faz-nos bem, forma-nos o carácter. ►

novas sol. 21

E formou? É que a sua história parece a de Cinderela. Tinha tudo para ser uma vítima da vida, uma pessoa frágil, mas ao que parece temos uma Ana Sofia chela de garra, rebeldia e confiança...

Adoro a comparação! Eu tinha tudo para dar errado, mas isso era tão fácil, tão previsível. 'Olha a miúda que vem do bairro, vai ser uma pessoa amarga com a vida'. Não, eu decidi que ia dar certo. Sempre o soube, não me perguntem como. Há pouco tempo vi uma reportagem que fizeram comigo, quando eu tinha 15 anos, em que achava que sabia tudo, dizia mesmo 'eu sei o que é a vida!'. Não, não sabia. Sabia sim o que era o lado mau. Onde o Sol não brilha. Não sabia o

Eu tinha tudo para dar errado, mas isso era tão fácil. Decidi que ia dar certo. Sempre o soube, não me perguntem como

que era o lado bom. Sempre fui muito determinada e sempre tive muito pélo-nave. E quando começaram a ditar o meu destino, eu disse: 'Não, estão enganados, mas tão enganados!'. Aquela parte que eu não pude controlar a da minha infância, quando estava dependente de outras pessoas, aí não posso mexer. Mas a partir do momento em que comecei a ganhar o meu dinheiro e a tornar-me independente, fiquei imparável. Até hoje. **A tal história da Cinderela... Uma rapariga que vem de um bairro periférico de Lisboa e de repente está nos cartazes do centro do mundo, em Nova Iorque.**

Sim, mas todos nós temos os nossos altos e baixos profissionais e aqui há dois anos a vida não me estava a correr assim tão bem. Não sabia o que queria fazer. Mas nunca baixei os braços, nunca me afundei no sofá à espera que as oportunidades viessem ter comigo. Sempre dei 200%, mesmo nos projectos em que acreditava um bocadinho menos e agora estou a ser recompensada por isso. Isto pode soar um bocadinho presunçoso, mas eu mereço cada cêntimo que ganho e que gasto. Sinto que só não vou atingir aquilo que não quero e em que não acredito.

E como tenho o defeito de acreditar muito em mim, a vida corre-me bem. Sempre fui muito obstinada. Não quero ser mais um caso que correu mal, a miúda do bairro que se vitimiza. Não quero isso. Quero ser a pessoa que deu certo. E quero ser um motivo de orgulho para os meus filhos, quando os tiver. Vou deixar história aos meus filhos, mas uma história imaterial em que eles possam dizer: 'Eu sou filho da Ana Sofia Martins e tenho muito orgulho nisso'. Que lhes deixe bons valores. E acho que isso vai acontecer.

Valores que teve de aprender muito cedo. Logo no início da sua carreira de modelo, aos 16 anos, foi para Nova Iorque sozinha. Não teve medo?

Não tinha alternativa. Não tinha ninguém na minha família que me pudesse acompanhar ou que estivesse disposto a tal. Tinha que ir. Era a diferença entre sobreviver e 'morrer'. Era a diferença entre proporcionar uma vida confortável à minha família naquela altura e ficarem afogados em dívidas. Naquela altura gozava muito com as miúdas que iam com as mães. Quem me dera! Ter tido alguém que estivesse comigo a acompanhar-me para me aconselhar. Mas não havia essa possibilidade. Fui e dei certo. Estava muito focada.

Mas como é que uma miúda, e ainda para mais nos meandros da moda, tem esse controlo todo?

Fiz as asneiras todas que tinha de fazer. Aprendi muito em Nova Iorque. Depois também tinha uma agente que era quase minha mãe. Eu odiava na altura porque me impunha regras. Chegou a ir falar com um rapaz, com que eu andava a dar uns beijinhos, porque ele era mais velho que eu. O rapaz dirigiu-se a mim e disse-me: 'Nunca mais te quero ver porque a Noel veio falar comigo e impôs-me limites!'. Lembro-me que fiquei muito revoltada. Hoje em dia, com 28 anos, penso que tinha feito exactamente o mesmo [que a agente impôs] e ainda lhe dava um par de estalos [ao rapaz]. Também tive uma pessoa muito importante na minha vida, que foi a Nayma Mingas, que esteve presente logo no início da minha carreira. Lembro-me que me ofereceu um livro de etiqueta e como eu sempre gostei muito de



Como não cresci numa família dita normal, sou um bocado desligada. As únicas pessoas que me importam são os meus irmãos

ler, aquilo foi fascinante. Um dia, se conhecer o Presidente da República, sei como cumprimentá-lo. E estas pequenas coisas, nas alturas certas e nas idades certas, fazem toda a diferença... Todas estas coisas me fizeram saber estar.

Nessa altura teve saudades da sua família?

Pensava muito no meu irmão, o Sandro. Era a única pessoa de quem tinha saudades, porque assim como sou muito apegada a algumas pessoas, também sinto um certo desapego das restantes. Como não cresci numa família dita nuclear, ou normal, com os avós, tios e primos presentes, sou um bocado desligada – sou mesmo. Se os vejo ou não, é igual.



As únicas pessoas que me importam mesmo são os meus irmãos. De resto... é opcional.

Não cresceu numa família dita normal, como disse, até porque teve de lidar com o abandono da sua mãe. Que tipo de relação tem com a família que a acolheu?

Damo-nos bem. Depois as pessoas fazem escolhas, que não aceito, mas respeito. Quando a ambição desmedida e a ganância se sobrepõem ao amor que sentem por ti, isso para mim é logo sinal de alerta. Acho que foi isso que aconteceu. A ganância levou a melhor de algumas pessoas que hoje em dia ainda podiam fazer parte da minha vida de forma recorrente, e não fazem por escolha delas. **Parece que esse facto já está muito bem resolvido. Pelo menos, não se nota rancor nas suas palavras...**

Eu e o Sandro falamos muito nisto. Recordamo-nos que fomos criados por um casal, mas não temos nada que ver com

eles. Nada, e é estranhíssimo. Porque vamos sempre buscar um bocadinho dos pais, ou das pessoas que nos criam. E às vezes não sei onde vou buscar esta força, é muito meu. Só realizo tudo o que fiz quando as pessoas me dizem e quando revejo as fotografias. Só aí me apercebo para que marcas trabalhei e tudo o que

O passado pode ser a grande desculpa para não vivermos o presente e o futuro.

Se não vives o presente, o futuro está condenado

já alcancei. Porque grande parte da minha carreira, como eu estava em modo 'tenho de ajudar a minha família', foi feita em piloto-automático. Na altura nem desfrutava e neste momento desfruto de cada segundo.

É uma forma inspiradora de encarar o passado...

Fico muito feliz de ouvir isso. O passado pode ser a nossa grande desculpa para não vivermos o presente e o futuro. E se não vives o teu presente, automaticamente o teu futuro está condenado.

E como será o futuro?

O meu futuro será aquilo que eu fizer do presente. [sorri entusiasmada] Não faço planos a longo prazo mas quero muito ser bem-sucedida. Ainda quero fazer tanta coisa, que não sei se há tempo para tudo. No que depender só de mim, a minha vida será maravilhosa. Porque eu sou ambiciosa no trabalho, mas também ambiciono saber mais. E aquilo que projectei no povo angolano é aquilo que eu sinto, por isso me identifiquei. Neste momento, considero-me imparável. Acredito que posso mudar o mundo. Se eu continuar com esta capacidade de trabalho e com esta força nem o céu é o limite. Vou andar por aí pelo espaço... •

10/04/15 SOL | 23

Anexo 25 – Guião da entrevista realizado pelas autoras da entrevista a Ana Sofia Martins (Flipa Moroso e Simoneta Vicente)

1. A novela *Única Mulher* é a sua primeira experiência na representação, e começou logo com um papel de protagonista. O que sente com esta experiência? Como chegou até aqui?
2. Há muitos modelos que se tornam atores, mas há ainda algum estigma da parte de alguns profissionais, sobretudo do teatro, em relação a esta sinergia. Sente de alguma forma alguma discriminação por causa disso ou, pelo contrário, recebe apoio e solidariedade da parte dos seus colegas?
3. Fala muito da sua rebeldia. Foi essa sua característica que a fez chegar onde chegou? É isso que a faz ter mais garra pela vida, lutar por aquilo que quer?
4. Começou pela moda, passou pela apresentação televisiva e chegou agora à representação. O que se segue? O que pretende do futuro?
5. Orgulha-se das suas origens, já o disse muitas vezes, e como é que uma rapariga de um bairro social se sentiu depois quando viu a sua imagem ‘estampada’ nas ruas nova-orquinas, no centro do mundo? Isto é quase a história da Cinderela...
6. Atendendo ao seu passado, e uma vez que foi acolhida por uma família que a adotou a si e ao seu irmão, qual é hoje para si o sentido verdadeiro de família? O que é que esse episódio familiar, o facto de ter perdido o contacto com a sua mãe biológica, fez de si?
7. Embora tenha tido este passado, não encontramos uma Ana Sofia ‘vítima’ da vida, mas muito segura de si, confiante e com garra para encarar tudo e todos... De onde lhe vem esta força? É que habitualmente estes episódios tornam a pessoa mais frágil, mas essa não é de todo a sua imagem...

Vamos começar pelo fim. É inevitável não falar desta tua participação na Única Mulher, quer dizer, a tua estreia na representação e ainda por cima, logo num papel de protagonista. O que é que isto significa para ti?

Neste momento, agora que já está a assentar, finalmente já estreou... as outras entrevistas que eu dei foi sempre antes de estreiar – aquela ansiedade, a expectativa... o que eu sinto neste momento é que o facto de eu estar a trabalhar muito, nesse sentido... ou seja, a Plural ofereceu-me formação antes da novela e eu decidi continuá-la a nível pessoal. Contratei um professor de teatro, o Bruno Schiappa, do Chacaré, que foi professor do meu irmão durante 3 anos e nós trabalhamos, pelo menos eu tento que seja todos os meses – temos conseguido uma ou duas vezes por mês. Ou seja, estou a fazer trabalho de casa também. Não me limitei aquela formação que me deram, e ainda bem que me deram, mas isto tem de ser um trabalho contínuo porque nós estamos sempre a aprender e há sempre novas técnicas e há sempre algo que podemos melhorar. Eu sou perfeccionista a um nível doentio, vamos dizer assim. E agora que me vejo na televisão fico feliz que se note que eu estou a trabalhar muito. Ou seja, há cenas que já foram gravadas há muito tempo, foram logo as primeiras, e eu consigo ver uma evolução dessas cenas para as cenas que foram gravadas em Angola. E isso é maravilhoso. Se eu achasse que já estava tudo perfeito ou que estava sempre igual... eu acho que isso era mau. Vendo que estou a crescer e que estou a aprender com os meus colegas, e não só, fico muito orgulhosa mas sei que é mesmo fruto de muito trabalho. Há pessoas que dizem: ‘Tu tens uma estrelinha e tens muita sorte’. De facto tenho, mas se não a trabalhasse provavelmente a minha carreira não tinha 12 anos como tem agora, e tinha tido para aí cinco ou seis. Tem mesmo de se trabalhar muito, porque sem trabalho não se consegue nada. E hoje em dia quando tenho atores consagrados a enviarem-me mensagens, a falarem comigo, a darem-me os parabéns, a dizerem-me que há muito tempo que não viam uma estreante com tanto potencial... Potencial. Eu gosto que eles me dêem o elogio mas que me mantenham com os pés na terra. Fico muito feliz. Eu sei que tenho de continuar a trabalhar, porque se não vou estagnar. E para mim estagnar é quase a morte. Preciso de desafios e por isso que aceitei trabalhar numa novela porque muita gente ficou chocada com isso: ‘como é que uma pessoa que está tão sedimentada na moda, com uma carreira tão forte que agora começava na apresentação, como é que agora decide isto...’.

Anexo 27 – Página 16 da entrevista a Ana Sofia Martins (*Caju*)

É a sua estreia na representação e logo com um papel de protagonista na novela A Única Mulher, que vai para o ar em Angola no próximo dia 20. O que significa isto para si?

É maravilhoso. O que sinto neste momento é que continuo a trabalhar muito. A Plural ofereceu-me formação antes da novela e eu decidi continuá-la a nível pessoal. Contratei um professor de teatro, o Bruno Schiappa, do Chapitô, e trabalhamos praticamente todos os meses. Ou seja, estou a fazer trabalho de casa também. Não me limitei à formação que me deram, porque tem de ser um trabalho contínuo, além de que sou perfeccionista a um nível doentio. Não quero estagnar, estagnar é quase a morte.

Gosta de se ver na televisão?

Sim e fico feliz que se note que estou a trabalhar muito. Já se vê uma evolução das primeiras cenas para as que foram gravadas em Angola, por exemplo. Vejo que estou a crescer e que estou a aprender com os meus colegas. Fico também muito orgulhosa, mas sei que é fruto de muito trabalho. Há pessoas que dizem: ‘Tu tens uma estrelinha, tens muita sorte’. De facto tenho, mas se não a trabalhasse provavelmente a minha carreira não tinha 12 anos como tem agora. Sem trabalho nada se consegue. E hoje em dia quando tenho atores consagrados a enviarem-me mensagens, a darem-me os parabéns, a dizerem-me que há muito tempo que não viam uma estreante com tanto potencial... Gosto que me façam o elogio, mas prefiro manter os pés na terra.

Anexo 28 – Exemplo de aplicação da primeira operação proposta por Marcuschi

Transcrição	Entrevista/Artigo
<p>“Não. As pessoas que tinham alguma coisa a dizer, disseram-mo de forma direta e construtiva, portanto nesse aspeto, não me queixo. Eu acho é que para existir esse estigma também tem de existir o outro. Quantas atrizes, neste momento, fazem trabalhos de modelos? E que “roubam” as campanhas às modelos? E lá está! A culpa não é dos atores – a culpa é de quem os contracta. E funciona exactamente da mesma forma. Lá está: eu nunca pedi para fazer uma novela, não há nenhuma entrevista minha em que eu tenha dito ‘ah, gostava tanto de representar’...Portanto, aconteceu-me. Eu acho que era uma tontice da minha parte dizer que não a um desafio tão interessante.”</p>	<p>Mas isso leva-nos a outra questão. Há muitos modelos que se tornam atores, mas há ainda um certo estigma da parte de alguns profissionais, sobretudo do teatro, em relação a esta sinergia. Sentiu discriminação por causa disso?</p> <p>Não. As pessoas que tinham algo a dizer, disseram-mo de forma direta e construtiva. Mas acho que, para existir esse estigma, também tem de existir o outro. Quantas atrizes, neste momento, fazem trabalhos de modelos? Quantas ‘roubam’ as campanhas às modelos? E lá está! A culpa não é dos atores – é de quem os contrata. E funciona exactamente da mesma forma. Nunca pedi para fazer uma novela, nunca dei a entender que gostava de representar. Aconteceu-me. (...) (p. 20)</p>

Anexo 29 - Exemplo de aplicação da segunda e quarta operação propostas por Marcuschi

Transcrição	Entrevista/Artigo
<p>Epá, e isto toca-me de uma forma... Pessoas sozinhas! Que gostam muito de ver a Mara, não me importo nada que me chamem Mara quando eu vou na rua, deixei de ser a Ana Sofia, não faz mal! É sinal que estou a dar vida a esta personagem e as pessoas deixaram de ver a Ana Sofia modelo e passaram a ver a Mara. E isso é o maior elogio que me podem dar!</p>	<p>A crítica e o público também parecem gostar.</p> <p>Sei que está a ser muito bem recebida e isso deixa-me muito contente porque é sinal que as pessoas se identificam com os atores e que gostam do seu trabalho. Há pessoas mais velhas que vêm ter comigo e dizem: ‘A menina faz-me muita companhia à noite, gosto muito de vê-la’. Epá, isto toca-me de uma forma... Pessoas sozinhas. Que gostam muito de ver a Mara. Não me importo nada que me chamem Mara quando vou na rua, deixei de ser a Ana Sofia, não faz mal. É sinal que estou a dar vida a esta personagem. E isso é o maior elogio que me podem dar. [sorri emocionada] Sinto-me muito melhor quando me dizem ‘representas muito bem’, do que ‘ficas tão bonita na televisão’ porque é sinal que a Mara tem conteúdo. Também a minha página do Facebook, de repente, ganhou mais 20.000 e tal pessoas. Numa semana! Uma coisa estrondosa... Mas no início ainda houve quem tenha ficado ‘chocado’ com a minha decisão: ‘Como é que uma pessoa tão sedimentada na moda, com uma carreira tão forte e que começava agora na apresentação, decide isto?’...</p> <p>(p 19)</p>

Anexo 30 - Exemplo de aplicação da terceira operação proposta por Marcuschi

Transcrição	Entrevista/Artigo
<p>Uma das coisas de que trata a tua Mara também é um problema de racismo. Já sentiste isso na pele, aqui em Portugal?</p> <p>Eu não gosto muito de falar sobre isso porque acho que isso é dar poder a quem o fez. Se aconteceu ou não, eu não pensei muito. Eu relativizei, porque acho que é essa a solução. Acho que os portugueses brancos, vamos dizer assim, estão com uma capacidade muito maior de aceitação porque acho que lhes caiu a ficha que... Portugal foi um país que teve colónias.</p>	<p>A ‘sua’ Mara é vítima de racismo. Já sentiu isso na pele em Portugal?</p> <p>Não gosto muito de falar sobre isso porque acho que é dar poder a quem o fez. Se aconteceu ou não, não pensei muito. Relativizei, essa é a solução. Acho que os portugueses brancos, vamos dizer assim, estão com uma capacidade muito maior de aceitação, caiu-lhes a ficha. Afinal, Portugal foi um país com colónias.</p> <p>p. 20</p>

Anexo 31 - Exemplo de aplicação da quinta operação proposta por Marcuschi

Transcrição	Entrevista/Artigo
<p>Disseste que gostaste muito de Angola, mas o que é que achaste do povo?</p> <p>Achei um povo muito caloroso. O meu pai é de Cabo Verde. Senti a mesma coisa que sinto quando vou a Cabo Verde: há uma aceitação, uma vontade de agradar, uma vontade de te fazer sentir um local. Andei de candongueiro lá! Eu a Rita Cruz e a Mina Andala. Decidimos ‘Epá desculpem lá, estamos aqui agora vamos de carro...’ Não, vamos apanhar um candongueiro!</p>	<p>Já disse que gostou muito de Angola. E o que achou do povo?</p> <p>Muito caloroso. O meu pai é de Cabo Verde e senti a mesma coisa que sinto quando lá vou: há aceitação, vontade de agradar, de te fazer sentir um local. Em Angola, andei de candongueiro com a Rita Cruz e a Mina Andala [actrizes]. E adorámos. Fomos ao Mercado de São Paulo e fomos muito bem recebidas. Só tenho a acrescentar que um dia gostava de trabalhar lá.</p> <p>p. 20</p>

Anexo 32 - Exemplo de aplicação da sexta operação proposta por Marcuschi

Transcrição	Entrevista/Artigo
<p>E eu sei porque também tenho raízes que não são...</p> <p>Eu não venho de uma família rica, nem nada desse género. Portanto, eu dou valor a estas coisas.</p>	<p>O que quer dizer com isso?</p> <p>Quando te pedem água, em vez de dinheiro... de repente tudo é fútil. E eu percebo porque não venho de uma família rica. Em Malange voltei ao zero, regresssei a mim, à Sofia, à miúda que queria ir brincar com eles. Aquela simplicidade e alegria contagiaram-me. Foi uma experiência muito forte e por isso quero repeti-la. Sinto que vim de lá uma pessoa mais rica.</p> <p>Disse que regressou às origens, que sabemos que foram difíceis...</p>

Anexo 33 - Exemplo de aplicação da sétima operação proposta por Marcuschi

Transcrição	Entrevista/Artigo
<p>Fiz o meu primeiro teste de imagem que correu relativamente bem, o segundo foi à frente do Moniz e do Pedro Curto e eu tremia – mas eu tremia! E o nosso director de actores António Melo: ‘ah, mas calma. Tu sabes fazer isto!’ e eu: ‘oh meu deus, eu não sei, mas ele está aqui, está aqui à minha frente!’. E foi engraçado porque o José Eduardo Moniz me disse depois de ver esse teste: ‘Vamos trabalhar...’. E esse ‘vamos trabalhar’ dele... não foi aquela coisa que toda a gente espera ouvir: ‘Está fantástico! Estás ótima!’. Não. Foi ‘vamos trabalhar’. E eu percebi aquele ‘vamos trabalhar como: ‘ok, eu consigo fazer isto e ele acha que eu consigo fazer e vamos mesmo trabalhar. E desde então não parei de trabalhar, mesmo na minha formação.</p>	<p>E aceitou logo?</p> <p>Foi uma coisa muito pensada. Falei com os meus agentes, com os publicistas e o meu primeiro teste de imagem correu relativamente bem. O segundo foi à frente do José Eduardo Moniz e do Pedro Curto e eu tremia, tremia! E o nosso director de actores, o António Melo, dizia-me: ‘Calma. Tu sabes fazer isto!’. E foi engraçado aquilo que o Moniz me disse depois de ver esse teste: ‘Vamos trabalhar...’. Não foi aquilo que todos esperamos ouvir. E entendi isso como: ‘Ok, eu consigo fazer isto, ele acha que eu consigo e vamos mesmo trabalhar’. E desde então não parei. Não fiz o Conservatório, não sou actriz de formação, mas tenho uma vontade imensa de aprender. Modéstia à parte, sei fazer muitas coisas. E por que não fazê-las?</p> <p style="text-align: right;">p. 18</p>

Anexo 34 – Portefólio “Festival Big Bang uma aventura na música”, *Tabu*, publicado a 30 de outubro de 2015, páginas 48, 49 e 50.





Festival Big Bang **UMA AVENTURA NA MÚSICA**

Durante dois dias as crianças foram ao Centro Cultural de Belém, para participarem na 6.ª edição do festival organizado pela Fábrica das Artes. Até porque, segundo Madalena Wallenstein, esta instituição «já tem o hábito de tratar este público como qualquer outro» - leia-se dos adultos. Nem esses ficaram indiferentes às maravilhas artísticas que a *Tabu* teve oportunidade de acompanhar

Texto de Simoneta Vicente Fotografias de Raquel Wise

Um piano minúsculo, uma guitarra e um violino. São alguns dos instrumentos que compõem esta Caixa de Ressonância que a *Tabu* encontrou num dos corredores do CCB. À volta, e por baixo desta caixa gigante, vive-se uma azáfama criada pelos jovens alunos dos 5.º e 6.º anos da Escola João Gonçalves Zarco, de Aljés, que vieram com os professores à 6.ª edição do Big Bang - Festival de Música e Aventura para um Público Jovem. «Alguns deles nunca tocaram num instrumento», explica a professora. É então compreensível que assim seja.

Na verdade, a sexta-feira passada foi um dia apenas dedicado às escolas, mas durante todo o fim de semana, nos dias 23 e 24, sentiu-se uma energia diferente da que corre habitualmente nesta casa. ►



«As crianças têm defeitos e esse efeito», confirma-nos Madalena Wallenstein, coordenadora e programadora da Fábrica das Artes, um projeto educativo que se tem focado na produção de «arte de qualidade e desinstitucionalizada». «Rica no ar uma energia bombástica, que não tem a ver só com a movimentação das pessoas, mas também com a energia criativa - especialmente se nos questionamos o que é que se passará em cada sala este ano». Numa delas, estiveram o pianista Filipe Raposo e o desenhador António Jorge Gonçalves, que nesta estreia absoluta a quatro mãos construíram uma narrativa não verbal, que exige a atenção e interpretação profunda do público. Noutra sala encontrámos os Noa Noa a cantar em mirandês, no concerto 'Babel ou quando todos falem a mesma língua'. Entrámos até no quarto da cantora Margarida Mestre, que pela sua mão nos convidou a sentar e a usarmos todos

os sentidos para ouvir a sua voz. Até os Dead Combo marcaram presença numa tenda. Alguns espetáculos aconteceram ao ar livre, como o da banda Hop Frog Fenfere, que até o mármore das paredes fez vibrar de alegria. Para acalmar, serviu-nos a Sonocópia, cujos labirintos e cantinhos oferecem múltiplos sons que nascem das placas metálicas e medaças que ecoavam por toda a sala, desafiando a nossa concentração. Completo e enriquecedor, o Big Bang revelou novamente ser um Festival diferente de todos os outros. Que o diga Marzia, mãe da Carmila, de 4 anos: «Estou sempre a procurar programas de qualidade para crianças e não há um mercado assim tão grande. Há muitos comerciais, sem qualidade. Até fui buscar a minha filha à escola de propósito para vir assistir. É importante para mim que ela desenvolva o lado artístico». ■

simoneta.vicente@sol.pt

Sociedade

MUDAR DE CURSO SERÁ MAIS DIFÍCIL

Rita Carvalho

rita.carvalho@sol.pt

Simoneta Vicente

simoneta.vicente@sol.pt

Quase 10% dos alunos mudam de curso no primeiro ano. Muitos só entraram numa licenciatura para conseguirem mudar para a que realmente querem. Ministério vai acabar com «abusos».

A média de 18 valores permitia-lhe entrar em muitos cursos, mas foi o de Medicina Dentária que Madalena Rodrigues, de 20 anos, escolheu. Bastaram-lhe poucos meses para perceber que o seu futuro não passava por aí: desistiu no início do segundo semestre. Acabou por voltar a candidatar-se e entrou em Sociologia (está agora no segundo ano). «Tinha uma boa média do secundário e muitas opções, só que há mais pressão da sociedade para seguir as áreas científicas. Mas aquele curso não tinha nada a ver comigo», conta ao SOL.

A vocação está na origem de muitas mudanças de curso no primeiro ano do ensino superior – que nas universidades públicas acontecem com 9,7% dos alunos e nos politécnicos públicos com 7,5% (no privado, as taxas são de 11,9% e 6,1%), segundo dados do Ministério da Educação e Ciência (MEC). Mas não são só muitos estudantes entram em cursos que não querem para poderem transitar mais facilmente para aquele que era a sua primeira opção, mas no qual não conseguiram entrar por falta de média.

Mudanças de curso logo no 1.º ano vão acabar

Ana Branco, de 22 anos, é um exemplo dessa tentativa de mudança, embora ainda sem sucesso. O seu percurso conturbado no ensino superior conta já com a passagem pelos cursos de Arqueologia e de Línguas, Literaturas e Culturas. O seu sonho sempre foi Ciências da Comunicação, mas nunca conseguiu entrar por não ter nota suficiente. Como os cursos são da mesma instituição – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas –, já tentou mudar internamente e também não conseguiu. Terá agora uma últi-

ma oportunidade, pois a inscrição numa faculdade caduca ao fim de quatro anos sem completar um ano de estudos. «Vou fazer o exame nacional de História para aumentar a média e conseguir entrar em Ciências da Comunicação», conta ao SOL.

O Governo quer acabar com formas «fictícias» de aceder ao ensino superior e prepara-se para impedir os alunos de recorrerem ao regime de transferência e mudança de curso logo no primeiro ano. Segundo a proposta de Regulamento dos Regimes de Mudança de Curso, Transferência e Reingresso no Ensino Superior, só depois de frequentarem um ano é que os estudantes podem pedir para ingressar noutro curso ou serem transferidos para outra instituição.

«O objectivo é evitar esta via-travessa de ingresso», explica ao SOL Daniel Freitas, presidente da Federação Académica do Porto, uma das 11 associações académicas e de estudantes que deram parecer positivo à maioria das alterações propostas neste novo regulamento.

O estudante admite que as vagas para a mobilidade que são fixadas pelas instituições «não estão a ser usadas preferencial-

mente por alunos insatisfeitos ou que mudam de zona de residência, mas como uma estratégia para os alunos que não conseguem entrar no curso que querem. Tem sido uma forma de contornar as regras do regime geral de acesso».

Agora, a mudança de curso só passa a ser possível a partir do segundo ano e os alunos são obrigados a ter as mesmas «condições habilitacionais» exigidas aos candidatos que vêm de fora. Por exemplo: quem quer mudar de Enfermagem para Engenharia Civil tem de apresentar notas de duas provas específicas (Matemática e Físico-Química), mesmo que digam respeito a exames nacionais feitos em anos anteriores.

Passar de politécnico para universidade vai ser proibido

Daniel Freitas reconhece que actualmente as regras das transferências variam de instituição para instituição, o que «gera injustiças», pois as que querem captar alunos facilitam a transferência. Já as que têm muita procura são mais restritivas e exigentes. O parecer das associações sobre a proposta do Governo, a que o SOL teve acesso, reconhece, por isso, que o novo regulamento vem «retirar a autonomia às instituições para definirem estas condições de acesso».

O Governo quer ainda introduzir uma mudança profunda ao proibir as transferências entre sub-



Bruna Reis já mudou de curso e não sabe agora se conseguirá pagar as propinas

sistemas de ensino. Ou seja, deixa de ser possível mudar de uma universidade para um politécnico e vice-versa. «Neste ponto, somos completamente contra», nota Daniel Freitas. «Esta mudança parte do princípio de que os cursos são diferentes entre instituições (muda-se o conceito de ‘mesmo curso’) mas na prática muitos não são: habilitam para as mesmas áreas e dão as mesmas competências profissionais».

O Ministério garante ao SOL que estas novas regras não vão impedir a mobilidade dos alunos nem estes ficarão impedidos de reconstruir o seu percurso através da transferência ou da mudança de curso. «O que se impede são os abusos conhecidos de

entrada fictícia num curso com o objectivo de entrar noutro, iludindo as regras de acesso e assim ultrapassar os colegas que seguem as normas prescritas. Com o projecto, procura-se aumentar a justiça do sistema numa perspectiva de rigor sem impedir a mobilidade».

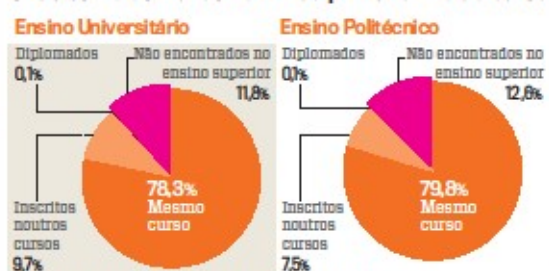
As novas regras estão ainda em debate. Além do parecer dos estudantes, a tutela vai agora apreciar os dos reitores e dos politécnicos.

Questões económicas e desilusão explicam abandono

Leandro Almeida, investigador da Universidade do Minho, diz que por trás do elevado número de desistências e mudanças de curso está também uma grande dose de frustração. «Por vezes, os alunos entram com ambições e expectativas demasiado elevadas e optimistas, sentindo particulares dificuldades na sua adaptação académica, pois algumas dessas expectativas simplesmente não se concretizam», diz ao SOL.

Além disso, acrescenta, «entram com expectativas marcadas por uma especialização científica e técnica na área do seu curso e de uma dada profissão escolhida e por vezes, no 1.º ano, as unidades curriculares são demasiado teóricas».

Onde estão os alunos ao fim do primeiro ano do curso



FONTE: Inquérito ao Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior - RADES, O BIEC/MEC

Cursos com mais desistências/mudanças (% de alunos inscritos em 2011)

Agricultura	26,8
Ciências/Matemática/Informática	25,3
Engenharias/Indústrias	23,9
Transformadoras e Construção	23,9
Artes e Humanidades	22,8
Ciências Sociais/Comércio e Direito	21,2
Educação	19,4
Serviços	17,5
Saúde e Protecção Social	12,7

FONTE: Direcção-geral de Estatísticas da Educação Científica



Mais de 12 % dos alunos deixam o ensino superior

Estudantes abandonam o curso logo no primeiro ano. Muitos por dificuldades económicas.

Um ano depois de entrarem no ensino superior, 12% dos alunos não foram encontrados em nenhum estabelecimento de ensino – ou seja, desistiram. Os dados são da Direcção-geral de Estatísticas da Educação e Ciência que em 2012 foi à procura dos alunos que se tinham inscrito pela primeira vez em 2011. O Ministério da Educação garantiu ao SOL que esta taxa de desistência «é relativamente baixa numa comparação internacional e não tem aumentado».

Preocupado com este assunto, o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas foi analisar as causas do abandono. As

conclusões do estudo feito em 2013 não referem o aumento deste fenómeno mas, entre as suas causas, apontam questões financeiras. «Ainda que não possa ser exactamente quantificado, o abandono escolar baseado em dificuldades económicas existe. No entanto, não é uma situação completamente isolada e desligada dos restantes aspectos da vida do estudante», reconhecem os reitores. E acrescentam: «As medidas que provocaram a redução do número de bolsiros criaram dificuldades, acrescidas à frequência do ensino superior por parte dos es-

tudantes com maior vulnerabilidade económica». Em 2009, o Estado apoiou 75 mil bolsiros e, em 2013, 62 mil. Outro estudo recente da DGEEC concluiu que a taxa de abandono é mais baixa entre os bolsiros.

Orlinda Tavares, do Centro de Investigação de Políticas de Ensino Superior, diz que «estudar para ter um grau académico é entendido pelos alunos como um esforço que compensa, também, em termos económicos». «Mas muitos não conseguem suportar os custos e procuraram empregos precários, a tempo parcial ou total, para ajudar a pagar as despesas – tornando-se às vezes difícil conciliar tudo, levando ao abandono».

R.C.

Orlinda Tavares, investigadora do Centro de Investigação de Políticas de Ensino Superior, refere que os alunos preferem o público ao privado e o universitário ao politécnico. «Quando não têm as médias exigidas para determinados cursos mais selectivos e para instituições universitárias públicas, não escolhem em função da sua preferência mas do critério económico da proximidade. O facto de não estarem na instituição preferida pode levá-los a pedir transferência, a parar temporariamente para melhorar as médias ou simplesmente desistir».

Para Daniel Freitas, presidente da Federação Académica do Porto, é preciso dar mais apoio aos alunos insatisfeitos e em risco de desistência. «É preciso que as instituições acompanhem os estudantes e ajudem a reorientá-los para o sistema, antes que eles desistam».

O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) considera que as situações de abandono escolar podem ter várias explicações: «Questões de ordem vocacional, dificuldades em corresponder ao grau de exigência da formação superior, dificuldades de gestão de tempo/carga horária (especialmente no caso dos

mestrados), desmotivação gerada por expectativas goradas, défices de formação de base, percepção de dificuldade de empregabilidade em algumas áreas e dificuldades económicas ou entrada no mercado de trabalho».

Muitos param por causa das propinas

A história de Bruna Reis tem um pouco disto tudo. De 22 anos, entrou em Estudos Asiáticos em 2010 e como o curso não tinha a componente de língua que desejava (o coreano) mudou-se para Línguas, Literaturas e Culturas, mas teve de fazer uma pausa devido a um problema de saúde. Depois, escolheu fazer o *minor* em Ciências da Linguagem: um mini-curso com cadeiras realizadas de opções livres que tem a duração de um semestre. A ideia era pedir depois a transferência para esta licenciatura, mas não tem recursos financeiros suficientes.

«Nem sequer quero enfrentar o facto de que tenho um ano de propinas ainda por pagar à faculdade. Há muitas pessoas que param ao fim de um ano porque deixam de conseguir pagar as propinas. Neste momento, a minha dívida impede a minha reinscrição porque não sei se vou conseguir continuar a pagar», explicou ao SOL.



Dr^a MARIA ADELAIDE SANTARINO MARTINS MARTIN DA FONSECA
(Viúva de Dr Emilio Martin Fonseca)

FALECEU

Seus filhos e restante família, participa o seu falecimento. Estará em câmara ardente hoje 12 a partir das 17:30 horas nas capelas Exequiais de São João Deus. O funeral realiza-se amanhã dia 13 pelas 15:15 horas para o Cemitério Alto São João. Às 14:45 horas será celebrada Missa de Corpo Presente.

Será realizada a Missa de 7º Dia, dia 21 pelas 19:00 horas na Igreja São João Deus.

Anexo 36 – “Histórias ao sabor da corrente”, *Caju*, publicado a 20 de março de 2015, páginas 32 e 33

apostas ou comida. E eu só tinha livros, papel...»

Esses ‘papel’ estavam destinados a tornarem-se diários pessoais, um processo que relembra como longo e complexo: «uma criança de sete anos nunca tinha visto um livro». A falta de alfabetização e a diversidade de línguas foram uma barreira que os desenhos feitos para cada diário permitiram ultrapassar. De objecto insignificante a diário pessoal, os refugiados desenhavam a sua própria história. Histórias essas de fuga constante, marcadas por travessias. «As próprias crianças relatavam que se escondiam nos barcos para poderem atravessar os rios. Combinavam com os pais para se encontrarem, o que por vezes não acontecia...», recorda Margarida.

«O objectivo é ir para uma comunidade, trabalhar com as crianças, perceber como é o seu dia-a-dia e expor isso em livro»

A narração, quer textual ou visual, obedecia a um plano que todos construíam: na primeira parte desenhavam o passado, no fim os sonhos e o futuro. Pelo meio havia o presente, retratando-se a vida no campo. «Para mim foi uma revelação trabalhar a imagem nos diários. Eles olhavam-nos de uma forma que uma criança portuguesa não olha: quando desenha algo, quer fazer igual à Disney, está à procura do cânone. Lá não – é um olhar fresco, desenhavam o que viam».

Cada viagem, um livro

Depois de um ano em Moçambique a absorver experiências e conhecimentos, o passo óbvio foi escrever e ilustrar

«Quando fico muito tempo parada a trabalhar com as mesmas pessoas, fico muito cansada. Gosto muito de desafios. Sinto que é a minha adrenalina»

Um livro para crianças. *Eva/Eva* foi o primeiro da colecção Poka Poka, parte integrante do ‘Encontro’, um projecto artístico de intervenção comunitária que celebra o encontro entre diferentes mundos e culturas. «O objectivo é ir para uma comunidade, trabalhar com as crianças, criar uma relação empática, perceber como é o seu dia-a-dia e expor isso em livro. É mesmo quando o livro já está produzido e lançado, a história é continuada através de exposições e sessões de leitura, algo que não irá fazer nos próximos tempos por causa do bebé Gabriel que vem a caminho...»

Uma vez iniciado o périplo, ‘ficou com o bichinho’ e praticamente não parou de viajar, sobretudo para países lusófonos. «Quando fico muito tempo parada a trabalhar no mesmo sítio com as mesmas pessoas, fico muito cansada. Gosto muito de desafios. Sinto que é a minha adrenalina. Eas outras, que é sempre outro. E quando deixa de ser outro, passo eu a outro», diz a ric.

Em Agosto de 2012, bem no meio das histórias que começam com o ‘era uma vez’, Margarida Botelho e Mário Rainha Campos apunham boleia com um pescador e foram de barchinho para Karara, uma aldeia indígena Kayapó localizada na bacia do rio Xingu, no estado brasileiro do Pará, que originou o livro *Yara Yara Eva Eva*, seguiram até Atecu, uma pequena e ainda isolada aldeia piscatória situada na costa nor-

te da ilha de Atafu, em Timor-Leste, o cenário ambiente de *Lya/Lia*.

Mas a que se deve a repetição dos nomes nos títulos? Tudo tem que ver com o conceito de ‘encontro’ de duas crianças diferentes que vivem em lugares distintos. E que descobrem mutuamente as diferenças entre as suas culturas, que afinal poderão ter mais em comum do que se imagina.

É esse aspecto que Margarida parece retirar da experiência de encontro e descoberta. O desconhecido não a assusta – muito pelo contrário, motiva-a. «O desconhecido vai-se tornando conhecido. Começas a perceber que és muito parecido com o outro. Acaba por haver um padrão que te conforta»

«O desconhecido vai-se tornando conhecido. Começas a perceber que és muito parecido com o outro. Acaba por haver um padrão que te conforta»

multo parecido com o outro. Há sempre uma familiaridade, e isso cria logo uma empatia. Há sempre coisas que tu conheces – o pai, a mãe, o avô, a avó, as festas, os rituais. Ou seja, acaba por haver um padrão que te conforta».

É com esta confiança que a artista-educadora olha e encara a imensidão do mundo, esperando de como e para onde a próxima corrente a guiará. Diz que poderá ser Cabo Verde, daqui a cerca de um ano para que Gabriel, o bebé que carrega o que está por fazer para conhecer o mundo, tenha algum tempo para crescer «e desenvolver o sistema imunológico». «A nossa vontade é continuarmos o projecto os três, rematou com um sorriso.»

simoneta.vicente@sol.pt

Anexo 37 – “Uma bailarina improvável”, *Caju*, publicado a 24 de julho de 2015, páginas 6, 7 e 8

PERFIL

Uma bailarina IMPROVÁVEL

Aos 13 anos nada sabia sobre *ballet*, mas assim que fez o primeiro *plié* Misty Copeland soube que o propósito da sua existência era o *balé*. Contra todas as probabilidades, esta arte resgatou-a da pobreza, mas foi também motivo de muita mágoa quando as companhias de dança ignoravam o seu talento devido à cor da sua pele. Hoje, é a primeira afro-americana com estatuto de bailarina principal na *American Ballet Theatre*

Texto de Simoneta Vicente

De fato de treino vestido e de meias de desportistas. Esse pode não ser o traje mais óbvio de uma bailarina, mas a verdade é que o campo de basquetebol foi o cenário ambiente da primeira aula de *balé* de Misty Copeland. Tinha 13 anos quando um dos professores da secundária onde estudava, a San Pedro Boys and Girls Club, na Califórnia, ficou impressionado com a fluidez dos seus movimentos e aconselhou-a a ir a uma aula de dança clássica. «E ali estava eu a tentar descobrir o que era isto de *balé*. Nunca tinha sido apresentada a esta arte e nunca tinha sequer ouvido música clássica», disse no programa 60 Minutes, da CBS News.

E, de facto, foi o *balé* que encontrou Misty e não o contrário. Hoje, ocupa o cargo mais alto que se pode ter no mundo da dança – é a bailarina principal da companhia American Ballet Theatre, mas antes chegou a partilhar um quarto de motel com a mãe e mais cinco irmãos. Tudo começou naquela aula leccionada pela bailarina Cindy Bradley, para quem Misty e prodígio começaram a ser sinónimos. «Não sei bem expressar com palavras o que senti quando vi dançar, mas foi quase como uma visão do que ela poderia vir a ser um dia. Sabia que ela faria parte do leque das melhores bailarinas», disse a professora de Misty, Cindy Bradley.

A partir daqui a vida de Misty nunca mais voltaria a ser a mesma, embora a chegada ao topo tenha sido uma viagem atribulada. E que antes de enfrentar os preconceitos da sociedade em relação ao seu tom de pele, teve de encontrar coragem e lutar contra a sua própria mãe. A verdade é que Cindy não só foi o seu cartão de entrada para o mundo do *balé*, Consciente do raro talento que via florescer, foi ela que sugeriu à sua jovem pupila que trocasse o motel – onde usava a vedação do alpendre como barra de apoio aos seus *plés* e *piruetas* – pelo seu confortável condomínio, onde chegou a viver durante três anos. Com receio das dramáticas mudanças que esse tempo representava na vida de Misty, a

sua mãe decidiu que estava na altura de regressar a casa e crescer junto dos seus irmãos.

Desafiar as probabilidades

Fortemente determinada, ainda de baixo das suas da família Bradley, Misty recorreu à justiça para tentar emancipar-se da sua mãe, tudo sob os olhos e o vício da imprensa americana. «Não queria deixar de dançar, e voltar ao motel era algo que eu simplesmente não podia deixar que acontecesse. Não podia deixar que o meu próprio futuro me desviasse das mãos». Não saiu vencedora, pois desistiu do processo passados uns meses, mas este não representava, de todo, o fim do que viria a ser uma estonteante carreira de bailarina.

Desafiando todas as probabilidades, girou no ano seguinte uma bola de estardo na American Ballet Theatre, com apenas 17 anos. A precocidade e a coordenação corporal e a convicção resposta à música prenderam a atenção do diretor da prestigiada companhia de dança, onde mais tarde foi promovida a solista. O público fixou os olhos nela quando dançou três famosos *balés* como Dora Quintana, Romeo e Juliet, Beá Adamec, e até mesmo quando –

interpretou o papel duplo de cisne branco e negro no *Lago dos Cisnes*. Considerada por muitos uma bailarina improvável, Misty começava agora a destacar-se num mundo onde existe pouca diversidade cultural, onde ainda prevalece um mar de cisnes brancos – é de referir que nos 75 anos da história da ABT foi a primeira afro-americana a ser promovida a bailarina principal.

Mas antes disso, os obstáculos e desafios foram muitos e constantes. E tão representativos do que grande parte dos afro-americanos passam no país das

Misty rejeita-os e vai mais à frente. Redefine-os. Quebra o padrão e afirma-se como a prova viva de que, com a quantidade certa de teimosia, talento e trabalho se quebram barreiras e se criam caminhos para as gerações futuras. A tenacidade que Misty emana levou mesmo a que a *Times* a tivesse considerado uma das 100 pessoas mais influentes do mundo, tendo sido capa desta revista no passado mês de Maio. «O meu objectivo é estabelecer um exemplo positivo para os bailarinos que representam uma minoria; fazer com que seja mais fácil para eles

«O meu objectivo é estabelecer um exemplo positivo para os bailarinos que representam uma minoria»

oportunidades que inspirou uma marca de roupas desportivas no momento de realizar um vídeo publicitário. Misty aparece a dançar com a elegância que lembra uma boneca de caixinha de música, mas o que se ouve são as razões que levam uma companhia de dança a rejeitar um candidato. Palavras fortes que ainda hoje a emocionam: «Disseram-me que não tinha o corpo certo, que os meus músculos eram demasiado salientes, que as minhas mamas eram demasiado grandes», disse à *CNN*.

Dançar pelo progresso

Consciente de que todas estas opiniões são de uma indústria que se define por estereótipos,

daqui para a frente», disse à *The Edit Magazine*.

Aliás, foi isso mesmo que, há três anos, a motivou a suportar em segredo as dores torturantes de seis fracturas de stress na tibia, três delas quase rupturas completas do osso, na altura de dançar *O Pássaro de Fogo*. «Dota-me andar. Mas decidi fazê-lo em homenagem à comunidade afro-americana que iria estar presente, e que estava agora consciente do que simboliza uma mulher negra desempenhar este papel, naquela casa», disse no *60 Minutes*. Os médicos disseram-lhe que nunca mais voltaria a dançar. Ainda bem que estavam enganados. ●

simoneta.vicente@sol.pt



Procura de copos menstruais dispara

Sónia Balastreiro
sonia.balastreiro@sol.pt

Chegaram há cinco anos e desde 2014 as vendas não param de crescer. Mulheres jovens são principais utilizadoras das ‘cup’.

Foi a preocupação com o ambiente que levou Inês, de 27 anos, a experimentar a ‘cup’, o nome dado ao copo menstrual pelas suas utilizadoras. Antes de utilizar este produto – que recolhe o fluxo, em vez de o absorver como os tradicionais pensos higiénicos e tampões – procurou informar-se. «Comecei por ler artigos na internet, sobretudo em sites ecologistas e interessou-me», conta a jovem lisboeta ao SOL. O valor, porém, era um entrave: «Não queria gastar muito dinheiro» – os preços oscilavam na altura entre os 20 e os 30 euros.

Mas quando, há cerca de um ano e meio, lhe apareceu no feed de notícias do Facebook uma promoção de um copo menstrual que poderia comprar, na página da Fleurcup, a marca em causa, por menos de dez euros, Inês não hesitou. Encontrou o copo que, como descreve, alterou a forma como se relacionava com o próprio corpo. «Mudou a minha vida e o contacto com o meu corpo», garante.

A experiência de Inês ilustra uma preferência de cada vez mais portuguesas por esta alternativa ‘amiga do ambiente’ que entrou recentemente na ribalta mediática por constar no programa eleitoral do Pessoas-Animais-Natureza (PAN), partido que elegeu um deputado nas últimas legislativas.

20 mil copos em cinco anos
Segundo dados da consultora IMS Health avançados ao SOL, foi há cerca de um ano que a procura de copos menstruais disparou em farmácias e parafarmácias: em apenas três meses foram vendidos 477. Desde então, a procura deste produto reutilizável em silicone não parou de aumentar.

Só nos primeiros seis meses de 2015, foram vendidas 1.854 ‘cup’, quase tantas como as 2.142 com-



pradas nos dois anos anteriores juntos (ver infografia).

E a venda direta nas farmácias está longe de ilustrar a realidade. Só a Pegada Verde, empresa da zona de Torres Vedras dedicada à venda de todo o tipo de produtos ambientalmente sustentáveis, que representa a finlandesa Lunette em Portugal, vendeu, desde 2009, 20 mil unidades de copos pelos diferentes canais de distribuição, diz uma das responsáveis da empresa, Sofia Catarino: «O online começou por ser o ponto de venda inicial», refere, acrescentando. «Mas estendeu-se rapidamente a outros canais – farmácias, lojas de produtos naturais, clínicas».

A Lunette foi uma das primeiras marcas a aparecer no país, há cinco anos, mas hoje há já várias empresas que comercializam estes produtos, como a Easycup, a Meluna ou a Sangool Copo, marcas que constam nas estatísticas da IMS Health.

Cup versus tampões

Um dos principais atrativos do copo menstrual para quem o usa é a sua reutilização, que pode estender-se por cinco anos. Foi precisamente o motivo que levou Isabel Martinez, atriz e desportista, a decidir experimentá-lo. «Eu já reciclava, e apercebi-me da quantidade de resíduos que,

nós, mulheres, produzimos com os pensos e os tampões», conta a jovem de 23 anos.

Uma invenção americana

O destino destes produtos compostos por algodão é, muitas vezes, a incineração ou o aterro, explica, por seu lado, Carmen Lima, especialista em resíduos da associação ambientalista Quercus: «Mesmo que sejam produzidos com materiais biodegradáveis, não são separados no lixo doméstico». E em aterro, por exemplo, ficam sem oxigénio e, portanto, não têm como biodegradar-se, permanecendo por dezenas de anos no subsolo, aponta a mesma especialista.

Oriundas nos EUA, onde começaram a ser utilizadas já nos anos 30, as ‘cup’ chegaram à Europa já este século, através, sobretudo de países do Norte, como a Finlândia ou Holanda, onde a consciência ambiental é uma das prioridades.

Em Portugal, começaram por ser mulheres com mais de 30 anos a experimentar esta alternativa, em 2009 e 2010, refere a responsável da Pegada Verde, Sofia Catarino. «Inicialmente notámos que a procura se dava mais entre mulheres a partir dos 30. Um público mais informado, que conhece e se sente mais à vontade com o seu próprio corpo». Neste momento, porém, a

procura, já está «distribuída por idades».

E grande parte das pessoas que aderem a esta alternativa são mulheres entre os 20 e os 30 anos. Inês, por exemplo, não conseguiu convencer a mãe, que «acha muito estranho e desconfortável usar um copo durante o ciclo». Mas, garante, ela própria ficou «tão satisfeita com a experiência» – passadas as dificuldades iniciais de colocação, que ultrapassou em poucos dias –, que já tem pelos menos cinco amigas que utilizam a ‘cup’. «Só tenho de o mudar de 12 em 12 horas, durante o banho. Nunca o sinto e também me permite perceber que o período não tem nada de sujo, é natural, faz parte do facto de eu ser biologicamente mulher», conta.

Mudou a minha vida

O mesmo entusiasmo é partilhado por Isabel. «Faço imenso exercício», conta a jovem que descobriu o copo há cerca de um ano através da namorada. «É ótimo! Parece que estou a fazer publicidade, mas é verdade: Mudou a minha vida», diz, lembrando que tanto os pensos como os tampões, que não voltou a usar, «eram bastante desconfortáveis». Como Inês, no início precisou de adaptar-se: «Foi um pouco difícil. Consegui para aí na terceira tentativa, mas depois simplifiquei-me tanto a vida que comecei a recomendar às minhas amigas». E desmistifica: «É mais higiénico e é fácil de lavar. Além disso, faz-me sentir mais segura, porque não posso estar a sair dos ensaios para trocar o tampão».

Para Simone, estudante de jornalismo de 22 anos, que começou a utilizar o copo menstrual há cerca de dois, foram as questões ecológicas que começaram por pesar. «Cresci a ouvir os professores a falar na necessidade de proteger o planeta. Quando soube que havia esta alternativa, pareceu-me uma forma de contribuir». O conforto que sentiu fez-lhe optar definitivamente pela ‘cup’.

Uma questão de saúde

Estudos realizados em 2011 pela Universidade de Beira Interior em parceria com a Associação Portuguesa de Ginecologia e a Pegada Verde, concluem que a utilização destes copos menstruais é segura para a saúde feminina. Segundo Angélica Barros, uma das autoras das investigações que envolveram 200 mulheres, uma das vantagens em relação aos pensos higiénicos e tampões é o facto de o copo produzir menos bactérias. Além disso, de acordo com os estudos, este produto não aumenta o risco de certas doenças, como infeções urinárias e ginecológicas, ao contrário do que sucede com os métodos mais tradicionais. S. B.